Francisco Miguel de Moura

DOM XICOTE

Editora
SARAMANDAIA

1

O vento e as lembranças carregam D. Xicote para o insondável, como nos sonhos em que não se pode despertar. De outras vezes já foi até onde a água se torna apenas um filete no caixão do rio, sem temer os buracos da estrada, os galhos secos das árvores, a poeira nos olhos.

De cócoras em cima de uma pedra, à beira daquele volume imenso de água doce, que pode fazer mais? Nestas paragens, água é sede, pedra é lixo. As sombras foram consumidas pelo fogo de outubro. Pequenas folhas secas se entramelam pelos seus pés como perseguindo-o. Tanto esforço e dinheiro em vão neste mundo solitário dos homens.

De inopino chega-lhe um grito de revolta e ecoa no vale. Não há perdão para a cidade e sua política. Não compreende como se vive tão mal e tão junto, tantos gênios de ações nulas, tanta mentira e crueldade.

Joga a metade do cigarro no meio das águas, com um gesto de desprezo. Ele bóia, vai na onda. Depois fica parado. D. Xicote se arrepende. Tira a camisa de meia e dá um salto na água, sem pensar num possível ataque das piranhas famintas. Recupera a bagana, enfim, e volta e enterra-a na praia artificial ali em frente.

O último dos últimos!

Suas palavras não fazem eco, não há ninguém por testemunha. Em breve não haverá nenhum país. Ecologistas de merda vêm, sujam e se vão. E na cidade ficam a gastar papel com protestos, bobagens, inconscientes de que estão poluindo no seu próprio ato.

Há tempo os peixes dormem., os poucos que resistem: branquinhas, curimatás, mandis, piranhas, e nas locas talvez algum corró. Tudo parado. Ninguém belisca seu anzol. Cadê a próxima isca? Tanta água desaproveitada, uma tristeza. Quantos animais

Digitalizado com CamScanner

e árvores e ervas e arbustos não morreram no fundo do vale, para dar lugar a outras vidas que seriam os cardumes de várias espécies!

Não fosse o vento... É o que compensa vir aqui.

Mariquinha e seu Fulgêncio estão sepultados na memória. Se ainda são vivos, mudaram-se para lugar distante. Ela talvez viva e moça. Bonita como naquele tempo? Ou mais? Velho não se muda, não consegue assimilar alimento e cultura em região que não a sua, o corpo cansado já não gera energia, não rejuvenesce, não reflora.

A escuridão da noite se aproxima.

Uma coruja, espantada com o assoado do pescador solitário, pia. Os grilos cricrilam e os pirilampos, mudos para os ouvidos humanos, acendem seus fachos de curta glória.

O estômago dói.

A natureza sente, nos seus humores, angústias, melancolia e pena de viver. Dor e seus mistérios sem limite.

D. Xicote pega o velho jipe de seu Chagas, vizinho de Amanda. Nunca faltou, sempre o empresta. Felizmente a máquina também não falha. Mas a pescaria solitária lhe rende apenas algumas piabas e duas curimatãs, e um mundo de lembranças que voltam como nuvens em caravana, nas sombras da noite sem lua, e se fixam corroendo o tempo.

Há quarenta anos o vale do rio era uma riqueza. Bem que o padre Meira e o deputado José Murilo adivinharam a mesquinhez da política de província, desinteressada do amelhoramento da região e de que o povo recebesse alguma mensagem governamental que não fosse a cobrança de tributos. Outros padres e deputados vieram depois deles. E gastaram o dinheiro dos empréstimos dos Estados Unidos, da Alemanha, do Japão, para a construção da Barragem. Enfim, chegou a vez dos construtores, já não era possível reinaugurá-la sem sua existência. Agora deixam-na entregue às moscas, sem nenhuma vantagem econômica, servindo de refúgio aos ricaços da cidade, nos fins de semana, que trazem suas farofas, galetos e copos descartáveis, acompanhados de cervejas e uísques. Poluidores do universo!

E é tudo.

Digitalizado com CamScanner

Há quarenta anos, lá no fundo, vivia a Fazenda Boa Vista, nome a que bem fez jus. Dentro e além dela, a floresta. Mato seco na seca, mas bonito no inverno. Os paus-d'arco, que lindas flores roxas ou amarelas pelo mês de setembro! Os angicos que se perderam, as aroeiras que se transformaram em lama, as imburanas que sumiram, matéria de remédio pra curar gripe, pereba, dor do peito. Os bichos pequenos: preás, tatus, tamanduás e guaribas, até ratos e lagartixas.

Os homens não sabem o que fazer das coisas do mundo. O líquido precioso que inundou o vale do Guaribas também é bom e belo. Pode fluir pelo rio abaixo, deixando-o sempre rio, sempre vivo. Mas, nada disto. Eles são uns tiranos. Se a água fosse aproveitada para irrigação daria tanta batata, abóbora, melancia, que era capaz de matar a fome da Terra dos Condenados a Curralinho e arredores.

A Barragem ficou, o rio morreu.

Mariquinha, Mariquinha, teu nome revolve as cinzas da minha infância perdida, teu sorriso gravou-se indelével na alma deste animal que chamavam de Xico. E agora é nada. Quem poderá esquecer-te, mesmo que te tenha visto uma só vez?

Lembranças que apaziguam a angústia de viver, tão-só.

E Amanda? Quem é Amanda? Quer transformar o mundo para o bem e o amor. E busca ajuda! Coitada! D. Xicote é um covarde. Se não é, parece. E no mundo de hoje, quem parece será, para todos séculos.

A palavra fica. As letras o socorrem. D. Xicote viveu o romance juvenil de uma noite. Agora, Mariquinha é todo esse fogo da imaginação. Quer reescrevê-lo para tocar, assim, o coração de quem não conhece ambos. E são muitos. Como era linda ao nascer do dia, sem pente nem cheiro, sem vestido bonito, sem chinelos, pisando a terra molhada de urina de vaca e bezerro, no curral da Fazenda Boa Vista! Cheiros que se foram. Berros que seus ouvidos gravaram para sempre. Com o amor que só na infância é possível.

É impossível!

Se fosse com Amanda... Espere... Tem horas em que as duas são uma só pessoa, uma se transfunde na outra. Elas se

Digitalizado com CamScanner

parecem em que traço? Não pôde encontrá-lo? Um dia encontrará, se for verdade. Ah, seu defeito hereditário! Vem do lado de D. Morena que se queixava de não gravar coisas pequeninas, sutis, como as feições de uma criatura.

Vontade de escrever, preencher o tempo e encontrar-se com ele, o que passou. Dizem os teóricos que é com palavras que se escrevem romances, cinqüenta mil são suficientes para um, e quanto menos repeti-las melhor, mais rico o texto, mais forte, mais emocionante. Que sabem eles do romance, do conto e da novela? Nunca escreveram unzinho sequer. Romance também se faz de som e desespero. De espaços e ausências. De tempo. Da fúria da vida. Da morte. Por isto vai lembrando de Bigó, o que se foi e, provavelmente, não escreveu nada. Nem voltará. Mas anda, conhece, e sobrevive. Sozinho. Queria ser um Bigó, de calça e camisa listradas, sapatos de segunda mão, chapéu de massa quebrado dos lados, alguns tostõezinhos no bolso e pé na estrada do mundo. Bahia, Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul, a última notícia. Teria ido parar na Argentina. Viver... Só é preciso viver com dignidade. E ser digno é ser livre, andar com a cabeça e os pés, criando sua própria existência.

Difícil juntar tudo de uma vez. Outras reflexões nascem ao som monótono do jipe a rolar na piçarra. Tudo lhe dá a sensação gostosa de dormência, de sono, desejo de cama. Perigo. Precisa ficar atento. Vai passando em frente ao Morro do Quebra Pescoço, uma luz o alumia lá em cima. Sussuapara! Aqui pretende montar sua residência definitiva. Comprar um sítio e vir aí viver e morrer com Amanda.

Mais dois quilômetros. As luzes da cidade ainda acesas.

O tempo pára, o carro não pode, precisa chegar a seu destino.

E Amanda? O primeiro descanso, a primeira luz, o primeiro posto? Ó querida Amanda, amaremos como nunca, esta noite ou amanhã. Será o selo.

*

Chega faminto, forra o estômago com o baião-de-dois e um caldinho gordo de carne guardados do jantar, por mãos

Digitalizado com CamScanner

carinhosas, na geladeira a querosene recém-adquirida por ela, rompendo todas as dificuldades financeiras. Que gostosura! Melhor iguaria que aquela só a de D. Morena, que muitas vezes deixou de comer um punhado do que mais gostava para dar ao filho.

Meu amor, dorme! Que fique em sua maravilhosa quietude.

Cansado da viagem, D. Xicote adormece fundo, na rede grande da sala, sem dar conta de sua chegada aos demais. Ganhara recentemente uma chave da porta de fora, a seu próprio pedido. Para não perturbar a tranqüilidade de Amanda, àquelas horas descansando da estafa diária, da espera.

Na solidão.

E por que se demora tanto em suas pescarias sem futuro, como já falou o Ananias e a própria D. Remédios? Quem sabe das intenções alheias?

Pequena tranqüilidade volta ao coração de D. Xicote na hora dos sonhos de menino. Ou de manhã, à beira do fogão, ouvindo histórias, na voz que aprendeu a amar. Interromper seus desejos, suas palavras, seria castigá-la outra vez, se as duas são uma. Para D. Xicote, ninguém lhe tira da mente: com certeza Deus lhe concede uma segunda oportunidade. E encontrará meios de descobrir.

Não pode fazer da vida um constante pesadelo.

Digitalizado com CamScanner

2

Um constante pesadelo! Não pode!...

Ouve uma voz feminina. Alguém que passa. Um jumento, a mulher no meio, a filha na garupa e uns troços formando o que seria a carga de cacarecos. Virou-se, levanta, na tentativa de acompanhá-las para saber da coincidência de fala, de pensamentos.

Sumiram. Não vê nem ouve mais nada. O sol se escancha sobre o lombo da mata, derrubando as folhas, fazendo estalarem os garranchos e as cascas das vagens. A estrada ficou serena, a mata sem um pio de passarinho, sem o chiar de um calango.

Amanda, Amanda! Você não pode ser meu pesadelo. Você é meu amor, minha querida. Quem fez isto contigo? Por que estás tão quieta, aí, deitada no chão, com os olhos abertos, mas sem nada mexer?

Era como se perguntasse. E nem pôde falar. De sua garganta seca - vinha já com muita sede - não saía uma só palavra. Movimentos não havia. O corpo paralisado totalmente como o dela. Morto de temor por sua vida. Será que...?

Qual é o teu segredo?

Quando isto começou?

Como terminará?

Eu sou um desgraçado.

*

Nada, nunca, ninguém sabe? Mostra-me a tua alma.

É ela que vem, toda de branco? Não é Mariquinha. Talvez Jaci. As três se mostram numa sombra em série como se estátuas a projetarem-se no espaço da sala e em parte da parede que dá para os fundos.

Digitalizado com CamScanner

Acorda com dores nos ombros, percebe que não é manhã pelas frinchas do telhado, tem que esperar até de manhã pelo remédio que Amanda prepara com todo o cuidado, disposição e boa vontade. A alma desapareceu na escuridão do quintal. As velas, quatro, queimam com aquele cheirinho enjoativo de estearina, de defunto, de gente morta, e mesmo nas novenas lembram um velório. Acende as narinas como jumento no cio e não sente. Entram as doidas indagações da vida, entre dormindo e acordado, mexendo-se na cama. Levanta-se, vai ao urinol, sem mexer-se, roncando, cala, ressono normal de quem se acalmou e está bastante saudável para que ninguém se preocupe.

A conta. O pedaço de folha de caderno com números escritos a lápis, não enxerga nada, os olhos não abrem mas vê, é o bilhete, intimida Mestre Manu, se não pagar dentro de uma semana corta o fornecimento, a assinatura bem grande do bodegueiro em letras de forma mal desenhadas: GODÔ. De cada uma sai fogo e fumaça, o comerciante aparece aos olhos do homem irado atrás da balança que rouba, no meio das caixas de sabão, segura o rolo de fumo com uma faca afiada na mão, o papel pula no ladrilho, o pai nem tenta apanhá-lo. Desrespeito, eu sou o Mestre, olhe os meninos desmoronados, nus, de barriga pregada na espinha, as costelas aparecem, todos os ossos. Do tempo de menino (e ele Xicote não é menino). Desânimo/quietude/mudez, uma estátua de barro consegue coçar a cabeça pequena, sinal de vida do Mestre. Aí Xicote, Susana, Elzinha se olham tristes, pensativos, antes de se voltarem para suas brincadeiras com ossos/botões/pedras/vacas gordas/ovelhas com os ubres enormes. A cabra pula e vai embora, não há mais leite, as bonecas e as meninas desaparecem. Nem farinha. A roça de mandioca foi queimada na fogueira de outubro que ardeu até chegarem as chuvas de dezembro/janeiro que levantavam poeira no mundo.

Lusbel, Lusbel!...

Lá vem de orelhas murchas a burra de seu Armindo, arremete em sua direção, animal sabido, lerdo, bonito, com quem namorou na viagem para Lagoa Comprida.

Mestre Manu corre pelas capoeiras para pegar alguns pingos de chuva com a mão, a cigana, ela corre atrás para ler sua sorte,

Digitalizado com CamScanner

o homem se transforma no toco oco, no velho maluco. Na roça só areia branca, no morro de pedra, no barro vermelho correndo pelo tabuleiro cor de sangue e o Mestre estremece na cama, revira os olhos, dá novos urros como animal e continua a escramuçar, é pago pela prefeitura, o prefeito morreu, salário merda, a mulher manda, sovina, em atraso na quitação com o bodegueiro, as roupas trapo, nus, na praia de nudismo a fazer sacanagem, as crianças com gripe, as vulvas crescem, os pintos murcham, comida rala. A seca se escancha, tudo triste, o sol atrevido aberto sem nuvens cega, "é crise seu Manu", "é a crise seu Ezequias", gargalham, não lembra de pessoa com esse nome. E ele está ali, carne viva, o Mestre vai com a língua aos lábios molhando-os num movimento circular, move o gogó, provoca no filho desassossego, impotência...

Penúria que o tempo traz sem que se saiba como nem de donde. Fosse só na seca... Mas até no inverno tudo continua do mesmo jeito. D. Xicote olha sem muito gosto para o verde dos campos da estação das chuvas, quando mais trabalha, suando e gemendo. Que as coisas estão pretas como a noite, mas o pai continua no emprego, insiste em ganhar uma ninharia. Um mestre em tudo o que faz ou se mete. Xicote vê o mundo por aquela cor, quer levantar, sai tateando e cai, sem consciência de como vinham o feijão e a carne para casa. O café preto da manhã, com beiju, que ia afinando quando a goma diminuía. O pirão de farinha, caldo ralo de costelas sem carne, e só no almoço. O feijão gorgulhento na janta. Horror. A farinha cada dia mais seca e sem gosto, procura água e sal como tempero. Rapadura, em pensamento nem é doce. Ganha o teto da casa como uma aranha, às escondidas, vai onde a mãe pendura os pedaços do café da manhã. Xicote cai, o Mestre vê o menino a morrer, duro, ali, sem mover uma palha, sem dizer "meu filho". "Morena, pega o menino, senão ele morre". E ele se levanta, nasce das pedras do piso e voa pelos ares como um pássaro. Faz piruetas, macaquices.

Vou botar esse menino para trabalhar nem que não queira.

Xicote rói a rapadura com remorso, se roendo por dentro e por fora, só eles merecem? E o menino e as irmãs? Xicote, magro e desengonçado, só crescia por obrigação, bastou a mãe

Digitalizado com CamScanner

comprar umas calças compridas pra ele, de segunda mão, ali pelo mercado - quantas pessoas não já teriam vestido aquela roupa, suado, assoado as ventas na manga da camisa, melado os fundos de merda... Manu quer vê-lo pessoa crescida, ganhar, o comércio não foi o primeiro emprego de Xicote, ainda havia de demorar muito até chegar a proposta de trabalho, um salário mixuruca mas um ganho honesto em notas de dez cruzeiros muda, não é mudo e não fala, gagueja feito uma besta, tinha medo, o jeito pegar serviço pesado, tijolos, construção seu Valeriano, vizinho parede-meia, quatro burros, notas de dinheiro graúdo voando, não consegue pegá-las, escorregam, somem no ar, davam pra comprar roupa, mala, chapéu e pagar uma passagem pra Curralinho, ficar morrendo nos cafundós não...

Não quer mais os fins de semana com os meninos que descem das roças das serras, deixam seus casebres, emborralhados de areia e barro, vêm ver os caminhões chegando da feira na cidade grande, e pulam na carroceria. É João, Zezinho, Pedro, Mundico, Bigó. Mulher não entra. Os cinco de faca na cintura, no meio do povo, do patamar da igreja, vendo a luz do candeeiro que míngua, míngua, se apaga. Uma euforia dos diabos. Chega o chofer. O menino atravessa a rua, a mãe corre, não consegue, vai atropelado por um tiquinho de nada. O motorista se distraiu com o papagaio que gritava: cigarro continental, emprego federal... Fogoió, fogoió! Curupaco, papaco! Um morador pobre da Terra consegue pegar a ave que corria desesperada na areia do meio-dia, gritando: Tá doido! Tá doido! Salvaram-se todos: menino e papagaio. O menino de osso quebrado, a mãe levou; a ave da selva, sã e salva, um homem carrega debaixo do braço para casa e a mantém como santa, recebe donativos que ninguém sabe quanto nem para onde vai.

O chofer quer lavar o carro, haja água apanhada em latas! Trocar os pneus, encontrar um defeito no bicho e consertar, pois veio batendo as bielas na estrada. Seriam os rolamentos? E vai destrinchando nome por nome, peças e engrenagens. Vê trocar o óleo, sente o cheiro de sabão. Óleo é sabão? Está dormindo? Não sabe, não consegue pregar o olho quando, quando... Como bota gasolina? Derramando os galões no tanque. As mulheres

Digitalizado com CamScanner

chegam para perto, a meninada de olho, elas vão caindo de sono, na areia. Ei, moço, o que é isto? É o carburador? E isto? São as velas... Xicote não pode ir com a molecada para a função do carro, cansado, o corpo todo moído. É casado com uma daquelas meninas que o chamam pra areia, puxam pelo braço. Dorme. É dia seguinte, carregar tijolos... Bigó, moleque que cresceu rápido e canta igualzinho à buzina dos caminhões (foi embora). Danado de trabalhar nas vazantes, se cansa, se aborrece, dorme e não amanhece, com a roupa do corpo. No Rio Grande do Sul, bem no fim do Brasil, morreu atropelado no trânsito. E Xicote o vê ali, no meio dos outros. Quebradas, areal, pedras, paus, já sabe buzinar e imitar o ronco do motor sempre disposto a dar o prego, para alegria da negrada.

Empurra, empurra! Vocês não são homens não?

Cada qual quer mostrar mais força.

Peidam fedorento.

Ninguém sente. O óleo é mais forte. A gasolina queima.

O chofer morre numa virada lá no caminho de Brasília.

Por que um homem corajoso e sabido morre espedaçado por um caminhão?

Deus injusto!

Quer pensar e desiste, faz uma cruz na boca e pede perdão. Mal começa a dormir, mestre Manu o chama. Puxa pela perna. O braço dói. Será que a noite já se fora? É dia ou noite. Como? E o que foi que acabou?

Levanta, Xico, já é hora de pegar no batente, você não é príncipe nem herdeiro de nada. Vai tocar os bois no engenho pra fazer garapa e rapadura.

Tenta juntar os pedaços do sonho. Só tropeços...

*

D. Xicote, você me chamou?

Ninguém responde.

Volta a acalmar-se.

Acende as narinas. A casa está cheirando a velas.

Digitalizado com CamScanner

Amanda, Amanda, meu amor, por que você não responde? Sou eu quem te chama. Ontem eu vi uma lua tão linda no açude da Bocaina e me lembrei de você. Saí correndo, correndo de saudade. Queria correr aqueles campos todos mas voltei. Da próxima vez vou te levar.

Ninguém fala.

Acorda! Silêncio. Olhos entreabertos ainda, os dedos esfregando a remela. Úmida. Estaria o quê?

Menino chorão. Tia Morena, faça esse menino calar a boca.

Zezinho também foi embora como Bigó.

*

Agora está lá na casa do pai, da mãe, menino. Tomando café, nem doce era, com farinha. A rapadura acabada, a mãe se queixa.

Amargo.

As coisas pretas.

Sai do sono ainda com esperança, meio tropo e as tripas roncando como se quisessem engolir umas às outras.

A carne azul, podre, os tapurus boiando pelo caldo fedorento, na casa de seu Joaquim Marinheiro. A fome. Cheira e cata e come só arroz, pirão, lambe o osso, depois bebe garapa, a barriga quase a estourar. Agradece o doce, se roendo de raiva por dentro. No estômago não cabia nem água.

E depois, preguiça. Na rede do alpendre, tocando os pés na parede, balança e ouve o rangir e dorme.

Assim fazem os ricos. Eles não trabalham!

Digitalizado com CamScanner

3

Os ricos... Eles não trabalham. Só comem, são o esmeril da humanidade. E brincam, e bebem, e jogam, e viajam, e fornicam. Mas quem são os ricos que conhece? O "coronel" André Pinheiro da Lagoa Comprida, talvez também seu Armindo da Terra dos Condenados. Seu Fulgêncio é que não era. Um gadinho de nada. Roupas de algodãozinho e riscado. Mariquinha num vestido de chita e chinelos chués.

O que você está dizendo, Xico? Parece que eu ouvi...

Ouviu. Quer que eu conte meu pesadelo, Amanda?

Ah, faz favor, não me oculte nada.

Primeiro, queria saber como ficar rico, e logo, para ter tempo pra tudo e não fazer nada. Apenas amar. Saberia Amanda? Saberiam seus vizinhos?

Os colegas de república - umas bestas, não olham nem o próprio umbigo. Como virar um D. Xicote de verdade, um príncipe. Viajar até os confins da terra e, como Bigó e Zezinho, falar outras línguas. Acertar os caminhos. Mas são tantas as encruzilhadas! E ainda tinha o começo. Naquele tempo não era fácil. Filho só saía de casa para casar e depois dos 21 anos. Desobedecendo à regra, era deserdado. Pior: receberia maldições.

Ser Bigó? Sim. Tem que morrer? Sim e não.

Um dia, cansado de tanto carregar tijolos para construção, o menino virou-se para o pai e disse que ia ser mangalheiro, tinha resolvido.

Pegado de surpresa, Mestre Manu titubeou:

Você não nasceu pra isto. Vamos pensar noutra profissão.

Xicote morava nas intenções do velho, nas suas justificativas.

Eu não dei pra roça - o Mestre expunha, sucinto.

Filho de um grande lavrador, cedo Mestre Manu fugiu do eito. Também o que plantava era pouco e o mato comia por falta

Digitalizado com CamScanner

de trato suficiente. A força que era pouca demais. Franzino, no final da safra, a colheita se resumia a um feijãozinho à toa, às vezes milho verde, melancia, maxixe, jerimum... Batatas, só na vazante. Não dava nem pra subsistência.

Mestre Manu não se preocupava muito com o dia-a-dia, tudo deixando à conta de D. Morena, sempre a costurar roupinhas de criança e, quando faltavam encomendas, fazer surrões, cofos, abanos, esteiras, vassouras - pra mandar pro feirão do mercado, até a Curralinho já chegara sua fama de trabalhadora da palha de carnaúba.

Com sua recente dispensa do cargo de Mestre, que perdera por conta da politicagem e das eleições, mendigava um mês de escola numa casa, outro num sítio, nos meses de verão. Porque, no inverno, a vida era seca, sem entrar um níquel, as despesas de casa amontoadas nos cadernos da bodega de seu Dodô, na loja de tecidos de seu Armindo e na farmácia do Dr. Fonseca.

Na hora da saída de casa, o lenga-lenga que aborrecia D. Xicote:

Deixe dinheiro pra comprar o toucinho, Manu.

Deixei a entrega de um mês apalavrada.

Mas, depois? Como é que se vai comer feijão gorgulhento, na água e no sal? Tenha pena dessas crianças.

Ele saía e nem olhava o rosto de D. Morena, sofrido, já engelhando de preocupações.

Ela também vai pra sua escola, Manu? Pois fique sabendo, se a quenga me olhar ao menos por baixo do olho, um dia vou quebrá-la de pau. Osso por osso. Até o diabo vai ter pena - referia-se a uma ex-aluna dele.

Fantasia de D. Morena. O Mestre só conversava sobre o saber dos livros, as aulas de geografia, história, aritmética, análise gramatical e sintática. No muito, falavam da História Sagrada. Sim, é claro, havia certos trabalhos manuais com papel de seda e papelão, desenhos, enfeites para as festinhas da escola, quando Mestre Manu pegava na sua mão e ela correspondia. Trabalho de horas, entrando pela noite. Quem sabe do que se passa entre aluna e professor?

Xicote os via atrapalhados, quando entrava na sala.

Digitalizado com CamScanner

Se o pai fosse solteiro... Mas assim, pra fazer a mãe falar tanto, sofrer tanto...

Bem que Meste Manu sonhava com um namoro de verdade, escondido. Quando estava de lua, saía para os bailes, fumava e bebia um pouco. Era realmente um caso de farrista exemplar. Nunca chegou bêbedo.

Quando apareceu um circo no povoado, tudo mudou de rumo. Ela esquecia, deixava-se ficar olhando as novidades, os bichos estranhos, os homens a armar as cercas, as vigas de segurança, as tábuas das arquibancadas, o madeirame todo e depois a lona. Os artistas passeavam pela ruas poeirentas como se fossem deles.

Xicote ainda não ganhava um tostão. E as moças da Companhia - era assim que elas se diziam - teriam tudo da casa do menino: o violão do pai, a lanterna, os trabalhos em papel e linha do velho Manu, que naquele momento estava viajando...E quando chegou não podia mais desmanchar a situação. O menino ainda teve o desplante de emprestar umas cadeiras velhas de couro. A casa ficou pelada, sem onde a gente encostar a bunda. Mas tudo isto Xicote iria cobrar como desconto, nas entradas para os espetáculos, poupando os tostões guardados às escondidas do pai, que queria que os entregasse:

Menino não precisa disto.

D. Morena não ia ao circo, era pecado ver aquelas mulheres e homens seminus, quando passavam em trajes menores ela se benzia toda. Mas ele só perdeu um ou dois espetáculos, por falta de experiência, no começo. E durante o dia ganhava o mundo, ninguém daria notícia na vizinhança. Quando menos se esperava, lá vinha Xicote da banda de baixo da rua da Várzea, do lado do circo.

Ora, ora, que é que tem?

Tem. Você vai querer acompanhar o palhaço. É feio.

Se gritasse o palhaço com a molecada, de tarde, rua acima, rua abaixo, com a cara pintada, Xicote poderia entrar de graça. Quem disse que D. Morena consentia? Por saber que Manu não ia gostar, já assim livrava o filho de uns repelões:

Não quero você com os moleques, Xico.

Digitalizado com CamScanner

Não conseguiu entrar na primeira noite. Ficou se mordendo, ter que saber tudo por boca dos outros... A parte final do espetáculo, a que davam o nome de comédia, Xicote via todas as noites. E se regalava. As portas se abriam para quem não tinha dinheiro. Era a propaganda. Quem o viu notou a satisfação nos olhos, embora se esgueirando envergonhado, tanto pra entrar como pra sair.

Que pena, a Amália se apresentava vestida. Era a personagem principal dos dramas A Louca do Jardim, A Princesa Roubada, A Mulher Perdida.

É um anjo voador! - elogiavam-na os felizardos que viram também seus trabalhos no trapézio.

Xicote ficava alegre, depois triste.

No último dia faltou dinheiro, pediu uma ajuda ao pai, arriscando-se a levar castigo pesado. Ou então uma surra de relho de couro cru.

Não podia perder a última noite. De olhos no chão, implorou:

Pai, me dê uma nota, só quero meia entrada, deixe que eu me viro para completar.

O velho apenas balança a cabeça, abre os olhos azuis, que naquelas horas se esverdeavam como se fosse um gato selvagem, olhando de uma forma que ninguém sabia pra onde é que olhava:

Não!

Ou então me deixe eu gritar o palhaço.

Nunca. O filho do Mestre não pode fazer isto - repetia o que a mãe houvera dito durante aquelas duas semanas.

Manu saiu à calçada e voltou, inquieto.

Você quer ir com eles? - perguntou de chofre ao menino.

Não entendeu.

Se você quiser, eu deixo. Você pode aprender muita coisa útil num circo.

Entalado pela surpresa, Xicote não responde. Deu-lhe uma dor no peito. Uma vontade de dizer não e outra de dizer sim, sem saber se o pai o testava ou estava falando sério.

Cara fechada, triste, temendo.

Não me deixou entrar ontem no circo... E agora quer livrar-se de mim, não é?

Digitalizado com CamScanner

Quais eram as intenções do velho? Ele não falava nada. Nunca falou assim: meu filho. Como podia saber quem era?

O *não* era porque a mãe iria chorar muito. Ir embora sem dizer nada, sem se despedir, escondido, não tinha coragem. Não era mau filho, apesar dos pensamentos que lhe vinham à cabeça por causa daquelas brigas, daqueles ciúmes. Por causa da Madalena, moça vistosa, peituda, de vestidos de seda bonitos. Xicote apreciava suas pernas roliças quando de pé, encostada à mesa do Mestre, a receber lições ou conversando sobre coisas que ele não entendia. Cochichos. Palavras soltas. Silêncios. Espantos.

As pernas não eram finas como as da mãe. Bem torneadas, sem pelos, sem veias e nós à vista. Um dia D. Xicote enxerga um pedaço acima dos joelhos e adivinha uns cabelinhos pretos a seguir, porque fora apanhar um lápis debaixo da mesa, e ela nem se incomodou. Nessas horas o pai não tomava conhecimento da presença do menino. Estavam lesos de paixão. Anestesiados. Hei? Que é que houve com vocês dois? Quis falar mas teve receio. Vergonha e medo.

O Mestre gostava de Madalena por ser mais nova, ter outro cheiro ou por que os peitos eram grandes e empinados? A mãe de D. Xicote não tinha mais, secaram, estavam murchos de tanto dar de-mamar aos filhos. D. Morena fora bonita como Madalena, até mais, contavam-lhe.

Não, ela ainda é bonita, é minha mãe - tinha vontade de responder.

Madalena é diferente, tem cheiro diferente, cor diferente, riso diferente. É Madalena. Não pode ser sua mãe, nem namorada de seu pai.

Se fosse no escondido, pra não magoar ninguém...

Repentinamente lembra-se do avô morto. Por que tinha que ser assim? As pessoas envelhecem, ficam feias, magras, doentes, morrem e vão pro cemitério.

Digitalizado com CamScanner

4

Vão pro cemitério? As pessoas nascem, crescem, vivem e ficam velhas, fracas, feias, fedorentas, adoecem e morrem... Diz-se que vão pro céu ou pro inferno.

Amanda, minha Amanda, você é uma santa, vou fazer-lhe um oratório, sei lá, um nicho de ouro para colocá-la dentro. Nem mosca vai sentar.

Me desculpe, mas deixe de exagero.

Ora, ora.

Esta noite vamos ao circo se você quiser ir comigo.

Mas se via, ao mesmo tempo, entrando noutro que passara há muitos anos pela Terra dos Condenados, ao lado Amália, visto que não tinha coragem de dar-lhe o braço.

Na verdade, ninguém vai porque quer - retomava as preocupações.

Nem para onde não sabe.

Tem razão. É cruel.

Morte é a falta completa de liberdade.

Mas os vivos, enquanto vivem, hão de gozar das alegrias. Não é pecado.

Então, vamos ao circo, à noite, eu peço.

Vamos.

*

Na verdade, já se tornara costume. Todas as manhãs, à beira do fogão, enquanto ela fazia o café e os beijus que tanto apreciavam, iam contando histórias um ao outro. Amanda relembrava o que acontecera na cidade, nos antigamentes ou nos tempos mais próximos, ainda não do conhecimento de Xicote.

Fora misse no seu colégio e depois no concurso misse Brasil, para representar Curralinho no certame que se realizaria na

Digitalizado com CamScanner

Capital. Desistiu, não gostava de viajar, era cerimoniosa. Depois, quem a acompanharia? O irmão bêbedo, o Ananias? Não deixariam que ele embarcasse. Então a que ficou em segundo lugar foi e representou muito bem a beleza curralinhense.

Vamos combinar uma coisa, meu bem. De agora em diante não te chamarei mais Xicote. E sim D. Xicote. Tu és nobre, embora...

Embora...

Algumas vezes fuja por muito tempo para o demônio dessas pescarias, deixando meus fins de semana vazios.

Sabe, é uma inquietação que sinto. E depois, como não há tanta matéria para relatar aos jornais de que sou correspondente na Capital - que chique! - fico num entra-e-sai infernal e você pode aborrecer-se.

Combinado, doravante vou assinar-me D. Xicote. Ninguém me pergunte que não explicarei de onde veio o Dom.

Emocionado, D. Xicote parou e tirou o lenço do bolso da calça pra enxugar os olhos.

Não tenha cerimônia, é bom pra você. Façamos de conta que D. Xicote é um pseudônimo. E não é mesmo? Francisco, Cisco, Chico não são nomes de pessoas do seu trato, da sua bondade. É bom para você.

Para nós, não?

Sim, sim, querido. Que poderei dizer?

Às vezes, com palavras doces, diferentes, circunlóquios, episódios inventados pelo meio da conversa, Amanda repetia o que ele havia contado de si, do seu passado tão ingrato, tecendo algumas passagens em cores mais sóbrias, interessantes e até vivas. Os nomes das pessoas eram trocados, os nomes dos lugares... Quando terminava, D. Xicote dizia:

Não valeu, essa é a minha história, não é a sua, Amanda. E a sua?

Naquela manhã foi a história dos circos, eram muitos e muitas, mas entre todos, aquele/aquela em que...

Os mais alegres casais de namorados conversavam lado a lado, nos melhores lugares, mas não nas primeiras cadeiras. Seria um desrespeito. Bem na linha da frente eram os casados, pais e mães de família, as autoridades...

Digitalizado com CamScanner

Chegava à Terra dos Condenados o segundo circo - o ***GRAN CIRCO ITALIANO*** - e o menino sorria das piadas dos palhaços, recontando-as aos colegas. Poucos amigos que tinham a paciência de ouvi-lo.

Outra mania que pegara: não deixava passar um só erro de português:

Gran, do jeito que está escrito, não existe no dicionário. E para o masculino usa-se ***Grão***. O nome correto seria Grão Circo Italiano. Ou o Grande Circo Italiano.

Em frente da bilheteria, piscava o olho para a vendedora. Já era mais tuludo, ia-lhe chegando a coragem de lutar contra o impossível. Na última enfuca teve de enfrentar uma tropa de meninos, despeitados ainda das festas de Santo Antônio. Desafiou-os, e ninguém teve palavra nem ação. Foi a primeira vez na vida em que saiu ganhando. Mas sem luta.

Na escola, já vira os seios das meninas maiores, dera uma vontade maluca de pegar para sentir o gosto. Mas era pecado. Pior do que isto: elas iam gritar: Professor, Xicote está com saliência!

A palmatória permanecia ali, impávida, pendurada no torno da sala, meses e meses esperando a primeira vítima, quem fizesse malinação ou tentasse passar dos limites.

Além disto, havia umas garotinhas do tope de D. Xico (as pessoas de sua terra já o chamavam assim), lá na rua do Cantinho que ficavam muito disponíveis. Eram as vagabundas. Fez amizade com uma delas, Anita. Deixara D. Xicote experimentar umas coisas que as meninas da rua da Igreja jamais fariam. Nem as da rua Grande. No escuro, sem ninguém que os visse. Um escuro qual era sua pele, cabelo encarapinhado, nariz chato. Dentes brancos, de riso solto. No quente do verão, suavam que suavam, como se estivessem trabalhando e não se divertindo. Era um misto de medo, apreensão e alegria. Pela ousadia, pelo não e pelo sim, pelo cheiro, pelo sabor. Mas, que pena! Quando cuidou, a família dela vendeu o pouco que possuía e foi embora, levando-a também. Não tinham mais o que fazer, estavam passando fome. Na Terra dos Condenados era assim.

A vinda do circo trazia vida nova à vila, quase igual às festas religiosas chamadas de festejos e novenas... As noites se

Digitalizado com CamScanner

iluminavam: lamparinas a mais, músicas e olhares expressivos das pessoas. Os dias eram movimentados por mais gente caminhando na rua e vozes de animais. Apesar do calor, do sol, da pobreza e do isolamento daquele povo, uma aura de alegria cercava-lhe o rosto.

Por que esses estranhos traziam tanta cor e energia?

D. Xico, como os outros meninos, não pregava as pestanas. Ao contrário, tinha olho grande para as artistas que esporadicamente botassem a cara de fora da lona, com uma euforia só existente naquela idade.

Daquela vez havia umas beldades mirins.

D. Xico estava nos seus dias de sorte. Tinha recebido dinheiro de seu Valeriano, da semana trabalhada carregando tijolos para sua construção. Comprara roupa nova, embora a calça pega-marreca não lhe caísse bem. Adulou D. Morena pra dar uma ajeitada nela. E a mãe emendou um pouco de pano na bainha da perna, desceu os fundos, desapertou a cintura, pregou mais botões.

Bem melhor assim, não faz vergonha.

Calça comprida era novidade. Poucos possuíam. Penteou o cabelo para cima, quebrando-o para trás, ajudado com muita brilhantina. As meninas do circo o olharam como ninguém até ali. Aliás, foi uma só, e era bastante. Sua turma disse, depois, que D. Xico escolhera a mais feia das três.

Eles que achassem. Quem escolhe? Mais feia ou mais bonita, não importava. Eram de fora. No circo, todas eram lindas, balançando-se naqueles trapézios, cheias de fitas brilhantes à luz da *petromax*, ou trabalhando no final, na comédia, que era apresentada para encerramento da noite. Eram chiques em suas roupas curtas e apertadas, de seda, desenhando as curvas, os seios e a bunda.

Amália e Arabela. Nomes bonitos para pessoas tão interessantes em aparência e verdade, pois eram muitas vezes vistas de dia. Uma dupla que nunca mais veria.

Impulsionado pela narrativa de Amanda, lembra as figuras circenses distantes, as primeiras emoções daqueles momentos... D. Xico enchia os olhos d'água, mal disfarçando a emoção e a saudade.

Digitalizado com CamScanner

Mas o circo foi embora. Como dura pouco o que é bom! E, se muito durou o namorico, foi uma semana e dias.

Quanto tempo você perdeu antes! Com medo.

Amália, Amália!

Meu nome é Amanda.

Desculpe, meu bem, me distraí lembrando...

Deixa, deixa pra lá, eu compreendo. Ninguém pode reter as emoções que fazem do ser humano mais palpável como gente. Você me mostrou sua face boa, embora que volúvel. Os homens são volúveis, eu sei.

Você viu esse circo, Amanda? Então, fui eu quem lhe contou. Não vale, não valeu não.

Vale, boboca! Você levando namoro a sério, enquanto os outros...

Digitalizado com CamScanner

5

Vale, boboca! Você levando namoro a sério, enquanto os outros brincavam. É mole, você tem muito que aprender ainda.

Não quero aprender de mais ninguém, só de você.

Era mania de menino sambudo, encolhido pelos cantos como bicho brabo, com vergonha de gente, acreditando em tudo o que diziam (e inventavam) a seu respeito. Com medo da própria sombra.

Amanda só dizia pois sim, pois não. Escondera o rosto, num jeito que sabia muito bem, ora com a manga da camisa, ora com um lenço. Por que o fizera chorar? Nem pôde perceber. Uma dor no coração...

Agora não tenho mais medo de nada, falou sem que ela percebesse a alteração da voz. Quem enfrenta uma artista de circo para namorada pode sair pelo mundo que vai dar certo.

Vai dar certo viver, sim - repete.

Elas namoram qualquer um quando lhes dá na veneta - Amanda reparou, agora soltando um risinho de descontração.

Aquela, não, D. Xicote pensa. E cai na cadeia de imaginações, fantasias, terreno que lhe era fértil como um brejo onde se atolava. Sua pretensão de ser mangalheiro não acabara. Agora vinha outra. Não entendia bem os próprios sentimentos. Era uma confusão braba. Nos dias seguintes à despedida do circo, D. Xico entristeceu. Fugiu de circulação. Sai pelo mato, sobe em árvore, caça passarinhos, mete a mão em locas de tatu, busca frutas do mato para se alimentar, bananinha, juá, xiquexique etc. dois dias sem voltar à vida sonolenta do povoado.

Bem que poderia ter proposto acompanhar Amália ou Arabela. Proposto a quem? Nunca fizera nenhuma ginástica, ninguém no circo lhe conhecia. Palhaçada? Nunca contou sequer uma piada em roda de meninos. Como entrar para aquela família que ele não entendia muito bem? Soubera que todos eram parentes:

Digitalizado com CamScanner

filhos, pais, tios, tias, primos, sobrinhos. Ficar sem trabalhar, só olhando ou servindo um copo d'água, dando comida aos animais?

Era feio.

Mas teria coragem de enfrentar a nova lida, sim. Daria comida e água aos animais, montaria seus cavalinhos, as duas coisas que poderia fazer bem se treinasse um pouco. Por que deixara tudo ir de água abaixo?

A fortuna não passa todo dia por casa de pobre, não. Por isto que se deve correr, agarrá-la na primeira oportunidade, com as duas mãos.

Mas a mãe não podia ficar só. Seu Manu cada vez mais se afastava dela. Deles. Só deixando um dinheirinho chorado, quase nada, insuficiente pra pagar a conta do bodegueiro e do açougue. O resto, eles que se cuidassem. D. Morena tinha desconfiança de que o professor já andava gastando com vestidos, jóias e perfumes para a «condenada» da Madalena. Sabia de casos em que os homens largavam as esposas verdadeiras para se amancebarem com essas sirigaitas que *não têm no cu o que um priquito roa.*

Ah, D. Xicote, isto não fica bem pra você. Começando com esse tipo de linguagem pode descambar para a pornografia e esse comportamento nos agride, a mim e a você.

Você pensa que eu sou puro?

Penso.

É pouco tempo para avaliar.

Olhe, eu não sou psicóloga, mas... Deixa pra lá. Agora eu conto a minha parte. Minha vida? Devo contar?

Conte.

Ambos bêbedos de sono, quando se davam conta era hora de dormir. Ou passara dos limites. Se bem que não tinham mesmo tempo certo para deitar-se. Amanda, só quando se cansava dos serviços de casa. No cartório, dizia, o tempo pior passara. D. Xicote estava ainda, naquele ano, sem trabalho, emprego largado por fastio, por raiva, por não enxergar nenhuma necessidade de sua presença, sua mão-de-obra. Primeiramente tirou licença. Depois repetiu. Enfim, continuava até sem sair à rua. Muito pouco via a cara dos colegas de "república" e de colégio e ex-colegas da

Digitalizado com CamScanner

loja. Na parte da noite estava ainda a freqüentar a Escola de Comércio, onde suspendeu sua matrícula, sem tempo determinado.

Assim, sobre o trabalho, os dois não teriam muito o que falar.

Na esperança de que descobrissem coisas novas, aproveitavam também as horas matinais, por causa do clima, quando a cabeça estava menos quente e o suor não os castigava. Era demorado o expediente do café preto com beiju ou cuscuz de milho, e raramente com biscoitos de água e sal. Dias outros, para mudar de gosto, tomavam chá de erva-cidreira, de canelinha, de capim santo, trazidos da vazante ali perto, cultivados por ela. Ontem D. Xicote desceu com a amada até o rio para ajudá-la a aguar as plantas e catar as ervas daninhas dos canteiros. De cócoras, um pouco desprotegida pelo vento que os surpreendeu, suas vistas se enchem de desejos, embora mal contidos. D. Xicote, quando a viu aflita, tentou ajudá-la, apreensivo. Felizmente não havia ninguém nem possibilidade de chegar. Um cuidado com prazer e ternura. Não eram muitas vezes que acontecia. Talvez adivinhando, Amanda não o chamasse sempre. Suas pescarias e caçadas também não deixavam muito espaço. Chegava cansado, dormia.

Depois da cerimônia do café, permanece longo tempo olhando a janela e as portas fechadas ainda. E pensava como era gostoso ter o domingo em companhia de alguém. Amanda, sua primeira pessoa, presta-lhe atenção e tem cuidados por vezes extremos com sua saúde, roupa, alimentação. Conta-lhe histórias. Só não fala sobre si mesma. Irredutível. Algum trauma? Por que lhe esconde? Respeita. Mas às vezes pede. Não é insensível. Nunca foi.

À missa ali perto, não faltariam, na Igreja de Santo Antônio, templo que para D. Xicote tem uma forma singular tão engraçada: o largo triangular, as casas de limite, a praça ainda não calçada mas cheia de árvores; parece um rosário de contas em que o templo, na parte oeste, seria justamente a cruz das ave-marias.

À tardinha podiam distender os músculos, dar um passeio displicentemente pela avenida principal, algumas pessoas falando assim: "olhe a misse com o namorado!" Depois sentarem nas cadeiras de palhinha da sala de visitas. E continuar as histórias.

Digitalizado com CamScanner

Comece, ele diz.

Você sabe daquela de uma moça daqui, filha do homem mais rico da cidade, que tinha sido até prefeito, possuía lojas e tudo, depois o filho virou prefeito e queria mandar até no pai?...

Certo dia, chegam uns italianos e... Foram muito bem recebidos como são em Curralinho, os estrangeiros, as pessoas de fora, venham de onde vierem. Foram sim. Havia uma família toda de músicos. O Coronel Borges, como era conhecido, convidava-os sempre que havia festa em sua casa, e eram muitas por ano, para tocarem seus grandes e esquisitos instrumentos de sopro, alguns desconhecidos ainda na cidade.

E o que mais?

Não posso saber se serei capaz de contá-la.

Por quê? Alguma coisa horripilante? Algum sacrilégio? Fez pacto de silêncio com alguém que não se saiba?

Ela não respondeu.

Durante alguns minutos ficou tricotando enquanto ele aparava as unhas das mãos e dos pés.

Deixe isto pra lá, D. Xicote. E não estou aqui, hem?

E a história, Amanda, ainda está a criar? Porque imaginação e memória você tem demais. Fazendo que nem eu - recriando casos da própria vida e da alheia?

Não, D. Xicote, é uma história de verdade.

Era uma vez uma moça feia e a primeira filha do casal cujo pai tinha o título de coronel e assim o chamavam. Do exército nem da polícia não era. O título é certo que tenha recebido da Guarda Nacional como costume naqueles tempos. Coronel Borges Soares. Era daqueles que se fazem por si mesmo. Não nascera propriamente na cidade, mas distante, num lugarejo a cerca de 12 léguas. Rapazinho, largara-se de lá com uns trocados no bolso e aqui montou comércio em sociedade com um ricaço local, já decadente. E prosperou. Tornou-se o dono da cidade, o político, o administrador. Era uma época em que o país atravessava crises, revoluções, terminado por transformar-se numa ditadura. E ele ganhou as graças do ditador e continuou sendo o mandão por anos seguidos. Se foi bom administrador, não sei. Difícil avaliar.

Casou-se, teve muitos filhos e aquela filha.

Digitalizado com CamScanner

A época era também de guerras lá fora, na Europa, e aqui chegaram os estrangeiros, da Itália, com ânimo definitivo de ficar. Entre esses havia um músico e também compositor. Os irmãos também tinham a mesma profissão. Em pouco tempo, ajudados pelo Coronel, fundaram uma sociedade musical denominada Banda da Cidade.

Curralinho continuava a vida monótona e feliz dos burgos do interior. Sossegada. Dormia cedo, depois que a luz elétrica apagava, nada mais que às nove da noite. Mas os músicos bebiam e costumavam fazer serenatas até muito tarde, com lua ou na escuridão. Mesmo sendo filha do Coronel Borges Soares, Benevina não tivera o dom da beleza. Estava nos seus dezoito anos e o dia de vê-la casada não chegava, os pretendentes não apareciam. Toda tampa tem seu balaio, é o que diziam os antigos. E não é que os italianos por ela se apaixonaram?! Seria pela posição social, a fortuna e o poder?

Todos?

Sim, os irmãos brigaram, disputaram-na. Depois, viram que não adiantaria, era questão de afeiçoamento pelo mais velho, o compositor, e fizeram as pazes. Mas até chegar ali foi difícil. Sempre quem escolhe é a mulher, quando é bonita. Aquele caso era um fato muito estranho. O Gallefi, fora o escolhido. Aquelas saídas para a rua, com alguma colega, o tititi das comadres e vizinhas, a maior parte colaborando na efetivação do namoro, cada qual queria ser melhor trombone. Justo o instrumento do pretendente. Aí começou. Como poderia deixar de ser diferente? Não só nas noites de sábado e domingo, todas as noites, a mesma coisa: serenata na praça, zoeira infernal, preocupação para o Coronel.

Que fazer? Mais cuidado com a filha, que passou a ter uma vida privada maior, sem poder sair nas horas que queria, mas apenas acompanhada de pessoa de confiança. Grades nas janelas. Olhos por todos os lados. Quando a coisa apertou muito, o medo, a impaciência e o desejo de expulsar todos aqueles vagabundos da cidade e do Brasil, se fosse possível, os amigos e conselheiros do Coronel Borges chegaram a uma conclusão: levar a moça pra fazenda. E para lá, reclusa, ela foi.

Digitalizado com CamScanner

Que pena! - reclamaram as colegas.

No princípio, o Coronel achou que resolveria logo o caso, eles a esqueceriam, passando a namorar outras, havia tantas, das casadoiras e das mais novinhas. Por que escolher logo a filha querida?

Arrependeu-se de os ter chamado para aqueles saraus, tocatas e festas de família. No caso das funções políticas, não: Era mesmo necessário. Porém... Agora, a casa sem o barulho da música estava mais triste. Por que trocara os violeiros e sanfoneiros já conhecidos pelos italianos?

As escutas e os espias continuavam seu trabalho silencioso. Foi descoberto que os namorados inauguravam uma correspondência. Era carta pra lá, carta pra cá. Ninguém sabia o nome do leva-e-traz, ninguém soltava uma palavra que levasse ao enredeiro, por mais que o velho investigasse dos familiares, das domésticas, da vizinhança.

Pouco tempo, o caso foi descoberto. Era um empregado da fazenda, só podia ser, se passando por santinho, escondia o pecado com evasivas. Apertado, falou tudo. Não via ninguém, isto é, a mensagem não era entregue em mão. Quando vinha trazer o leite para os italianos escondia o bilhete que ela mandara, geralmente numa palha de milho, e o colocava num buraco feito a propósito na parede do oitão. À tarde, no mesmo local apanhava a mensagem-resposta que trazia para a moça Benevina. O lugares eram secretos, cá e lá na fazenda. Muitas vezes mudara o esconderijo e os amantes ficavam por algum tempo sem saber o que sucedia. Depois o mensageiro tranqüilizou:

Sou mais certeiro do que flecha de índio, se falto é porque houve algum tropeço.

O Coronel sofria. Dói a ingratidão dos filhos e ser obrigado a estar longe de Benevina e saber que ela estava amando aquele, aquele, como chamar? Indivíduo.

Antes não tivesse aprendido a ler, ficasse como as da roça.

Mas o Coronel era bom, desmanchava o pensamento em amor e dizia-se a si mesmo que um dia Deus era quem ia mostrar o caminho de toda aquela trama acabar. E acabar bem, para a felicidade da família Borges Soares.

Digitalizado com CamScanner

Não obstante, o empregado pegou uma surra de ficar moído. Mandado por dois positivos, foi solto bem distante, num lugar ermo, de olhos cobertos por um grosso pano escuro.

Bom ele era, todo o povo da cidade dizia, aprovando seu poder. Oferecia mesa farta a quem chegasse a sua casa, um casarão de esquina que ia até a outra rua. Eleitores, parentes, políticos, e até pobres e doentes que não tinham onde se arranchar, eram acolhidos. Comiam da sua mesa, tinham sua palavra, mesmo no caso mais complicado. Ficou na cidade com a fama de bom e o apelido de Generoso. Porém, para os inimigos, não passava de um Bom de Promessa.

Não perdia eleição.

Arrefecido o ânimo dos primeiros dias da paixão e o falatório do povinho de que seu Borges Soares era malvado, "como fazia aquilo com o pobre empregado", Benevina voltou da fazenda. Foi uma alegria para os pais. Todos os irmãos vieram falar com ela, abraçá-la. Voltou a alegria àquela casa que abrigava o melhor da sociedade curralinhense, composta de parentes, amigos, políticos e, às vezes, gente do povo.

Porém, quando menos esperavam, numa bela noite de luar, a moça desaparece, na hora de voltar não volta a casa. A procura aflita de todos foi grande. Buscas daqui, pedidos de informação dacolá, aos vizinhos e conhecidos. Nada. O jeito foi apelar para a polícia. Os dias corriam e nada de encontrá-la. O Coronel desesperado. O mais certo era procurar o suposto raptante e não o fizeram. De um dos "malfeitores", quando lhe apeteceu, o Coronel recebe a embaixada:

Sua filha está em nossas posses. Foi o desejo dela, nada que a contrarie fizemos. Ela casará com Giulio Gallefi, se Deus quiser. E ele quer.

Era o próprio Gallefi quem escrevia ao Coronel, simulando ser um irmão, o Francesco. Doido de paixão, dizia que a levou num cavalo muito estradeiro, caminho acima, e colocou-a numa fazenda da Sussuapara - o dono, um conhecido primo do Coronel, e ele comprometeu-se cavalheiramente a não deixar ninguém arrancá-la de lá até a solução final.

Digitalizado com CamScanner

O Coronel da roça, além de primo em segundo grau, era amigo do Coronel da cidade. Houve insistências da parte dos Borges Soares mas ninguém o convenceu a entregar a moça. Naquele tempo, era ponto de honra: ninguém tocava em moça roubada; ficava sozinha, isolada, num quarto seguro, tendo de um-tudo, mas dali só seria tirada com a resolução do impasse. E, não havendo impedimento legal, o pai terminava fazendo um acordo com o namorado para o casamento na igreja. Foi o que aconteceu, contra a vontade primeira do todo-poderoso Coronel de Curralinho.

Assim os italianos fundavam a primeira família na cidade. Os demais, de famílias diversas, também fizeram o mesmo, porém de modo pacífico.

Não importava que Gallefi bebesse, que fosse um artista, a partir de então seria considerado de boa família, pois entrara para a casa afortunada do Coronel Soares.

Não houve alegria nem festa no enlace, apesar de Benevina ser filha única.

Mas o padre abençoou-os e eles juraram amor eterno.

Foram felizes para sempre, como nos contos de fada.

Digitalizado com CamScanner

6

Como nos contos de fada... Que lindo final!

O final não é importante nas histórias de príncipes e princesas, o que importa é a vida dos personagens como na realidade humana, disse Amanda.

D. Xicote não exclamou por ironia. Foi por verdade mesmo. A ironia é o humor dos doentes.

De toda a conversa, uma frase incomodara Amanda: *Não têm no cu o que um priquito roa...* que D. Xicote colocara na boca da mãe, D. Morena. Não estava no seu modo de falar nem no dele. Por que não traduziu para coisa melhor? D. Xicote quis dizer o quê? As pessoas inventam bobagens, não ia perguntar a ninguém, embora ficasse se roendo por detalhes. Nem quis tomar a vez de D. Xicote ou interrompê-lo. Ele tinha muito o que lhe contar, é uma rapaz viajado, embora ingênuo. Bom e ingênuo. Um tipo com quem poderia viver muito tempo. Talvez toda a vida. Seus pensamentos naquele instante eram inconfessáveis. Não que contivessem qualquer desabono à moral. Mas, para não criar problemas. E era tudo o que queria.

Bom que ele se lembrasse logo, com gosto, de outras passagens de sua vida de menino e rapaz. Interessavam a ela, sempre disposta a ouvir e compreender.

Era uma vez um menino - começava - que possuía todos os traços que os outros, e mesmo assim só lhe quebravam de feio. O que era? A boca? Talvez. Os lábios. Os dentes muito grandes, daí o beiço superior não fechar bem, ficava aquela discrepância entre a boca e o nariz. Seu sorriso largo interessava aos circunstantes porque talvez fosse agradável. Olhou-se num caco de espelho que encontrara na rua pela primeira vez (se bem lembra) e não se achou assim tão bicho. Verifica outro dia, e teve um desânimo. Será que eles têm razão? Jogou o instrumento fora.

Digitalizado com CamScanner

Tudo o que queria era pensar, imaginar, reformar o mundo com suas idéias. Um dia seriam postas em prática, por ele e por mais alguém da sua sensatez, que o ouvisse atentamente, para melhorar o mundo. Precisava de um companheiro que aprovasse suas idéias. E era tudo. Lembra as festas e as brincadeiras. As doenças que teve. E *do triste*, uma coisa penosa, quando passava dias sem comer nem beber, metido no fundo de uma rede.

Xico, vem almoçar.

Não quero.

Vem, meu filho.

Fora das brincadeiras, era no tempo em que se agarrava ao rabo da saia da mãe. Outras vezes, com a cabeça enterrada no colo como se fosse um bebê, quando ela lhe catava os piolhos ou simplesmente lhe fazia carícias.

Mestre Manu, Mestre Manu, você exagera.

A zoadeira das crianças fazia o velho levantar-se da rede, com raiva. Não podia tirar sua soneca de depois do almoço. Já ia enticando com D. Morena e com os filhos. Começavam as chateações:

Qualquer dia vou botar vocês pra carregar pedra de um lugar pra outro.

O "vocês" dele incluía as meninas e, quem sabe a mãe, porque dava todo o apoio às crianças:

Depois, pegar as mesmas pedras e levar para onde estavam. Castigo proposital é que dá jeito em menino. Estavam insuportáveis. E ele tinha sua razão. Um corria atrás da galinha: ele, Xico. Já Susana batia em Elzinha. A pequenina, chorando de raiva, sapecava uma colher na cara da outra. Xico se intrometia entre elas para fazer mais barulho, arremedá-las e também bater com o pé. Numa hora daquelas ninguém duvidasse de uma cabeça furada, um joelho arranhado, tudo fazendo sangue escorrer. Como estancá-lo, se na casa não havia algodão, não havia álcool, nada de remédio? O jeito era encher o buraco com café torrado. E acabavam fazendo isto.

As indiretas eram para ele. Daí a pouco, começava de novo e se arrependia: as promessas do pai metiam sobrosso.

O velho falara a seu Valeriano sobre o menino, seu apegamento à mãe, D. Morena. Queria afastá-lo.

Digitalizado com CamScanner

Deixe o menino, Mestre. Vai passar com a idade.

Desde criança, Xicote entendera-se bem com os animais. Os cavalos, burros e jumentos o compreendiam. Sua primeira ocupação foi dar água aos bichos. E olhem que, na seca, as aguadas ficavam distantes, a viagem era de uma hora da chapada onde ficavam até a beira do rio. Três léguas puxadas.

Atrás do pobre corre um bicho - ia querendo decifrar essas frases comuns que o pai e a mãe de vez em quando soltavam. É sabedoria que vem de pai, de avô, de bisavô. Do começo do mundo. Outras, invenções do povo. Bicho, o que significava para o menino? Fera, onça, qualquer coisa assim.

Não é você não, minha burrinha cardã, - dizia, alisando o seu lombo liso, depois de banhada com água tirada da cacimba, na maior dificuldade, e enxuta ao sol escaldante de outubro. Outros bichos que corriam atrás do pobre eram o calor e a sede, o cansaço e a fome. O mundo virava só fumaça, dali até no Natal, quando caíam as primeiras chuvas.

O ditado era aquele. Depois os aduladores e os próprios ricos inventaram que *atrás do rico corre o pobre e o bicho.*

Ora-ora, fala-se tudo neste mundo.

Já cedinho estava excitado, pensando nessas coisas, que pobre só trabalha por necessidade, todo mundo é preguiçoso, o homem foi feito para brincar e andar por aí observando a natureza, amando e cantando, sem preocupação com o que vai comer. Não viviam assim os índios?

Não, os ricos é que são preguiçosos, não levantam uma palha -consertava-se no dia seguinte, lembrando do que lhe ensinaram, mas querendo desaprender. Queria aprender com seu próprio esforço.

Vocês são espertos, batam as orelhas. Bonito!

Dava comida e água aos animais, lavava-os com água das cacimbas do rio Riachão, depois era a conversa:

Nós não somos ricos, por isto trabalhamos para aqueles preguiçosos.

Após relincharem - reiniciava:

É a nossa sina, não é, burrinha? Então, vamos à luta.

Pegava as cangalhas e as caçambas e saíam pela estrada, ao sol, suando e cansando-se até a noite. E no outro dia e mais

Digitalizado com CamScanner

no outro dia, e no outro dia ainda, a mesma canseira. No sábado à tarde, os meninos e as pessoas grandes em geral banhavam-se para as festas de domingo. Valia a pena? Era só um diazinho.

No final da primeira semana, D. Xico recebeu quarenta cruzeiros, quatro notas. Na seguinte, a mesma importância. E os tijolos não se acabavam. Olhava para o material ao pé da construção e para o da caieira e lhe dava um profundo desânimo, uma vontade de cair no chão e ali morrer, ficar dormindo o sono da eternidade, para sempre, sem que lhe incomodassem o calor, a poeira e a chuva, o vento e o que dissessem os desocupados passantes:

Olhem, ele morreu de preguiça!

Xico esperava o dia de ser mangalheiro, pegar uma tropa de meia dúzia de jumentos ou burros e sair por aí, Curralinho, Valença, Amarante, Teresina, todo o Maranhão e o Pará, vendendo alho e cebola. Na volta, trazer roupa, calçados e outras bugigangas como brinquedos para criança, baralhos, relógios, gravatas, pentes, espelhos, perfumes, terços, rosários, brincos de prata e ouro, enfim, tudo o que fosse barato e em que pudesse ganhar muitos contos. Do jeito que Mestre Manu queria. *Deus fez o dinheiro redondo foi para rolar, não pra ficar parado na mão de uns poucos.*

*

O sono pegou Amanda. Deitada que estava, deitadinha ficou, não ouviu nem metade das palavras de D. Xicote. Mexeu-se, acordou, dormiu de novo lembrando que era domingo.

Digitalizado com CamScanner

7

Lembrando que era domingo, Xicote também não levantou. Dia diferente dos outros só pela impossibilidade de ir pescar na Barragem. Às vezes iam à missa, mas não religiosamente.

A frase de Mestre Manu na cabeça: *Deus fez o dinheiro redondo para rolar, não pra ficar parado.*

De quem aprendeu? Deus não fez dinheiro, fez o homem. E neste tem muito de errado. Fazer dinheiro por quê? Ainda mais redondo ou quadrado. Mestre Manu e seu Valeriano, irmanados naquele pensamento. Um não gasta porque não ganha nem o suficiente para sustentar a família. O outro, por não ter filhos, não tinha pena de gastar. Pois logo que acabou de levantar a casa, fez uma festa de papoco, com muitos comes e bebes, um sanfoneiro tocando a noite inteira e gente dançando no salão, os convidados eram homens e mulheres, moças e rapazes, meninos e meninas conhecidos demais na Terra dos Condenados. Só uns poucos estranhos, talvez parentes do interior.

Xicote não entrou no salão, vendo e ouvindo tudo do terreiro; quando muito, subia a calçada. Depois, a chamado de D. Morena, deitou-se em sua fianga. E foi o resto da noite olhando a telha, não pregou o olho.

Não se vai a festa sem ser convidado. Com que cara nós vamos entrar lá? Podem botar a gente pra fora, com essas roupas que parecem uns farrapos. Filho meu não pode sofrer desfeita.

Ora, mãe, a gente tem que ir é com a roupa que possui. Todo mundo vai assim. Nu é que não pode.

Não responda a sua mãe desse jeito, Xicote.

Ela queria ir também, se fosse como outrora, ainda tivesse as vistas boas. Só pra ver, não pra dançar. E prosear com as conhecidas, comer um bolo, tomar aluá, depois vir dormir. O filho não voltaria logo. Casa sem homem não merece respeito. A licença de até meia-noite se revogava no coração. Quando

Digitalizado com CamScanner

entrasse, não esquecer de colocar a travanca na porta. Mas não ia. Sem ser convidada, nem ela nem o filho.

Mas eu fiz a casa deles, mamãe.

Insista não, isto não importa.

Mas, mamãe!

Não tem mamãe nem papai. Sossegue o rabinho em casa, está dito.

O que mais doía em Xicote era terem esquecido dele. Sabiam da sua fome, do seu trabalho, tijolo por tijolo, junto com os pedreiros e ajudantes, os carpinteiros. A verdade é que sentia orgulho quando passava de frente com a casa de seu Valeriano e Dona Belinha, e dava vontade de dizer bem alto, pra todo o mundo ouvir:

Essa casa, fui eu quem construiu.

Se não a levantou só, tem certeza da grande participação. Sabe quanto suou pegando tijolos, os dedos ficavam na carne viva, quase escorrendo sangue; a roupa, suja de barro, pó, areia. Os olhos eram só terra queimada das caieiras.

Acorda, Xicote, vem me ajudar a fazer estas esteiras. Tenho entrega para amanhã.

Ele se levanta esfregando as mãos nos olhos, olha pro lado da casa de seu Valeriano e não vê mais ninguém. Tudo soturno. Deu-lhe um nojo, um nó no estômago.

Não quis tomar o café preto que a mãe lhe oferecera.

Só mais tarde, silenciosamente, sobe pelos armadores, ganha as telhas e consegue surrupiar um pedacinho de rapadura, lá, escondido, que mastigou com farinha, disfarçando dor de dente.

A boca está inchada, latejando.

Às apalpadelas, a mãe consegue segurá-lo e o desmascara na venta:

Abre esta boca, seu sem-vergonha, seu trombudo!

E aplica-lhe uns cascudos, bate nos queixos com uma raiva incrível, ficam doloridos pelo resto do dia, e no outro, sem nada poder mastigar.

Em seguida, roda o menino pelo braço e ele cai no chão.

Logo ela! Tão boa e carinhosa, não podia ser. Era um pesadelo.

Digitalizado com CamScanner

8

Era um pesadelo e tanto.

O jeito foi levantar, os olhos inchados de verdade, cada vez mais de beiço trombudo, sem querer. Ah, natureza! O tempo a escorrer quase sem deixar rastro. A casa era só silêncio. Depois se olharia no espelho.

Queria enterrar o passado, mas o destino o amarrara a ele, deixando entranhar-se na alma ainda implume. Dormindo e revivendo.

Vem outra manhã de domingo.

Amanda já resolvia seu laboro de casa, fazendo o café, sentia o cheiro bom. Enquanto ele espreguiçava-se na rede, sem vontade de levantar. Só a rolar pensamentos que não escrevia, deitando as imagens num canto para esquecer. Mas ser escritor famoso não era sua aspiração? Tinha que escrever nem que sua própria história. Quando fosse para o açude levaria papel e lápis.

Foi quando bateram na porta. Era o irmão de Amanda, Ananias.

Os da república lhe falaram de Ananias, com fuxicos, contando isto e aquilo, um mau elemento, intolerável. Ela nunca se havia referido ao mano. Ainda fazia referência à mãe e ao pai, falecidos, e nada mais. Nem o nome deles declinava.

Não gostaria de tocar nas amigas e colegas, nem se ainda são - este o argumento quando D. Xicote a instigava.

As vizinhas eram simplesmente vizinhas. D. Xicote, até então, não lhes sabia sequer o nome. Morava com Amanda há pouco tempo. Primeiro, D. Remédios, mulher de seu Chagas, que possuía um jipe velho; depois, D. Conceição, do lado esquerdo, viúva, coitada, que só tinha a vida e o trabalho na banca do mercado para sustentar os dois filhos.

Não, nenhuma pessoa pode subsistir sem um amigo. Que recaia sobre um familiar é concebível, que então se transformará

Digitalizado com CamScanner

em amigo; muitas vezes os estranhos são mais amigos, quando o são.

Abre a porta.

Quem é você?

Xicote estatelou-se. Era cedinho, cerca de 7 horas da manhã. E sentiu-lhe logo o bafo de bebida. Foi um péssimo encontro. Vinha, com certeza, dos cabarés, da casa de alguma quenga. Logo esqueceu, talvez porque o aroma que chegava da cozinha era maior e convidava ao quebra jejum domingueiro.

Já devia ter-me respondido. Como não falou, encabuladinho, eu me apresento: Sou o Francisco Picote, amigo de sua irmã. E você, quem é? Pode me dizer o que faz na minha casa, a estas horas?

Xixi... cote, foi o que eu ouvi? Isto é nome de gente? Nunca ouvi falar que alguém fosse batizado por Xixi. Então o padre mijou na sua cabeça. Estranho, ela não me falou nada. Sabia que sou amigo do vigário desta *piroca* e tomamos cerveja juntos? - disse, enquanto segurava a mão do rapaz, quase não a soltando, embora falasse várias outras grossuras.

Ela não me falou sobre nenhum forasteiro. Você não é daqui.

Cale a boca, Ananias! Vá dormir! Depois eu lhe conto.

Amanda falou de onde estava, com voz superior. O papo terminava ali. Sentou-se numa cadeira, tirou os sapatos e jogou-os para um lado, as meias para outro, a camisa no espaldar da cadeira. Começou a tossir, espirrar e grunhir. Depois de respirar fundo:

Eu vim aqui pedir dinheiro emprestado para pagar uma dívida minha que vence hoje.

Que tipo de dívida? - arriscou Xicote. Foi de...

Mas ainda nem me conhece e já quer saber de minha vida, meus negócios?!

Ouvindo aquele papo desconchavado, Amanda sai da cozinha e pede ao mano que cale a boca. Ou pelo menos tenha modos. Em seguida, vira-se para Xicote:

Deixe ele aí e venha tomar o café. Depois eu lhe explico tudo.

Digitalizado com CamScanner

Ele vinha morar com Amanda. Infelizmente era casado mas a mulher o pôs pra fora de casa. Fora parar na casa de uma prima, mas esta, não suportando, mandou-o para a rua.

Como você trata bem meus problemas! Você é psicólogo?

Quero ser escritor famoso, já que não existe a profissão de psicólogo, que eu saiba não existe.

Nem a de escritor.

Viver só desses bicos de correspondente de jornal, de outros do programa de rádio, não dá. Não quero mais trabalhar em lojas. Posso fazer meus livros e vender. Publicá-los nos jornais e revistas. Tudo isto é ser escritor.

O *papo* com Amanda naquele dia foi mais longo e mais investigativo. Por que não falava nada de si nem da família?

Por que não lhe expusera sua situação de arrimo de família?

Muitos outros porquês.

Amanda não se alterava. Sem irritação, tinha para Xicote sempre um sorriso convencedor. Disse que Ananias era uma bela criatura não estando na bebida. O problema é que Xicote o tinha conhecido justamente na pior situação, nem poderia ouvir sua boa conversa. Que lhe desculpasse a discrição. Precisava de tempo.

E eu também - alterando um pouco a voz.

Não, não se irrite, você é um amor de pessoa. Vocês hão de se dar bem. Ele só ofende o bocado que come e a cachaça que bebe. Amanhã você verá.

Armou uma rede no quarto que tinha janela para a frente da casa, paralelo à sala de visitas, e mandou que Ananias deitasse; o rapaz levantou-se quase aos tombos, os olhos vermelhos, a roupa suja de mais de uma semana.

Por essa Xicote não esperava. Dividir a casa com ele. Pior era a falta das atenções de Amanda, o afeto, o cuidado, tudo o que iria acontecer pra frente. Que decepção!

Tomaram o café, calados, salvo algumas palavras rápidas sobre Ananias e pequenos comentários sobre o fato novo. Xicote nos monossílabos sim, não, talvez... Entrou para o quarto, deitou-se na cama de solteiro e tentou descontrair-se; pensava em dormir, pois não tivera uma noite completa de sono.

Digitalizado com CamScanner

No dia seguinte Ananias estava bom. Era outra pessoa, embora conservasse alguns gracejos, algumas piadas. Contou-lhe uma das suas, envolvendo as coisas do folclore curralinhense. Esteve na festa do Morro do Quebra Pescoço. Animada. Muita gente rezando, mas outros apenas sacaneavam a fé dos que ali vinham orar e cumprir promessas.

Você sabe o que aconteceu ali? Como é mesmo seu nome?

Xicote repetiu o que tinha dito no dia anterior, acrescentando a brincadeira de Amanda:

Hoje me chamo D. Xicote.

E amanhã?

Bem...

Brincadeira, não responda. É que eu gosto de mexer com as palavras e com as pessoas.

É natural que o nome Quebra Pescoço lhe tenha intrigado. Agora, enquanto estão atentos, vou contar-lhes a história. Amanda já conhece mas vou colocar-lhe alguns enfeites.

Fazenda Sussuapara, ano de 1800.

O homem estava inquieto, tinha que pegar o boi. Ninguém lhe podia enganar, quanto mais um bicho, aquele maldito garrote estrelado. Chovia bastante, o dia amanhecera bonito. Pra todo canto que se olhava eram os torreões de nuvens. De vez em quando a torneira lá de cima se abria. Fosse menino ainda, ia banhar na chuva, que não há coisa melhor. Agora, o que lhe machucava era não ter pegado o garrote. Uma semana, e não o via mais. O rio já descia com muita água, fazendo, no início, aquela roncadeira como se viesse rasgando a terra. Muitas horas que a chuva continuava sem parar. Desde ontem, a noite toda, bom para dormir. E de madrugada já se acorda com vontade de alguma coisa, além de mijar. O que ele tinha que fazer era pegar o boi Estrela. Deste vez, pra valer. Sentiu ódio do animal.

Bonito garrote! quase fala sozinho.

Ouve a chuva moderando. Paulo começa a se preparar: veste o jibão e as perneiras, bota o parapeito, calça as esporas, põe o chapéu de couro seguro pelo barbicacho. Verifica se tudo está em ordem. O cavalo ficava no cercado de-junto de casa. Num instante coloca a manta, a sela por cima e o resto dos arreios.

Digitalizado com CamScanner

A mãe viu aquela arrumação, com espanto. Deixou o caldeirão de comida fervendo e veio cá fora:

Hoje é Sexta-feira da Paixão, meu filho.Você não pode fazer isto. É pecado. Deus castiga. Tire essas vestes.

Moravam perto do Morro, um pouco distante do rio, assim numa aba de serra. A vista para o vale do Guaribas encantava seus olhos. Mas Paulo não estava para esses devaneios.

Não, mãe. Eu tenho um trato com aquele danado.

Não faça isto, também reclamou o pai, enquanto consertava uns chinelos. O almoço já está quase pronto. Mas vamos esperar para as doze. É dia grande. Estamos na Semana Santa, não cometa um sacrilégio. Deus não quer que se ande a cavalo.

Nenhum dos dois puderam pensar na realização da asneira. O filho poderia ir pra casa de uma das namoradas. Não que ele tivesse tantas. Mas as primas bem que poderiam acalmá-lo.

Os irmãos nem deram pela loucura do rapaz.

Brincadeira de mau gosto: campear, vaquejar e até mesmo cavalgar durante os Dias Grandes. Era realmente um pecado, desde o tempo dos avós e bisavós. Mas em cada família há sempre um presepeiro, aquele que não anda sob medida, desconhece os conselhos dos mais velhos e as tradições do povo. Paulo era o filho que dava mais trabalho. Noutras ocasiões, não. Bondoso com a mãe, tratava o pai com respeito e os irmãos com amizade. Alegre, esperto nas dificuldades, não esmorecia fácil e encontrava um jeito de resolver os problemas com calma. Mas era brincalhão, ninguém sabia quando estava a falar sério. Em tudo punha um dito picante, uma piada, um apelido nos bichos e nas pessoas, nomes feios, e xingava. Xingamentos e apelidos que não eram aprovados mas esquecidos por ser um bom cumpridor dos seus deveres, inclusive os religiosos.

Pois foi isto que surpreendeu a todos, naquela Sexta-feira Santa.

Pensavam que ele ia parar na casa das primas. Aquela vestimenta era apenas para mostrar-se. Mas, não, lá ia Paulo tomando a estrada real, no rumo do nascente, numa carreira que nem poderia ouvir o chamado do pai.

Paulo, meu filho, não seja teimoso, volte!

Digitalizado com CamScanner

Ainda chovia fino, a névoa já aparecendo nos altos. Porém grandes nuvens ainda pesavam, com trovões estrepitosos e relâmpagos de cegar os olhos. O rumor do rio já era menos evidente. Não demorou, saía o sol, aquele solzinho gostoso de inverno. Ventos frios já sopravam.

Espera que espera, não foi possível mais. Almoçaram. O prato de Paulo foi colocado no armário. Se tivesse ido pra casa de um tio que morava pro lado de cima, talvez lá ficasse o dia. O almoço serviria de janta.

O destino perseguia Paulo, atrás daquele boi amaldiçoado - coração de mãe não se engana.

Depois de algum tempo, Paulo deixa a estrada e segue por uma vereda que rodeia o Morro, cada vez ficando mais perto do cocuruto. Mato fechado por causa das grotas, senda estreita por conta das pedras. Em dado momento avista o boi Estrela, quase a 50 braças, calculou. Não houve tempo de pensar. O destino era caturá-lo, tirar aquela ânsia guardada no peito. Um dos companheiros da vez passada era metido a poeta e fazia sempre versos sobre a pega de bois. Para o Estrela, ameaçando que ia acrescentar mais coisas até completar um folheto, fez umas três estrofes. Sua pretensão era vender junto aos folhetos de cordel do Juazeiro do Padre Cícero, no Mercado de Curralinho.

Mas como, se aqui não existe tipografia?

A gente faz uma de casca de pitombeira. Eu sei quem tem habilidade para isto. E se interessa.

De qualquer maneira, aqueles versos eram bem-feitos, verdadeiros, gozados. Assim, feriram muito sua honra de vaqueiro porque deixavam entrever que não tivera a coragem e a habilidade necessárias para laçar o boi Estrela, naquela ocasião, como se vê:

Na pega do boi Estrela
Três vaqueiros iam atrás,
Tanto corri eu, Joaquim,
Como Paulo e Pedro Brás,
E a caça ficou no mato,
Não é assim que se faz.

Digitalizado com CamScanner

Os cavalos eram bons,
Os arreios também sim,
Primeiro ficou o Pedro,
Paulo se adiantou de mim,
Se a caça ficou no mato,
Não foi cavalo ruim.

Paulo, você se segure,
Não lhe vou deixar em paz.
Você é novo e sadio,
Está sabendo o que faz.
Mas já vi que pra vaqueiro
Você não dá, meu rapaz.

Esporeou o cavalo e ele fez uma arrancada das maiores, fumaçando as ventas. A trilha estava mais coberta de mato. E as árvores e os cipós mais crescidos que antes. O danado do Estrela parece que não deixava nem rastro. A mata se fecha, depois de sua passagem, como se por ali houvesse pisado um furacão. A certa altura, Paulo sentiu que um galho forte de aroeira lhe acertara no rosto e o sangue escorria.

Você me paga é hoje, seu demônio - rugiu.

A fúria de sua raiva foi tamanha que ficara cego e surdo. Sendo o Morro mais espalhado pela vertente de-detrás, o Estrela tentaria tudo desta vez. Mas ele não seria desfeiteado.

O boi entrou num lugar sem saída: se voltasse, seria laçado sem piedade por Paulo. A vereda rodeava e subia, rodeava e subia, finalmente chegando ao cocuruto do Morro. Para frente era o desfiladeiro. Para trás estavam Paulo e seu cavalo. Na disparada, já não havia freio de rédea nem de intuição do cavalo. E do pico alcantilado do Morro, escorregadio com a água da chuva e as folhas e cipós, não havia meio de recuar. Mesmo que conseguisse uma meia-volta seria extremamente perigoso. Paulo não via nada, só o boi. Este não via nada nem ouvia, só o estouro do cavalo e do vaqueiro. Paulo nunca foi homem de voltar quando o boi mandingueiro está a dois passos de sua mão. A queda foi estrepitosa para a redondeza. A muitas léguas de distância ouviu-

Digitalizado com CamScanner

se o estrepitar do boi, do cavalo e do homem escorregando até a estrada real, com árvores e pedras, como se tudo fosse um monte de escombros.

Um desastre?! Um raio?! Ou foi o rio?

Foi a última das estripulias do vaqueiro Paulo. O rapaz foi apanhado aos pedaços e posto num caixão, que a família fechou à chave para que ninguém o visse.

Mas há outra versão: que os três foram enterrados juntos: homem, cavalo e boi. Urubus não poderiam comer daquela carne envenenada.

Não é preciso dizer que o fato comoveu o povo da redondeza e de mais longe, desde Bocaina até Curralinho. Na cidade o acontecimento foi tido como absurdo, história mal contada, não podia ser. Castigo, sim. Coisa natural, não. Quem já viu alguém andar a cavalo na Semana Santa, logo na Sexta-feira? Paulo, que logo ficou célebre há léguas de distância, mais longe do que o folheto de Joaquim poderia ir, por uns foi excomungado, por outros chamado de homem valente mas sem juízo.

Castigo ou não, daí por diante aquele pico foi batizado de Morro do Quebra Pescoço. E, durante toda a Semana Santa, virou lugar de festejo, oração para as almas do purgatório, especialmente a alma do vaqueiro Paulo.

Todos que passam em frente ao morro e à cruz que foi colocada fazem reverência e o *Pelo-sinal*...

Um lugar sagrado, na Semana Santa.

Eu estive lá. Havia muita gente este ano.

Há também uma versão humorística do fato, pode ser piada, mas é um final bem mais alegre.

Não! Pare por aí, Ananias. Não fale suas besteiras. Até que você não é mau contador de histórias.

Digitalizado com CamScanner

9

Até que você não é mau contador de histórias - repetiu Amanda, quando Ananias terminou. - Ainda bem que se comportou com decência.

Adulando-o dessa forma, Amanda levantou-se e elegantemente pediu licença: tinha que ir à copa. Os dois ficaram sem ter mais o que dizer. E logo se dispersaram. Ananias abriu a porta da rua e sumiu. D. Xicote, indeciso, tentava lembrar o que tinha conversado com Amanda, antes da história do Morro do Quebra Pescoço, para registrar em seus papéis - anotações que seriam aproveitadas no futuro livro, ainda sem título.

Antes de se dispersarem, houve um pequeno diálogo, coisa incomum naquela casa, pelo menos com a presença dos três, pois a empregada era tarefeira e jamais participava:

Tão boa que estava! - exclamou D. Xicote. - Já vai? Vamos voltar para antes? - completou.

Então, nem vou tomar um banho? Cobra que não anda não engole sapo!

Vá e volte cedo. Você ainda se arrependerá de suas farras! - É Amanda quem diz de onde está.

Ninguém se arrepende do que é gostoso - arremete Ananias.

Ele ainda gosta de si - remata Amanda.

*

O pai não desistia de colocá-lo no comércio. Ganhar muito dinheiro, para ajudar nas despesas de casa. A ilusão do circo foi um momento, um raio fulminante que se apagou com o fechar dos olhos. Veio outra Companhia mais serena, mais pobre. Porém melhor do que o circo Italiano, nunca.

Digitalizado com CamScanner

Para tirar o filho do rabo da saia da mulher. Era só isto. Homem é homem, tem que conhecer o mundo. E ganhar dinheiro. Fazer coisas de homem.

Muitas tentativas frustram-lhe o plano. Ou o menino pegava uma gripe na chegada, ou vinham aquelas dores de barriga que o obrigavam a ficar horas e horas fazendo cocô e emagrecendo, sem condição de sair. A mãe mandava-o para um lado e outro, fosse trabalhar com ela nas esteiras, surrões, abanadores, cordas, cofos, ou fazer mandados da vizinha, com a justificativa de que precisava comprar um remédio para a menor, e leite, e rapadura, e querosene, e sabão, essas coisinhas com as quais era socorrida nas ausências prolongadas do Mestre.

Ora, ora, vocês não estão comendo?

Mestre Manu resmungava ainda:

Tem feijão, farinha e arroz. O fornecimento de carne pra semana, deixei apalavrado com seu Mundico Açougueiro. Que é que falta?

Não lhe atinava que a família poderia precisar de óleo de rícino para meizinha, de um pente para pentear os cabelos de Sus e Elza, de sabão do reino para banhar as crianças, remédios para matar os piolhos que os atacavam. Sem falar nos percevejos e ratos que infernavam à noite.

Cega há muito tempo de um olho e agora do outro enxergando muito pouco, aos trancos e barrancos, D. Morena provia a casa do que faltasse, e faltava, porque o Mestre Manu não era preocupado com bagatelas.

Quando Manu chegou de uma temporada pelo interior, resolveu que o negócio era tomar emprestado um animal, mandar o Xico ir fazer compra de rapaduras em Curralinho e vendê-las no mercado local. Estava dando bom lucro. Tiro e queda. Dinheiro ganho no comércio era abençoado. Todos faziam isto. O filho devia aprender.

Xicote foi. Por que o pai não acaba com a insistência? Até ali obedecia aos dois: pai e mãe, quando era possível. No caso da viagem a Curralinho, a mãe não falou. Era como se aprovasse. Um filho que sabia viajar pelo mundo era tudo o que queria o povo do vilarejo. Contanto que fosse perto, o menino era medroso,

Digitalizado com CamScanner

ir longe corria muitos riscos E como é que ia ficar sem ele? D. Morena tinha suas razões, os demais filhos eram mulheres, esperava tudo do macho. Não sabia ler nem escrever, coitada, mas era sábia. Também com aquela cegueira que lhe apareceu sem um quê, como aprenderia nada além do que já aprendera?

Saíram (Xicote e os companheiros de feira, dois ou três) na sexta, depois do meio-dia. Ótima foi a viagem de ida. Dormiram na casa de Piau da Sussuapara, pertinho da cidade. Aquela folia de ter que perguntar, de não saber onde armar a rede nem como comer o frito de galinha do saco: esquecera a colher. O burro emprestado por seu Armindo era um animal de estimação. Boa pisada. Estradeiro. Tinha nome mas, na verdade, uma palavra esquisita pra burro. Animal muito sabido e amigo para sua espécie. Experimentou chamá-lo como no dia em que foi apanhar na roça de seu Armindo:- Lusbel, Lusbel? - e foi batata! O animal saiu de detrás da moita onde estava e murchou as orelhas no rumo certo. No meio de tanto bicho da mesma cor e mínimas características por diferenças, na roça de seu Piau, no sábado de madrugada, era impossível reconhecê-lo. Xicote pronunciou seu nome apenas três vezes, como quem chama um cachorro. Mais manso até que os animais de seu Valeriano. Na volta, D. Xico e seus companheiros tomaram uma chuva daquelas de matar sapo, muitos dos riachos e rios eram atravessados a nado pelos animais. As rapaduras molharam, o prejuízo foi quase total. Manu Sõin amargou a derrota, mas não desistiu.

Para o menino, pouco se lhe dava que ganhasse ou perdesse dinheiro, o pai resolveria o problema. Viajar era sair da rotina, gostoso, um gosto que muitos de seu tope ainda não sentiram. Sua vitória. Aquela viagem, porém, não fora só maravilhas. Xicote sofreu algumas amarguras e decepções. Enganara-se quanto ao nome do animal. O burro jamais teve nome. Havia uma anedota mal contada entre a gente de seu Armindo. Xicote tomou-a como verdadeira. Tudo não passou de coincidência. Quando o menino disse «Lusbel!» "Lusbel!"(tinha que ser duas vezes), coincidiu que ele vinha saindo de uma touceira de urtigas. Por outra, as moscas do inverno já começavam a fustigar os animais. Já na roça de seu Piau, de madrugada, e com sono e preguiça, Xicote

Digitalizado com CamScanner

nem se advertiu de que levava uma mochila na mão, procedimento recomendado por seu dono. Seu burro era burro mas não tão burro que não se alegrasse com o saco onde comia milho. E os outros, por que não correram em sua direção? Ficou em dúvida se o pessoal de seu Armindo o enganara antes ou depois. O episódio correu novamente de pessoa a pessoa, engordado pela viagem de Xicote a Curralinho. Nunca soube exatamente o que acontecera, tantas eram as versões, tinha vergonha e medo de tocar no assunto. Tudo o que lhe ficou foi que um outro burro da estimação de um coronel antigo quase morrera de uma doença desconhecida, e só se alimentava de sopa de carne. Quase acaba com o rebanho de ovelhas do coronel, mas conseguiu escapar. Morreu de velho. Ingenuamente D.Xico acreditava que seu Armindo tivesse dado o mesmo apelido ao seu burro velho de feira. E que este atendia pelo nome, como cachorro, não pelo milho, que pouco comia. Gostava mais de caldo de carne, na mochila. Sobrava-lhe, enfim, outra dúvida: será que aquele com que voltou de Curralinho era o mesmo animal que apanhara na roça de seu Armindo, na sexta-feira, para a viagem? Ou o próprio dono fez vista grossa? Na madrugada seguinte, viu-se em desespero: fora o último que se levantou para arrear o animal. Todos haviam ido embora e ele ficara sozinho. Como é que ia acertar a estrada? Estava perdido!

Nem lembrou do ditado que diz que ninguém se perde na volta.

Pôs o pé na estrada e foi indagando. Na frente, perguntou de novo. Cada pessoa, uma pergunta. Fez muitas descobertas naquela viagem mas lhe ficaram alguns mistérios.

Meste Manu tomou-lhe o maço de notas e foi contando, tostão por tostão, e conseguiu pagar o empréstimo a seu Armindo. Tudo o que saldou, no final, foram a bóia da viagem do menino e umas rapaduras pretas, meladas, já sem cantos de tanto se mexerem dentro da carga ou que já comprara roídas e desgastadas pela mão dos feirantes.

Numa casa onde faltava quase tudo, essas dúvidas pouco interessavam. Era um milagre ter ganhado essas dez rapadurinhas, pensaria D. Morena. Que estivessem roídas era de somenos. Garantiam o café por alguns dias.

Digitalizado com CamScanner

Depois dessa invenção, Mestre Manu parecia sossegado quanto à futura profissão de Xicote, entretanto em sobressalto por outros problemas. E ele, o menino, ficara abatido, triste, sem saber o que fazer para levantar a cabeça e afirmar-se como homem: Esse menino não conhece mulher, por quê? Já é tempo. Está amarelando.

Digitalizado com CamScanner

11

Toda a cidade quer esquecer, por quê? Se ela mesma produziu o Coronel Burla, elegeu-o a prefeito e tudo mais... Por quê?

Não importa.

Importa, minha Amanda. Tudo na vida das pessoas ou das comunidades importa.

Ele era seu parente?

Parente distante - mentiu.

Mas deixemos isto pra lá, querida. Quando eu for um grande escritor investigarei tudo. Com sua ajuda farei um romance, tecido no meio de outros romances que irão sendo entrelaçados pelas pessoas deste grande livro que é a vida. Nossa e de todos. A história dará um grande filme. Só que falta você contar-me um pouco da sua vida. Não tenha medo, ela não será descoberta por ninguém.

Ah, D.Xicote, não está tão bom assim!?

Não seja egoísta, Amanda.

Entretanto o rapaz não consegue demovê-la. Pára um pouco para pensar, toma um copo d'água, depois café - lembrando-se do cigarro - e pede licença para prosseguir na rememoração que fizera antes de se conhecerem, não porque seja uma história brilhante. Ao contrário, é feita quase só de tropeços.

Chegado a Curralinho, ela o poupa do naufrágio físico e psicológico em que se debatia. Não quer sofrer mais do que sofreu sozinho, embora contando com muitos colegas, nem passar por perto da espelunca que foi seu primeiro e único hotel, ou pelo horror da república dos estudantes. Suspendera o curso, dar tempo ao tempo seria melhor. Quando tudo dá errado, parar um pouco para repensar é um bom caminho.

Na Terra dos Condenados, a vida difere da cidade. A produção da roça é insuficiente para a subsistência. Terras fracas,

Digitalizado com CamScanner

a técnica é a da enxada, da foice e do machado, da queimada para o preparo da roça, dinheiro pouco, tudo influindo para o desestímulo da atividade. Nesta época do ano (era começo de agosto), tudo está amarelo, as folhas secam e caem. As últimas chuvas ditas do caju dão adeuses, e só no próximo ano, em janeiro ou fevereiro. Durante seis meses do ano os homens viajam para outras bandas em busca de meios para viver, ou saem vendendo os produtos de sua colheita, vão às feiras, percorrem todos os recantos possíveis e impossíveis.

Surubim, que ainda era parente longe de D. Morena, portanto de D. Xicote, apareceu na casa de Mestre Manu. Sabedor dos planos do Mestre, trouxe uma sugestão satisfatória aos dois lados: pais e filho. Dona Morena pacificamente aceitara. Que fazer? Quando menos esperava, os homens tinham feito o negócio segundo o qual Xicote viajaria com um único animal atopetado de alho e cebola, Surubim com uma tropa de meia dúzia de jumentos e meia de burros, contando com os de Banzê, e iriam até os confins do Pará para trazer muito dinheiro das vendas. Podiam vender até os animais ganhando bastante dinheiro.

Desta vez, Mestre Manu apressou-se, comprou um jerico bonito, gordo, mais o alho e a cebola necessários, e entregou a carga arreada ao filho.

Agora, Xico, você pode dizer que é comerciante.

Mangalheiro, pai! - Xicote conserta.

Sim, agora você vai aprender a ganhar dinheiro. Meu xará Manu Surubim, seu parente pelo lado de sua mãe, toma conta de você, que é de menor. Você cuida da tropa dele e ele lhe ensina a fazer os negócios.

Nada mais justo.

D. Morena contestava em alguma coisa, já que não podia impedir que o menino viajasse:

Manu, o menino vai ajudar os outros, sem ganhar nem um tostão? Isto não é justo.

E o que ele vai aprender, não conta não, Morena? Você tem cada uma!

As cargas de Surubim eram mais de alho. A cebola era só complemento. Os animais, alguns de cria, outros comprados, todos

Digitalizado com CamScanner

seriam dispostos à venda. O negócio era voltar seco, de pé. Alho de boa qualidade, cebola também, a maior parte tirada da safra do Riachão.

Mestre Manu nem sabia da pretensão de Banzê. Nem ele mesmo tinha planejado. Houve apenas uma meia conversa, na feira. Do que falaram ficou no esquecimento. Banzê morava noutro lugar. Coincidentemente juntaram-se na mesma manhã da viagem, na bifurcação da estrada de Bocaina

Era mais serviço para Xico. Outra meia dúzia de animais para tocar, cuidar. D. Morena não adivinharia. Pareceu que tudo fora feito de propósito.

Xicote não tinha voz própria. Já fizera seus 15 anos. Por aí. Não chegara ainda àquele vigor de quem decide por sua própria conta, afrontando os riscos e perigos. Muita vez pensou nisto até doer o casco da cabeça. Era um pensar inócuo. Mais vinha do que ia. Ao analisar, achava-se tão fraco, tão inútil que bambeava como se fosse cair.

O jeito é conformar-se com o destino. - D. Morena repetia sua crença nas forças cegas da sorte, colocando tudo nas mãos de Deus.

Fixara-se nisto: as brigas da mãe com o pai, que eram de pegar fogo. Nos momentos de desgosto, de refrega oral ou silêncios - estes piores ainda - parece que um apostava com o outro para ver que não ia falar. A casa era um cemitério a caminho do inferno. As pessoas viravam uns bisungos.

Não, agora, o jeito era não se conformar com o real.

Iniciavam-se as peripécias de um mangalheiro na sua primeira viagem. De enrascar as pessoas mais vividas. Seria difícil lembrar de tudo. Mais difícil contá-las depois, precisava da lábia e do poder de envolvimento de Surubim para libertar-se das maneiras deselegantes de Zé Banzê.

Xicote deixou a Terra dos Condenados para trás.

Daquela viagem não esqueceria. E a terra que o viu nascer também, petrificada, para sempre, em sua lembrança.

Digitalizado com CamScanner

12

Petrificada, para sempre, em sua lembrança, muita coisa também do seu tempo de Curralinho. De três episódios lembra como se tivessem sido gravados a ferro e fogo.

Seria bom contar primeiro as coisas primeiras. Mas nem sempre é possível. Começar, então, pelo encontro de Amanda com Xicote, que foi um pouco sem jeito e dói relembrar, ao qual junta a apresentação que lhe fizeram da moça dias depois: - Trabalhadora, inteligente, bonita, um nome amável combinando com a pessoa que é. Como se ele ainda não a conhecesse - era o segundo episódio.

Mas não pode esquecer o que aconteceu à porta de uma loja de tecidos (e o rapaz simulou espanto) - o primeiro. O último fato se deu logo após a noite de *núpcias*, quando sumiu com vergonha, por uns dias, mas voltou arrependido ao seu convívio, suportando com paciência todos os aborrecimentos do Ananias, irmão de Amanda, que então se aboletara na casa, tomando o espaço que Xicote tinha conquistado.

Para muitos da cidade fora um desastre. Para Amanda, nas primeiras horas, também. Grande decepção. Mulher sensível. Depois, com sua paciência de santa e seu amor de anjo absorveu tudo, e a vida dos dois rearmonizou-se. Melhor ainda, transformou-se num mar de rosas vermelhas que fazia inveja a quantos os vissem. As brigas e desavenças entre casais, quando se amam, parece que têm o condão de acender o fogo que morria por nada.

Primeiro que os três episódios bons houve o recebimento de carta (negativa) em resposta a uma sua, incidente que motivou seu conto ainda como ginasiano. Enorme sofrimento, uma decepção e uma tristeza sem fim - só pode avaliar quem já passou por tal.

O conto foi premiado, decerto recompensou e o fez suportar o transe.

Digitalizado com CamScanner

Quanto ao enlace de D. Xicote com Amanda, Ananias só veio a saber após muitos dias de convivência, possivelmente depois da lua-de-mel. O casal saiu para a Igreja sem dizer nada, mas não se casaram. Os banhos já haviam sido corridos - aquilo que hoje chamam de proclamas. Os papéis estavam todos passados. Amanda cuidara de tudo. Na hora, o par não compareceu. A moça foi ao padre e disse que na verdade não queria casar, queria viver junto com D. Xicote, como de fato já estava vivendo. Se fosse pecado que a perdoasse. Assim ia continuar. Vontade dos dois. Depois foi a vez de D. Xicote falar a mesma coisa ao pároco, que ficou escandalizado e revidou:

Vocês estão em pecado, filhos. Pelo amor de Deus, ouçam a palavra de Deus, através do seu ministro na terra.

Os conselhos do padre fizeram uma curva como se não o ouvissem.

Amanda agora era sua conselheira. D. Xicote mostrou-lhe o conto sobre o primeiro fracasso, no amor - seu segredo até então - em Curralinho, repleto de termos românticos, que é do que as mulheres gostam para consumir. Mas, na verdade, querem homens verdadeiros, que saibam falar, contar o que fazem, expressar com vigor e até mentiras e falsidades.

Parece um sonho, senão outro pesadelo do rapaz.

*

Desceu os dois lances de escada do colégio. Com jeito, cobrindo o nome, deu apenas uma dobra no papel. E corre, em seguida, alvoroçado, no rumo de casa. Nem ao menos perguntou se era a última aula. Seu coração queria chegar primeiro. Contentamento ou dúvida? Medo ou tumulto de idéias e sentimentos negativos que acorrem num segundo?

A nebulosa foi-se fazendo aos poucos, ajudada pela tarde que se envolvia nos últimos clarões do cocuruto do morro. Com a nitidez de um vidente, divisa o subscrito e o seu nome em letra de forma, que adivinha ser feminina, tremeluzindo qual letreiro luminoso. Nem um segundo de dúvida após o primeiro instante, quando procurara

Digitalizado com CamScanner

compreender o passado recente e botar um pouco de lógica nas coisas que lhe saltaram à cabeça.

Entra no hotel. Sobe a escada do sótão sem ver nem olhar, caindo no degrau estragado pelo cupim, à esquerda de quem entra. Sente-se feliz, embora fosse uma tarde quentíssima de fim de ano, debaixo de um céu que ameaçava despencar, turbado de nuvens de chumbo.

Os restos de sol são engolidos no poente. Nunca pensou que fosse possível: uma tarde, assim, de contrastes. É verdade que a ela chegara a idade do amor? Então, devia aproveitar bem. Mas aproveitar dando cordas às ilusões, sonhando com o príncipe encantado.

Levanta-se. Refeito do susto da queda, sobe mais devagar o resto dos degraus da escada de D. Miranda. Ninguém vinha ou ia no seu caminho para não o atrapalhar - lançou um rápido olhar por perto. Não havia ruído nenhum nos quartos vizinhos. Que significava tal silêncio, se há poucos instantes a rua parecia um formigueiro e todos o olhavam e das suas palavras nasciam perguntas? As batidas do coração mudam de ritmo e já sente um certo peso no corpo. Frio era o suor daquela hora. O papelzinho na mão incomodava, pesando como se fosse um volume de muitos quilos. Urgia decifrá-lo. Por que as brigas de seus pais e o seu passado de sonhos intermináveis trabalhavam para derrubá-lo, arrastando-se a cada noite como se amanhã fosse um mau dia a chegar, e tudo lhe surgia tão nítido, tão quente na lembrança? Por quê? Por quê?

Ao subir o último degrau, apalpou os bolsos da calça, lá no fundo, do lado direito, estava ela, estava seu segredo - seu futuro. Antes havia tentado colocá-la no bolso esquerdo da blusa, perto do coração, os dois se segredando o que julgava entenderem: AMOR!... Desconfiado de que algum colega curioso tentasse surrupiá-la, mudou de tática, antes de ter que parlamentar com ele e, quem sabe, até brigar, ir às vias de fato, pois estava disposto a guardá-la só para si, sempre, sempre, sempre.

- Não, não é poesia, é outro negócio.
- Que negócio, Xico? Esse negócio tem nome. Diz logo.

Digitalizado com CamScanner

- Não digo, é meu segredo.

- Que é isto, rapaz? Você com segredinhos que nem mulher?! Diz logo, ou vou te tomar na marra, na força bruta.

Pensou várias vezes, várias formas. Não dava certo. O jeito que teve foi amarrotá-la, e o fez com pena, como recebera de Teresa, tão dobradinha, na ponta dos dedos, como se fosse a marca do carinho condutor. Procurou não fixar ninguém na rua. Medo de ser interrompido, no trajeto, por um chato. Tinha pressa, tinha ânsia de chegar, mas sem demonstração de que levava no bolso - qual deles? - apalpava-se para ver se não tinha fugido - seu segredo maior de toda a vida, seu segredo melhor. Cartas de amor sempre levam segredos, e aquela era seu grande passo no desconhecido. Não havia dúvida. Como deveria traduzir os olhares insistentes de Raísa, em redor da mesa de jantar, todas as noites? Após a refeição da noite, seus grandes olhos refletiam desejos fortes. Era um brilho tão diferente do de antes! Ódio não era. A proximidade em que viviam era o grande (e melhor) empecilho. Quem diria! Se morassem em casas próximas, um meio de falar daquilo que só se fala a sós já teriam descoberto. Foi por isto que procurei afastar-me dela. Longe da vista, longe do coração? Mentira - pensava, com raiva de quem lhe tinha ensinado o adágio. Seu pai. E ele era um sábio em tudo. Mas desta vez errara.

Enquanto apressava o passo, dizia consigo:- Não estou me escondendo, não. Um casal ia de braços dados pela praça distante, o que o fez sentir-se como dono de Raísa, e já se visse ao lado dela. Sim, poderia fazer o mesmo, longe dos olhares do pai, intrigantes, ciumentos, reprovando-os no silêncio da noite, quando ia deitar-se e passava para fechar a porta da frente, e que ainda ambos faziam as lições de casa para levar ao colégio no dia seguinte. Amanhã a Zuzinha vai-se morder de raiva ao notar as semelhanças do trabalho de Raísa com o dele, a proximidade, tudo o que acontece praticamente a dois palmos de seu nariz.

Engolia a saliva silenciosamente, não obstante a pressa no caminhar. Bem na esquina do Cine Ideal atropela um cachorrinho que farejava o chão em derredor da lata de lixo. O

Digitalizado com CamScanner

pobre saiu ganindo danadamente porque lhe pisou o calcanhar. Evidentemente já corria, mas quis certificar-se. Fez esforço, pára e se volta como se houvesse esquecido algo. Pressa sem necessidade. Já era tão perto que se podia falar com alguém de lá. **Festina lente**, apressa-te lentamente - o latim aprendido na escola não o deixa nem nestas horas de aflição. Um demônio crescia dentro dele, avolumava, estava prestes a explodir. Olhou para todos os lados, e para os pés como se quisesse ver debaixo do chão. Alguém o estaria seguindo para agarrá-lo. Sentia calor como nunca, e suava. Era como se lhe saísse fogo dos olhos.

Ser derrotado, jamais, seria o fim, era como morrer de morte cruel para a alegria do mundo todo.

Alguém sabe do seu segredo, foi o que lhe acudiu ao pensamento com horror. Teresa. Uma pontada no peito como um punhal. Tic-tac, tic-tac, tic-tac! O relógio teria apressado suas batidas também? Olhou para o pulso de repente, não conseguia obter as horas. Quem o perturbava então? Fora a hipótese... Ou presunção. Verificou que não gastara mais que cinco minutos no percurso do colégio ao hotel. Era comum gastar dez, vinte.... Alguma coisa de anormal e inusitado acontecia. Lembrou-se do horóscopo que ouvira pela manhã. Dia propício a desastres e coisas desagradáveis, fora de rotina. É preferível não sair de casa. Saindo, tenha cuidado - rezava.

Uma bicicleta, um jipe, um caminhão de carga.

- Diabo, já estão me aporrinhando - quase balbucia.

Diminuiu os passos ao transpor a rua Central. Detestava encontrar-se com a dona do hotel, por seus mexericos, por sua conversa comprida. Também, pudera, tem três filhas moças que trabalham exclusivamente para ela.

Bateu na porta devagarinho, mas com uma vontade danada de bater forte, com espalhafato. Pisou suavemente no tabuado. O quarto estava mais sujo do que nos outros dias: pedaços de jornais e revistas, fiapos de roupa, palitos de fósforo riscados, tudo espalhado pelo chão. Livros por todo canto. Quem teria entrado? Positivamente ninguém tinha feito a limpeza diária. Dois cigarros já se tinham ido na fumaça, os dois últimos da carteira. O fósforo também acaba:havia um único palito. Não

Digitalizado com CamScanner

se importava mais, logo-logo ia sair vendendo jovialidade, falando com todos na rua, um sorriso nos lábios, o coração aberto. Não saber por que tremia era mais tremer. Melhor armar a fianga para um balanço, refazer-se da caminhada e dos desgastes do dia, ficar no bem-bom até a hora do jantar. Mas não era isto que queria. Estava ansioso por novidade. Lançou-se à mensagem tão esperada há duas longas semanas, tempo suficiente para criar até saudade numa pessoa - de outra pessoa. Via os olhos de Raísa ali, no envelope, olhos grandes que o engoliam. Simplesmente se pôs de cócoras: a cadeira estava molhada e deu-lhe preguiça de enxugá-la. Abre a carta devagarinho. Simples. Leve. Será uma cilada? Vem mesmo uma mensagem por dentro? O coração pulava de novo, queria saltar fora da caixa. O papel era fino, de seda, e tremia em suas mãos. Parece que o chão tremia com ele. Agora tinha que dar fim àquela brasa, queimava-lhe as mãos sem piedade. Sede. Azia. Antes houvesse chorado como fazem as naturezas fracas, como fez noutras ocasiões. Mas não chorava, tudo entupido no peito, sem expressão. Nem um grito. Nem um sapateado sobre as tábuas de D. Miranda. E não poderia colocar o ódio no lugar do amor. Raísa era também sua irmã, parente, dividiam o mesmo teto, as mesmas lições, a mesma comida, a mesma água, o mesmo ar. Só não dormiam juntos. Reparou bem na letra. Era dela, sem dúvida. E as dúvidas sobre o que fazer com aquilo, consigo, com tudo o que o atormentava, cresciam.

*

Dali a instantes o quarto ardia em chamas.

Ele, bem quieto como se nada estivesse acontecendo, deitou-se. Transferiu todo o ódio da decepção para a coisa, o papel, aquela carta. Sem nenhuma precaução. No fundo, estava agitadíssimo entre quatro paredes. Ficara doente, transtornado parvamente, dentro de sua rede, sem dar notícia do ocorrido. Se alguém pensasse assim, não apostaria no absurdo. Os olhos vidrados no teto.

Digitalizado com CamScanner

Quando o médico conseguiu que ele voltasse a falar, encarasse a vida como ela é, cheia de contrastes, de imprevistos, quando ele conseguiu pôr-se em seus próprios pés, ainda assim D. Mirandinha, sem a menor sensibilidade, sem aquele bom senso que é a marca das pessoas que lidam com pessoas, aborda-o, palavrosa:

- Foi tentativa de suicídio, Xico? Por quê?

E em seguida, remetendo-se ao passado recente que ele só queria ver sepultado:

- Você parecia um louco daqueles furiosos, sinistros, que pensam maldades e praticam destruições.

Dias depois, encontrou, sabe Deus como, a coragem de voltar a si mesmo, abatido, desconfiado e triste. D. Miranda tentou lhe falar novamente sobre o incêndio que havia provocado no hotel por causa de um simples e tolo bilhete de uma moça que não o queria:

- Isto é coisa que se faça! Tem mulher sobrando por aí, menino.

Então, era assim que tratavam as pessoas apaixonadas? Raísa, para D. Miranda, não era mais que uma moça como outra qualquer, e ele, um garoto tonto que provocara um incêndio, causando-lhe enorme prejuízo. E agora tinha que pagar:

- Na conta do hotel, acrescentei uma prestação do prejuízo que me deu. Durante doze meses, foi o que pude fazer.

Que fazer? Concordou em pagar o prejuízo tal como ela propôs.

Mas ficou-lhe, no entanto, a pergunta: - Como é que ela soube do bilhete, se eu toquei fogo no instante em que acabei de ler?

Ah, meu segredo! ficou suspirando ainda por muito tempo. Não escondia nem na hora das refeições, à vista dos demais hóspedes.

Agora só quer mandar tudo pelos ares. Quem não pode ir para os ares é ele. Tenta sentar o pé no chão firme. E nunca mais brincar de fogo como criança malina.

*

Digitalizado com CamScanner

Às saídas que fez à Barragem, para evitar aborrecimentos futuros com o Ananias, sempre ligou outras: sua primeira viagem ao desconhecido mundo dos homens de negócio e de vida, por exemplo. Não atinava o porquê. Viagem que aconteceu por acaso, ou por milagre.

D.Xicote, desta vez, levou papel e lápis, água potável e comida para suportar, até a noite, o ventinho soprando da água, à sombra de uma das barracas dos ricaços de Curralinho, a mais isolada de todas, escrever muitas anotações para o futuro romance.

A alegria da partida não o deixou pensar, nem se aquela sua ausência ia ser notada. Tinha que aproveitar a oportunidade. Na euforia do que iam apreender seus olhos, seus ouvidos, sua pele. O sol brilhava como os viajantes queriam que brilhasse. De noite, lua. Não esquecera as carteiras de cigarros nem a garrafa de pinga para as jornadas maiores. Pela cara do céu, chuva não viria mais para atrapalhar. Xicote iria conhecer os confins da terra pela sua compreensão do que seria o mundo naquele tempo: nem redondo nem quadrado, feito um pássaro que voava no céu, sem destino.

Conhecer os índios e as índias. Pássaros de belo canto. Árvores gigantescas. Rios caudalosos. Animais estranhos. Cidades diferentes. Quem da Terra dos Condenados já tinha visto um índio? Ninguém. Pois ele, Xicote, conversaria com eles, com o pajé, com o cacique, com as índias novinhas, de peito de fora. Aprenderia até a língua tupi-guarani.

Caminhadas umas duas a três léguas, ultrapassando a entrada que vai a Bocaina, havia um vale bonito de se ver de cima da serra. D. Xico viu as casinhas lá embaixo, especialmente vibrou com uma de proporção superior, com peitoris e redes armadas, pôde perceber ao passo que andavam. Devia ser a casa do dono daquele vale, daquelas roças, daquelas terras todas em redor. Era pelas cinco da tarde, tempo de andar ainda muito para frente. Pena não poderem arranchar-se naquela vivenda tão agradável que o menino, mais que os outros, enxergava. Será que não tinham olhos? Era só descer a ladeira, tirar as cargas dos animais, as cangalhas, estirar as redes de tucum e caroá e dormir

Digitalizado com CamScanner

uma noite das melhores de sua vida, em outros ares, longe de quem não o queria ou pelo menos só o tachava de feio e besta. Perto dos céus de Deus. Nem precisava dos sonhos. Fazer a comida era trabalho pra seu Surubim ou Zé Banzê. No muito, mandavam ir apanhar lenha no mato. E só. Os animais é que eram com ele, sim. De noite, peá-los no pasto. De manhã, os arreios, um inferno. Mas não queria pensar nisto. Naquela casa devia haver queijo. De manhã teriam beiju, lingüiça, café e, quem sabe, até leite de vaca. Para início da viagem seria mais que uma festa.

Num lugar desses, eu queria viver! exclamou para dentro de si.

Entretanto, num abrir e fechar de olhos, o céu se cobriu com nevoeiro pesado. De uma nuvenzinha de nada se fez uma outra com peso de chumbo, e outras e outras, engrossando a escuridão que descia da tarde. E em dois segundos despenca um aguaceiro daqueles de fazer sapo pedir clemência, com trovão e relâmpago como só as chuvas do início do inverno, o vento zinindo nos ouvidos e levando as pessoas e os animais para outros rumos. Agora já desciam à Boa Vista, e era realmente de uma bela visão aquela fazenda, não fosse a chuva ter vindo atrapalhar. A água dos grotões fechava a estrada e os desvios, corria pelos joelhos, e na baixada, subia pela cintura de Xicote. Jumentos atolavam, cargas caíam na lama, todos os pertences pareciam derretidos, transformados em água, riacho, rio... Trabalho enorme e preocupação por mais de um dia, conforme o sol, a estender as cangalhas, cabrestos, roupas, redes, e as tranças de alho, e aqueles sacos de cebola fedorentos.

Nunca vi chuva neste tempo, é quase setembro.

Nunca vi chuva deste tamanho, será castigo?

Isto já não é mais chuva, é um dilúvio.

Diabo! - os animais pareciam querer xingar, com o balanço dos rabos e o repisado pelas poças, como se procurando lugar firme, impacientes com as bicas que desciam pelos olhos.

Quando o trovão estalava bem pertinho, os animais tropeçavam, caíam em buracos, as orelhas murchas, faziam um esperneio só. Mas, de resto calavam, seguiam, pacientes. Calado

Digitalizado com CamScanner

é o melhor meio de aceitar o sacrifício. Não havia remédio contra a zombaria do céu. Voltar não podiam.

Voltar! - foi a palavra que pipocou da boca de Zé Banzê, no ouvido e no coração dos outros dois. Decisão logo de quem levava a tropa melhor: burros bons, novos.

A luta foi grande com os animais e as cargas, mas finalmente chegaram todos, molhados como pinto, tiritando de frio, à casa de alpendre que Xicote divisara lá do cimo e muito namorou com a vista e com o desejo de nela adentrar-se, recolher-se, morar e... Quem sabe, lá dentro poderia existir uma virgem conforme falam os poetas românticos, de trança nos cabelos e roupinha rala, olhar brejeiro e perfume de fruta do mato, esperando por ele. Sua princesa. Seu amor que nunca tivera. Sensações que só se aproveitam por completo da primeira vez, justo porque são inusitadas e por isto a juventude é merecedora do nome que tem.

No sentimento da terra e do espaço, da luz e da cor, muito mais apurado em alguns entes do que noutros, é onde e quando - diria o poeta - a alma passa de criança à madureza, sem aquela porta da alegria formal e do sacramento religioso, e conserva sua integridade, sem corromper nem ser corrompida. É uma força para os embates que a vida oferece.

Xicote acumulou essa força.

Passa a experimentá-la sempre que sente o cheiro de milho verde, angu, pamonha ou canjica, em qualquer lugar. Lembra o cuscuz daquela noite, trazido pela mocinha de olhos verdes, com a voz agridoce de imbu tirado do pé, depois das primeiras chuvas, e a mão branca, macia e trêmula, que no entanto não deixou cair nada, nem uma colher - prova da firmeza das mulheres do sertão.

Deixe-me ver seus olhos, disse Xicote naquele instante.

Amanda mostrou-os.

São verdes também.

Também? Como assim?

Digitalizado com CamScanner

Também? Como assim? - ligeiramente ruborizada, Amanda repetiu a pergunta de D. Xicote. Era como se quisesse dizer-lhe com outra pergunta: não são os mesmos, só por causa da idade, do tempo que passou? O coração não passa.

Distraído, D. Xicote perdeu a oportunidade de adivinhar na expressão dela o que ia dentro d'alma. Nada ouviu nem pôde pressentir no rosto de Amanda, tão envolvido no revolver do seu próprio passado. Era como se estivesse num transporte, num enlevo.

Mas continue sua narrativa - pediu Amanda, acrescentando que achava muito interessante a natureza e não sabia por que o homem a maltrata tanto.

A chuva parou como por encanto. Uma pontinha de sol ainda apareceu naquela tarde, suficiente para enxugar algumas pontas de redes e cobertas, secar um pouco das gotas de chuva. As cargas, as cangalhas, os sacos de roupas e pertences com a bóia foram estendidos ao longo do alpendre, no parapeito e em esteiras que foram deitadas ao chão. Fez-se um fogo em frente da casa de alpendre, com lenha que a menina Mariquinha trouxera de dentro; os animais já soltos, os mais velhacos com peia para não fugirem, pastavam pelo terreiro e para além no caminho que se cruza com a estrada e some no meio das cercas a perder de vista. Era como se os visse agora.

Os dois homens e o menino colocam as cargas ao abrigo do alpendre, livres do sereno da noite ou de nova chuva que pudesse vir. Depois da canseira, tomam as redes e dormem o sono dos recompensados.

Não aceitam mais do que o café e o cuscuz oferecidos. Pedem licença e abrem o saco de frito como complemento, e fartam-se, depois de um dia de tanta atrapalhação.

Acomodados, noite tranqüila, sono solto. Mas, enquanto os outros dois dormiam, Zé Banzê, como às vezes o chamavam,

Digitalizado com CamScanner

ficou zanzando pelo alpendre. Tremia. Não era de frio, não era de febre nem de gripe. Olhava os animais como se estivessem indo embora, bem distantes. Depois não escutava mais nada. Quando os galos amiudavam, bateu nos punhos da rede de Manu Surubim:

Isto são horas? É muito cedo.

Não é isto, companheiro. Quero é lhe dizer que me arrependi.

Ô xente! De quê? Não houve nada entre nós para você arrepender-se. Tá feito menino de calças curtas. Só por causa de uma chuvinha besta?

Aquela expressão de calças curtas atingiu Xicote em cheio. É que só há poucos dias tinha mudado para o traje de homem. Ficou de orelha em pé.

Vou voltar. Você se quiser, fique. Tive uma premonição.

Besteira, homem.

Xicote notava como era posto de lado, nas conversas e nos atos.

Agora!

E o menino?

Que menino? Não era mais criança. Depois que veste calça comprida responde por seus atos, ora. Depois, é seu parente.

E o dinheiro?

Vai com você, completava Zé Banzeiro.

Partiram para o negócio. Surubim ficou com tudo, pagaria quando voltasse, com dez por cento do lucro.

Havia momentos em que Xicote se sentia um ser entre animal e gente, mais animal que gente. O menino e os animais. Estes valiam dinheiro. Ele, o menino, nada. Somente era tido e exigido pelo trabalho que fazia, mas alegavam sempre pelos poucos cuidados que lhe dispensavam.

Começou a pensar bem, tomava uma decisão, a primeira de sua vida, e abria a questão da sua importância: Como poderia existir a viagem de Surubim, sem ele, Xicote?

Eu também não vou.

Como não vai?

Não vou nem volto. Eu fico.

Digitalizado com CamScanner

Aqui você não pode ficar. Ninguém lhe quer. Você é de menor. Seu pai me entregou. E que é que eu vou dizer a ele? Mandar dizer por Zé Banzeiro?

Diga a verdade: Ele ficou na Fazenda Boa Vista.

Não, isto eu não faço.

Então minta, diga que eu me perdi.

É assim que você quer?

É isto mesmo.

O pessoal da casa acordou com a barulheira. Os mais novos se sentiram incomodados; os velhos, talvez por falta de sono, já estivessem alertas. Ouviram tudo. Foi uma vergonha. Manu Surubim correu a pedir desculpas a seu Fulgêncio, que permanece imóvel, sério, sem palavra.

No entrevero, quase que Surubim perde a paciência. Mas, de momento vem-lhe o bom senso, viu que não era bom discutir no meio de gente estranha, alguém poderia tomar partido e então mais complicada ficaria a questão.

De fato, ela, Mariquinha, tomou o lado de Xicote, com o interesse de seus gestos, de seus olhos vidrados, que mais pareciam de uma bonequinha branca e rosada. Ele, de antenas ligadas, invisíveis, sentiu tudo e captava o que bem só adivinharia um sábio.

Embora o considerassem, lá na Terra dos Condenados, um abobalhado qualquer, soprou-lhe uma idéia vinda de bem do fundo de si.

Tá bem.

Mas era como se dissesse: vão vocês que eu fico.

Os grandes saíram para um canto do alpendre, que era muito comprido e ainda rodeava para o outro lado, e acertaram que Xicote iria nem que fosse preciso castigá-lo.

Não tenho medo, disse.

Não precisa se afobar, menino. Na volta, seu Manu passará por aqui. E então, se você quiser trabalhar... - falou o dono da casa.

Na volta, eu fico, ouviu, seu Fulgêncio.

O fazendeiro interrompeu a discussão na hora em que partiram para os xingamentos e colocou sua palavra de honra,

Digitalizado com CamScanner

com aquela força que só os homens da roça, serenos, firmes e conscientes de sua dignidade possuem:

Vá, Xicote! - E pondo a mão grande e calosa no ombro do rapazinho, completa: - Minha palavra não é de rei, mas costumo cumpri-la a qualquer custo. Deixe seu endereço, o nome de seu pai, de sua mãe, ou de quem assim faça as vezes, para facilitar a comunicação.

Agora - indagou, fixando bem o viajante - quantos dias você me dá para a volta dessa viagem, seu Bandeira?

Bandeira não, seu Fulgêncio. Meu nome de guerra é Banzeiro. E o dono da viagem agora é Surubim.

Dou dois meses, seu Fulgêncio. Dois meses, no mínimo - falou o outro.

Negócio é negócio, palavra é palavra.

Firmaram o pacto e se despediram com apertos de mão.

Digitalizado com CamScanner

Despediram-se com apertos de mão. Lá atrás, Xicote e Mariquinha se beijavam de leve, cerimoniosos.

A viagem transcorreu dentro do planejado, só uma ou outra surpresa, pois em tudo acontece algo novo a fim de que fique gravado na cabeça dos viajantes, para sempre. Com muito trabalho, muita canseira. Atravessam chapadões enormes onde não havia uma só casa. De noite faziam uma fogueira grande, armavam as redes no alto das árvores, com medo de onça. Uma noite, justo naquela em que encontram pouca lenha e por isto o fogo apagou, ela apareceu. Primeiro um esturro. Depois, chegando mais perto, os olhos brilhando na escuridão. E os viajantes, tremendo que nem vara verde, como dizia mamãe, lá no alto de suas redes. Armas de fogo não tinham. Por sorte Surubim fumava e jamais se despregou da carteira de cigarros e de uma caixa de fósforos. Xicote levanta o pescoço e diz sussurrando:

Ouviu o grunhido da pintada?

Ouvi. Aqui perto.

Olhe os olhos dela!

E você ainda fala assim como se fosse uma vantagem! Nós estamos lascados.

Você tem fósforos? - lembrou Xicote.

Tenho.

Então?

A caixa está meia.

Acende e procura tocar fogo nessa árvore.

Por quê?

Lá está ela. Pode ser que recue.

A árvore era grande, havia um galho morrendo, folhas secas, cascas...

É mesmo que tocar fogo na casa. Daí, para você vai, se o fogo se alastrar?

Digitalizado com CamScanner

Você pula no chão, de pau, de facão.

Num instante o galho murcho ardia e a bichana tomava seu rumo, em busca de outras vítimas, que não fossem Surubim e Xicote nem seus animais, cujos chocalhos ouviam ali por perto. Os olhos se apagaram, ou os viajantes se enganaram com a claridade da manhã nascente. Foi uma noite nervosa. De medo. Apreensão.

Desceram, fizeram o café. Xicote tremia de medo ao procurar os animais, despeá-los, trazendo para receberem os arreios.

A viagem prossegue. Foram léguas e mais léguas, de beiço e de verdade sem fumaça de fogo, durante o dia. Noutras noites - porém já estavam voltando - viram-se obrigados a dormir com chuva, ao abrigo de árvores nem sempre frondosas ou aconchegantes. Os mosquitos picavam-nos sem piedade. E se fossem transmissores de doenças? Sezão? Os pés doíam, mais estropiados que os dos animais. O corpo alquebrado, magro, a cabeça pendida para o chão, era preciso ter cuidado, saber onde pisava. A volta de Zé Banzê desarrumou o que tinha sido arrumado. Obrigavam-se, agora, a vender alguns animais antes do tempo. Iam batendo os arreios e, assim, davam mais trabalho. Outros porque, estropiados, cansaram, e não era possível parar.

Os mangalheiros Xicote e Surubim comeram fogo, um tempão sem ter onde comprar alimentos de sal, bagulhando rapadura e farinha, numa região deserta que metia medo. E quando resolviam fazer uma comidinha era afogueada, quase crua, sem gosto. Só não sofreram sede também porque levavam as borrachas.

Nalguns dias, não paravam. Era de sol a sol. Vender alho e cebola pelas estradas, de porta em porta, nos povoados e cidades, nos mercados que existissem ou que inventassem. Um dia aqui, dois acolá. Ás vezes topavam com um festejo de igreja, um forró de pé-de-morro. Mas, quem disse que viajante com pouco dinheiro e muita responsabilidade (dívida) pode gozar dessas vadiagens? Naturalmente, ao chegar em casa inventariam suas potocas, para não bancarem os trouxas, mas eram só conversa de quem teve vontade, de quem sonhou. Sonhar não faz mal. Não é pecado.

Digitalizado com CamScanner

Atravessaram riachos, riachões e rios a pé e de canoa. Depois foi a vez do pontão. Um dos rios era muito grande. Xicote depois soube ser o famoso Parnaíba e que muita gente tinha morrido naquela travessia. Felizmente não viu nenhum afogado, livrou-se das emoções negativas. Disto quase não lembra, ninguém guarda o que não marca os sentimentos. Ainda deslumbrado com aquelas paisagens, a saúde e a coragem do menino ainda tão vibrantes, apesar do esforço dobrado para sua idade, Surubim considerava-se feliz. O dinheiro no bolso era o principal. Xicote, no entanto, guarda fatos e passagens nem sempre dignas de álbum de fotografia ou de registro em cadernos de memória. E menos espetaculares, como o caso da onça.

Nunca tinha visto tanta água, pois ainda não conhecia o mar. Não sabia nadar, tinha de confiar em Surubim, apesar das escaramuças na fazenda Boa Vista. Ainda acreditava nele. Até que provasse o contrário, era amigo do Mestre Sõin. Como foi que soube que seu pai tinha tal apelido? Através de algum cochicho dos inimigos. Surubim era muito amigo do Mestre. Tanto que nunca falava nele pelo apelido. Sõin - porque era feio, de cara miúda, olhos mais miúdos ainda. Ninguém sabia se estava enxergando as coisas ou não. Mas todos o respeitavam. Era quando o ditado popular, muitas vezes repetido por Dona Morena, perdia um pouco de sua validade: toda ausência é atrevida.

De Banzê, como saber-lhe os sentimentos a respeito do Mestre, se pouco o tinha visto antes, uma vez ou duas, e agora voltou, desistiu?

Do outro lado do grande rio, venderam muito. Mais do que esperavam. D. Xicote já ia bem cansado. Ao escurecer, desarreados os animais, caía como uma pedra. Muitas vezes nem lembrava de comer nada. Surubim ainda jovem, se bem que casado e com filhos, aproveitava a distância da mulher e caía na farra.

Digitalizado com CamScanner

15

Caía na farra, você também, não é?!

Foi então que D.Xicote percebeu: Amanda estava atenta aos pormenores.

Não, eu era de menoridade, e com a criação que tinha... Ele era esperto, eu tolo. Mas aprendi.

Todo mundo é esperto uma vez na vida.

Quer dizer: aproveita-se da ocasião!? - replicou ele. - Mas sempre tive pena das mulheres, de sua situação. Mas sou homem e nada posso fazer. Elas é que se devem fazer por si.

Surubim não foi o primeiro que pulou a cerca nem seria o último. Ele pensava igual à maioria: as oportunidades são poucas.

Um dia vão pensar todos iguais e serão socialmente da mesma forma.

*

A festa, no primeiro dia que atravessaram o rio, foi de arrombar, segundo versão do próprio Surubim. D. Xicote por si mesmo conta pouco do que houve. Ouviu a sanfona gemer, havia pandeiristas tocando, mulheres e homens dançavam e bebiam mas todos bem vestidos, alguns até de chapéu. Suru estranhou que estivessem armados de faca, pistola, revólver, canivete.

A zoeira foi enorme no começo. Depois ia ficando longe, longe. O pó preto levanta e bate em suas narinas como verificará de manhã, ao assoar-se num velho pedaço de papel.

Mas não pensou em briga, não sentiu medo, naquela noite dormiu bem como nunca.

Sonhava a volta e o reencontro com Mariquinha, na fazenda Boa Vista.

Tomara que não fosse quebrar a cara. Pois que não deu tempo nem de saber se a menina era filha de família, criada ou

Digitalizado com CamScanner

aderente. Talvez trabalhasse para o velho Fulgêncio. Como iria perguntar de chofre, entre um *gostei muito de você, do seu jeito* e a resposta do *eu te amo, pode acreditar - você não vai mais - eu vou mas volto, meu amor - jura - juro!* Não sobrava lugar para nenhum pensamento mau, palavra de desconfiança ou preconceito. As crianças se viam pela primeira vez, apaixonadas, numa conversa de namorados tímidos mas verdadeiros, enquanto em toda a casa de seu Fulgêncio até os alpendres dormiam.

Ela, a medo, baixinho, para que ninguém escutasse; ele, às vezes se exaltando e querendo um beijo mais forte. Que lindo! exclamariam as flores se pudessem ver, talvez lembrassem de manhã.

Até então Xicote só beijara moça falada.

Ah como gosta de recordar!

E você não gosta?

Amanda não fala. D. Xicote nota-lhe uma tremurinha no queixo. Seria verdade?

O entrosamento fora tão grande que não poderia enganar-se. Estava escrito. Xicote seria outro. Até o nome tinha de mudar. Sem dar notícias aos de casa, na Terra dos Condenados. Esquecê-los!

Seguindo, havia uma barraca abandonada, à beira do rio Parnaíba, do lado do Maranhão. Homens e mulheres entravam nuns botecos de palha com bancos de madeira bem tosca.

Xicote e Surubim aboletaram-se, armaram as redes para o pernoite.

Finalmente é chegada a hora da folia, que festa só começa tarde. Xicote, no meio da madrugada levanta, desacordado, vai fazer xixi detrás de uma moita e pensa: vou já lá como curioso, se não for me arrependo, que é que vou contar?

Foi. Lá não viu nada, nem mulheres nuas. Uma negra alta e forte puxou-o pela braço, pra dar umas voltas pelo salão, levando-o pra todo lado como se fosse um menino bem menor. Que pena, não sabia sambar nem forrotear. Por isto soltam-se logo-logo, e ela pega outro. Xicote, encabulado, com vergonha por ter-se deixado levar, insatisfeito por não ter aprendido como se dança, volta para rede. E dorme como um santo.

Digitalizado com CamScanner

No dia seguinte é que o companheiro - agora, sim, companheiro, já se havia imposto, desde a briga na fazenda Boa Vista - contou-lhe tudo, tintim por tintim, histórias que, ao chegarem alterariam para menos ou para mais, conforme a conveniência do auditório: em casa, no mercado, no patamar da igreja.

Surubim não contou tudo direito. Que o nenê adivinhasse. Mas a briga de dois festeiros foi esmiuçada: Quase acertaram uma facãozada na cara de Xicote. Se verdade ou mentira, como é que ia saber? Ele amanheceu no chão e as cordas da rede toradas como se fossem à faca, e pingos vermelhos numa pedra que havia a duas braças da rede. Não se lembra que acordou no chão. Quando Surubim lhe contou veio aquele impulso de quem quer dar um grito de susto.

Ficou-lhe como ficam as marcas. A história. Na verdade, de manhã só sentiu a diferença porque estava no chão, por cima da rede. Fora disto, nada mais que pudesse identificar a briga.

Que é que você estava fazendo àquela hora? - perguntou a Surubim.

Namorando uma cabocla, naquelas moitas que se enxergam daqui. Experimentava se as mulheres deste lado são mais cheirosas que as nossas. Por trás, é claro, pois muita gente saía da festa.

E são? Quero ver o que você dirá quando chegar em sua casa.

Bem, bem... Silêncio, menino. Em casa não se diz.

Diga que correu com medo da briga, não é feio. Você não tinha nada a ver com ela... Embora seja, de certa forma, covardia não prestar ajuda nenhuma a quem dorme desamparado, principalmente sendo um companheiro de viagem.

Saí de minha rede, atordoado, e entrei pelo mato. Estava dormindo quando ouvi o tinir dos ferros e o pipoco de um tiro bem nos meus ouvidos.

Você é mentiroso mesmo. Nunca pensei. Parente de mamãe...

Xicote, me respeite. Eu sou mais velho, vou contar tudo a seu pai. O que você pensa, seu franguinho...

O tom da conversa entre os dois ia daí para mais franco. Noutras horas, não havendo solução, melhorava. Xicote já se

Digitalizado com CamScanner

sentia mais firme e com direito a brincadeiras. Afinal, além de conhecidos andavam só os dois, naquele mundão. O resto era como se não existisse.

Xicote sabia como pôr algumas palavras moles, pra esfriar o clima, quando Surubim se exaltava ou queria recobrar sua antiga autoridade:

Calma. O importante é que escapamos com vida. E com dinheiro. Não nos levaram nada. E você ainda conseguiu o milagre de... - acentuou - fala que houve um milagre!

Riram das vantagens contadas por cada um e ali desfiadas por D. Xicote, como se ele não fosse um dos viajantes. Todos os que viajam contam mentiras, e os pobres caçadores e pescadores é que pagam o pato.

Digitalizado com CamScanner

Caçadores e pescadores que paguem o pato.

Riram das peripécias dos viajantes e mais ririam depois da anedota sobre o americano, que um maranhense contara a Surubim e Xicote como se tivesse acontecido. D. Xicote ria desbragadamente; Amanda, a meio riso, com a mão na boca, como que se reprimindo...

Estou me lembrando é de outra coisa.

Eu também.

Alguns instantes de silêncio para recomeçar. Amanda colocou os pés de D.Xicote sobre seu colo, num gesto simples de ternura, recebido com naturalidade mas também com uma sensação de extrema felicidade. Como nunca acontecera.

Isto é dela, passa e ninguém percebe - pensa D. Xicote.

Você quer rir mais?

Ela assentiu, balançando a cabeça.

Por causa de uma anedota que o cara da barraca de bebidas contou-lhes, a gandaia foi-se espraiando. Depois de indagar muitas coisas sem importância, naquela conversa mole de quem quer apenas passar o tempo, correr o olho pelo que os outros sabem ou querem fazer, pergunta:

São de onde?

Da Terra dos Condenados. Já ouviu falar?

Não. Terra dos Condenados, que nome estrambótico, hem?

Toma um trago na boca da garrafa. Em seguida tira o cigarro da carteira aberta, aquela de ratear ao freguês.

Quer? Vão pra onde, se mal pergunto?

Pergunta bem, por aqui mesmo, Maranhão...

Fizeram bons negócios?

Mais ou menos... - Surubim já começa a desconfiar.

O interlocutor muda de tom e alivia:

Digitalizado com CamScanner

Olhem, eu ouvi falar que no Piauí está aparecendo muito lobisomem, é verdade? E que os de lá não têm dente de jeito nenhum. A gente pode andar na rua, nas estradas, à vontade, de noite, quinta ou sexta-feira, seja lua clara ou não. Eles não fazem nada. É verdade? Os lobe-lobes daqui são terríveis, têm cada presa que nem jacaré. Aquele homem que morreu esta noite não foi de faca nem de tiro de revólver ou de pistola não. Foi de mordida de lobisomem. Mordeu, morreu. É como cobra. E aqui tem lobisomem que nem formiga. Também, com as mulheres do jeito que estão, o homem fica doido mesmo, seu moço. Pode crer.

Pensei que fossem até o Pará, Amazonas. E além, na Guiana Francesa.

Por quê? - interrompeu Surubim.

No Amazonas vocês iriam conhecer um animal novo, diferente, que apareceu por acaso.

Como assim?

Um turista americano comprou o bicho e vai levar para o Grande Zoológico dos Estados Unidos.

Engraçado! Como encontrou o animal? - pergunta timidamente Xicote.

Não, menino, foi um português. O americano procurava informar-se de um tipo de pássaro que queria, que houvera visto há algum tempo e esquecera do nome. Pássaro ou animal, não sabia bem. Vai daqui, vai dali, encontra-se com um português, em Belém, e começa a investigar. Queria comprá-lo. Mas, como procurar outro igual? O primeiro que vira já possuía dono. Tinha uma marca no lombo e as orelhas partidas, cortadas.

Aquilo são os sinais do proprietário - falou o portuga.

Que estranho! Quero ver se encontro outro espécime, sem marcas, desimpedido.

O português repetiu o que o americano falou para caracterizar bem o bicho que procurava:

Bássaro grande, breto, grande, de bica grande...

Um bássaro breto, de bica grande... só bode ser jumento - diz Surubim, arremedando-o.

Oh my God! Yes, yes!

Digitalizado com CamScanner

O gringo confirmou e foi anotando no seu caderninho o nome do animal, características, o que fazia, como era sua reprodução, seus costumes, para nada esquecer quando fosse preparar a ficha do Zoo.

Amanda não riu nem D. Xicote. Fizeram *tabula rasa* da picante anedota. Mas o Ananias, que havia chegado e permancia em silêncio, ouviu toda a história, riu muito e ainda perguntou se queriam ouvir outra anedota, sabia uma de português melhor ainda. Amanda e D. Xicote, no auge do namoro, claro, achavam esse tipo de piada meio sem sal. Tudo é puro para corações puros - assim diz a Bíblia.

Amanda não aceitou o que propôs o irmão. Mandou-o ir tomar banho e jantar.

Depois!...

Aliviado da presença de Ananias, D. Xicote dá prosseguimento às peripécias da viagem.

Concluindo, Surubim, sério, falou como se acreditasse na história: eu só queria ver o americano agarrado com um jumento preto, tentando colocá-lo no avião, e o bicho empacado. Eita animalzinho ruim da peste!

Aqui Amanda fez um sinal de riso e D. Xicote acompanhou-a.

Surubim, depois disto, disse que precisavam vender o jumento de Xicote, logo, logo.

Quando o assunto era vender, Xicote ficava calado, nem pedra nem tijolo. Que agora mesmo foi que tomara pé. Não se dera bem com o ofício, não gostaria de fazer a vida comprando e vendendo como o povo da Terra dos Condenados. Porém, que a viagem tinha sido ótima, tinha. Quanta coisa boa aprendera!

Já estavam dando a meia-volta. Era muito longe a Terra dos Condenados. Se ficasse sozinho, ali, será que acertaria? Se Surubim morresse? Nessas horas Xicote mirava as pintas da cara e dos braços do homem. Como o pessoal de sua terra sabia botar apelido! E lembrava de Zé Banzê. O que queria dizer Banzeiro? Um monte de coisas arrastadas pela correnteza do rio, nada mais? Ou era palavra jocosa, por causa de sua mania atrapalhada de falar?

Digitalizado com CamScanner

Na volta, precisavam visitar algumas cidades da rota de Surubim e Banzeiro. Aquele era velho no ramo, sabia onde compravam mais alho, onde se realizavam negócios vantajosos. Outras viagens já realizara pela mesma estrada. Infelizmente a maioria delas ficava à margem esquerda do Parnaíba, onde havia muita fartura. Frutas desconhecidas para Xicote, sapoti, bacuri e bacupari, coco, banana e pequi à vontade, e arroz. Tudo baratinho. Tanta terra, tanto o que fazer, e um pessoal preguiçoso como aqueles ribeirinhos nunca vira.

Desistiram de ir a Nova Iorque. Primeira parada, São Francisco. Xicote vendeu o animal, foi uma cabeçada, coisa de maluco. Surubim não quis interferir. Já brigara demais com o garoto. Mas depois falou em tom de zombaria:

Você deu o animal! Foi quase de graça. Por que fez uma besteira daquela? Tivesse me consultado. Ou dito ao homem que era um pouco lerdo, estava cheio de pisaduras... Ele se arrependeria.

Vendi pelo mesmo valor que papai o comprou a seu Armindo.

E o lucro? Não existe comerciante sem lucro.

Naquelas horas dava vontade de desaparecer. Como era burro mesmo. Era o que diziam. E o lucro? Claro. Do mesmo jeito foi o alho que ele vendeu. No fim das contas, quanto lhe ia sobrar dessa viagem?

Atravessaram o rio para Amarante. Dali, rumaram para Regeneração. Lá tiveram o pouso para o almoço, galinha e carne de porco compradas e entregues a uma senhora dos arredores da cidade para cozinhá-las com arroz. Há dias não comiam comida tão bem-feita, gostosa. Xicote encantou-se com a mulher. Tão boa e bonita que nem mais queria desarranchar-se. Foi preciso que Surubim lhe desse um daqueles ralhos de pai.

Você precisa tomar juízo, senão vou contar todas as suas besteiras.

Você não é meu pai, pra falar deste jeito - replicou, sentindo o orgulho ferido, ainda mais diante da mulher.

Mas faço as vezes, ora. Ele me entregou você. E com a desistência de Zé Banzê, eu fiquei com o fardo, sozinho.

Que fardo?

Digitalizado com CamScanner

Ora, ora, não se faça de bobo, seu Xicote.

Não conseguiu mais falar de olhos erguidos com a dona da casa. Esqueceu-lhe até o nome. Não se perdoa por isto. Eram tantas coisas a guardar! Agia com firmeza e decisão numas, noutras titubeava. Não. Precisava melhorar sua conduta, tornar-se homem. O que é ser homem?

Entraram pela estrada que sairia em Água Branca, São Pedro, Coroatá, rompendo chapadas brutas de muitas léguas.

A lua fez o favor de aparecer, mas não estava tão grande nem tão bonita.

Por causa do cansaço do dia, à boca da noite armaram as redes nuns pés de angicos mas não conseguiram dormir. Lá para a madrugada, vencidos pelo cansaço e pelo sono, cochilaram, já depois de picados por todos os lados pelos muruins e muriçocas. Não adiantou fazer fogo. Eles picavam sem piedade.

Chegaram a São Pedro nuns feriados que não lembra quais. Um dos pontos mais conhecidos, parada obrigatória. Xicote caíra doente de febre, durante a viagem. Surubim, já bastante cansado, não sabia o que fazer. Procuraram uma pensão.

Não havia. Ao abordar a primeira pessoa que encontraram, já dentro da cidade, foram informados de uma mulher que *faz-de-tudo*, bastaria levar os comestíveis. Lá, pediram rancho.

Na bodega da esquina foi a vez da compra do arroz, feijão, carne seca, sardinha, gordura, sal, sabão para lavar a roupa. Entregaram tudo à mulherzinha. Xicote zanzou por todas as outras bodegas existentes e quase não encontra um *melhoral* para que a febre passasse ou diminuísse de intensidade. Três dias seguidos, era gripe mesmo, instalou-se feroz. Teve a sorte de não ser malária. Depois dos cachés e chás, comprou um xarope para debelar o mal. Não lhe foi tão eficiente quanto os banhos de imburana de cheiro que a mãe dava na cabeça, fazendo aspiração narigal, conjugados com os lambedores de cascas de angico e aroeira. Mas, finalmente, o menino se levanta. Começou a ver as coisas, as pessoas, o tempo, tudo mais bonito, e arranjando forças para nova arrancada. Surubim jogou dama com todos os jogadores daquela cidade. Cartas também. Ganhara de todos. Mas agora deviam viajar. Disseram adeus à dona da casa,

Digitalizado com CamScanner

depois de um agrado em dinheiro pelos serviços recebidos. Deixaram lembranças, mas precisavam ir para casa, na Terra dos Condenados, onde a mulher de um esperava com os filhos famintos e os pais do outro também, já preocupados. A estada fora mais demorosa do que o previsto.

Não obstante a doença, as lembranças que lhe ficaram de São Pedro foi de pessoas acolhedoras, positivas, amigas. Ele era assim e assim julgava os outros.

Ele quem?

Xicote, ora.

E Xicote não é você, D. Xicote?

Claro, mas estou lhe contando uma história, por isto quero ter a liberdade de inventar, de criar. E só posso fazê-lo falando assim. Pois assim é que colocarei no meu futuro livro.

Você quer mentir-me. Mas eu sei o que é verdade e o que não é.

Ah, que sabidinha você está me saindo.

Vamos, continue.

*

Entre São Pedro e a estrada que passa de Teresina a Curralinho, Xicote presenciara uma tragédia. Para não dizer uma hecatombe. Um caminhão cheio de gente acabava de tombar de grande altura, nas bordas da estrada, caindo numa lagoa funda e suja. Matou cerca de 15 pessoas, crianças, jovens e velhos, mulheres que amamentavam e outras barrigudas, e feriu os passageiros restantes - cerca de outros 15. Xicote ficou penalizado. A estrada, o caminhão, um total destroço. Homens sem perna, mulheres sem braço, cabeças rachadas, olhos separados da cabeça, mortos sem nenhuma compostura, nus, pedaços de gente pelo meio do caminho. Alguns já fediam e urubus rondavam pelos ares. Uma criancinha sangrando pelos ouvidos e pelo nariz e que parecia estar rindo. Horrível! o couro do rosto arrancado na altura do queixo. Xicote ainda tentou salvá-la pegando-a pelos braços, auscultando o coração e o pulso, fazendo o teste para ver se ainda tinha vida. Nada. Soltava o último suspiro. Não há coração

Digitalizado com CamScanner

que agüente. Havia socorro apenas do caboclo de uma casinha de palha, ali perto, acompanhado de sua mulher e dos filhos ainda meninos.

Telégrafo? Telefone? Quem pensava nisto, naquele lugar, naquele tempo? Esperar pelos ônibus, automóveis e caminhões que quisessem parar. Era um desespero. O sol escracha, e a sede e a fome... Única esperança: Como providenciar a remoção dos corpos para o hospital ou para o cemitério?

Nada que urgentemente pudessem fazer. Eram viajantes a pé e a pé,seguiram, deixando para trás aquele horror, levando grande peso na consciência. Aquelas imagens não se apagam mais de sua mente. Quando dorme aparecem de vez em quando a formarem o pano de fundo dos seus pesadelos. Passou noites sem pregar o olho pensando na má sorte das criaturas. Os que morreram, nem tanto. O sofrimento acabava ali. Os que ficaram mutilados, ó Deus, quanto é bárbaro!... Sessenta por cento não voltariam a andar.

Caminhão e estrada, progressos que chegaram. Mas que progresso! Que preço enorme em vida e saúde!

Tomar um caminhão, transporte mais rápido? Alternativa cancelada por Surubim e Xicote, até chegarem à Terra dos Condenados. Queriam chegar vivos.

Arraste esses cascos, menino. Da cidade à Terra dos Condenados é um salto de pulga - brigava Surubim com Xicote se este ficasse atrás, atrapalhado nalgum pedregulho ou subindo ladeiras.

Foi por ali que o menino perdeu o sono e os sonhos.

Digitalizado com CamScanner

Foi por ali que o menino (começou) a perder o sono e os sonhos. Foi assim que se tornou um homem.

Deus me livre outra vez! - sussurrava Xicote.

Um salto de pulga que durou mais de uma semana. Que pulgão!

Deus me livre do que vivi e sofri.

Surubim ouvia demais, ou adivinhava:

Deus nos livre de cobra! explodia.

Para agüentar, puxava fumaça de um cigarrinho, escondido do companheiro. Não se permitia o vício de fumar aos menores, na frente dos adultos era desrespeito.

Esta foi sua primeira e última viagem. Vai atrás, pensando já nos bons pensamentos de antes, do tempo em que não precisava ganhar dinheiro para ajudar o pai. Das noites de brincadeiras pelos campos e beira do rio, amansando jumentos e jumentas, caçando passarinhos, sem pensar no dia de amanhã. Sem se importar nem com o hoje. Passariam cansaço e sede, fome e o sol fustigante nos olhos. Para casa. O caminho de volta é sempre o mais linheiro e o mais próximo. A mãe lhe dissera, certa vez, que ninguém se perde na volta. Ele que se adiantasse.

Não se adiantou. Teve que esperar o menino.

Lembrou-se naquela altura de Mariquinha e do trato com seu Fulgêncio. Mas estava moído, quebrado, os pés eram uma ferida só, já não agüentavam a currulepe. Que faria um, se o outro resmungava o tempo todo, já falando de viajar em carroceria de caminhão (esquecido do que vira), atalhar estrada, criar asas? Pedia informações a quem ia e a quem vinha, até a gente que não girava bem da cabeça.

A desculpa, nada séria, de Surubim:

Já passamos da entrada.

E não se pode voltar?

Digitalizado com CamScanner

Sem resposta, Xicote consigo mesmo emendava:

De casa rumaria pra Boa Vista, às escondidas, não seria uma viagem terrestre, mas um caminho para o céu.

Os perigos arrostados foram grandes, mais do que os dos bandeirantes que conhecera nos livros da escola. Chegar em casa, ouvir a voz de D. Morena, receber o seu abraço, deitar-se numa rede no quarto ou na sala, era tudo o que pedia o corpo e a mente desejava. Outras preocupações socavam-se para dentro, bem para o fundo escuro da noite.

Quando chegar vai dizer que gostou da viagem, não vai?

Pode acreditar - Xicote mentia, não adiantava discordar.

Mestre Manu avaliará. Pra ser mangalheiro tem que ter garra. Ganhar é necessário. Mas também é um jogo. Eles são teimosos. Voltam sempre.

Pretendo voltar aqui com mais condição. Você logo não está vendo que com o material que eu trouxe não ganharia nada? - Xicote aumentava o diálogo.

É verdade. Culpa de quem? De seu pai.

Por que você antes não tentou conversar com ele? Por que quis beneficiar-se da minha inocência e do meu trabalho de graça? Você é mau.

Surubim ficava só pensando na estruição que fora mandar o menino vir uma viagem dessas, arriscando-se a morrer ou a apanhar malária, sezão, febre braba, tocando um único jumento com um carga de alho. Coisa de doido. Mesmo que vendesse ganhando o triplo, não tinha sentido. Mas não fora sua a culpa, jurava.

Coisas de Mestre Manu, de intelectual que manda.

Volte, Xico. É na adversidade que você forma seu caráter. Meu pai mandou-me fazer tarefas de espantar. E eu fiz todas, com firmeza, convicção. Não me arrependo.

Quem era seu pai?

Primo de sua mãezinha, D. Morena, a quem em breve você está tomando a bênção, se Deus quiser. Não se arrisque a ir sozinho, por onde não conhece. Você não é louco, rapaz.

Quando Xicote ficava calado muito tempo, ele tinha medo. Se o rapaz tomasse aquela decisão para cumprir sua parte, não tinha como não segui-lo, voltar por onde tinham vindo.

Digitalizado com CamScanner

É mais longe e a gente vai gastar os últimos tostões - disse, mas só depois da encruzilhada onde pegariam o rumo de Boa Vista. A umas boas léguas.

Nada disto, você não me engana.

Digitalizado com CamScanner

Você não me engana! Sei que não gosta da felicidade dos outros. Sempre busca um meio de perturbá-la.

Já estamos quase chegando em casa.

Oh, que alegria! - exclamou, agora se dando conta de que sua terra não ficava longe da de Mariquinha. Ir sozinho é o que faria logo, logo.

Minha casa é aquela? - e apontava o dedo. - Como tudo mudou!

Estamos chegando à Terra dos Condenados.

O que foi isto, gente? - Perguntava-se ao ouvir os pipocos no ar.

Eram fogos! Como nos dias de festejos, nas novenas e missas.

Todos os condenadenses vieram abraçá-los. Quando já pensavam que o mundo os havia tragado em seus enganos e perdimentos, eis que aparecem, mais magros, cabelos amarfanhados, pele tostada do sol. Seu Surubim, com a cara e o bigode grandes, Xicote com os dentes maiores por falta do exercício da comida. Mas a alegria exterior de sempre.

Surubim foi festejado também, embora não morasse na vila, sua casa e sua gente ficavam na ribeira, mais pra cima.

As pessoas que tinham chegado do Maranhão já há algum tempo não souberam dar notícias. Nada. A mulher e os filhos preparavam-se para o luto. Corria que mangalheiros haviam desaparecido, outros que não voltavam mais por decisão desconhecida e por isto não havia notícia. Bigó foi o primeiro. Ainda bem que este não faleceu na memória da Terra dos Condenados. Vive. Do Rio Grande do Sul vêm notícias vagas de alguém que passou por lá, vindo da Argentina, um vendedor de mercadorias diversas - mangalhos. Por que não seria ele? Ainda que morto, seria sua alma.

Digitalizado com CamScanner

Devido ao descaminho ocorrido no começo da viagem, com a desistência de Banzeiro, Surubim desvia-se da rota antiga. Abre outro roteiro desconhecido dos vendedores da Terra dos Condenados. Foi assim, de improviso. Depois daquele temporal da fazenda Boa Vista.

Dizer que esquecera da fazenda onde dormiram é um subterfúgio. De Mariquinha, é outro. Ela ficou como redoma no peito do menino Xicote. Seu coração só falta saltar com alguns pressentimentos. Para o rapaz, de todos os percalços da viagem o maior foi aquele.

Feitas as contas depois, Mestre Sõin convenceu-se de que o filho não seria mesmo comerciante. Não conseguira meter-lhe na cabeça que devia abraçar a profissão do povo condenadense. Melhor desistir. Agora, só havia um jeito: trabalhar no comércio, como caixeiro. E foi o que tratou de arranjar, mais cedo do que Xico pensasse. Pelo menos era na sombra, não havia dispêndio de suor e outros esforços. Não era seu sonho. Mas os sonhos são gostosos enquanto a gente sonha. Quando se realizam, deixam um vácuo impreenchível.

Depois, foi a época em que o Mestre perdera seu ganha-pão certo, de professor da municipalidade. Lutava, luta difícil, para manter a família. Xicote não queria lecionar. As filhas de Mestre Manu eram frágeis, destinadas, como as demais da Terra dos Condenados, ao casamento, a se tornarem procriadoras e donas-de-casa. Nada mais. Nem aprender a ler não deixava. Como pensar numa profissão naquele tempo? Xicote passou a meio arrimo de família. O segundo pai, para as meninas.

Foi quando Pereirinha apareceu pela casa do Mestre Sõin, com uma viola no braço, alguns baiões, toadas, pinicados nos dedos e repentes na ponta da língua, e muitas valsas amorosas, apaixonadas, tristes, antigas, no coração. Xicote gostou, era novidade, se inicia na viola, pensa em seguir a profissão do violeiro. Mas, ao desconfiar do namoro dele com Susana, a Susinha, irmã mais velha, desiste.

Nova revolta.

Xicote bem que deveria apoiá-los. Se casassem, seria uma boca a menos para Mestre Manu. Mas não sabia se o namoro era

Digitalizado com CamScanner

pra valer. E o futuro de sua mana com aquele homem que vivia de cidade em cidade, de povoado em povoado, de fazenda em fazenda, ganhando o que tirava da viola, era uma incerteza. Que profissão romântica a de poeta popular! Mas impraticável.

De que lado há de ficar, na hora das canções sentimentais? Sentindo a canção de amor? Ou, ao contrário, odiando toda aquela palhaçada?

Entre um gole e outro de cachaça, entre um repente e outro (pois começou a fazer suas improvisações), Xicote briga com Pereirinha, não fala com a Elzinha, entica com a mãe. Sem explicar o porquê do seu mau humor. A propósito de tudo, discorda. Não come direito. Responde mal, com voz alterada.

Esperava o pai chegar, queria ver a posição do Mestre.

E ela, sua irmã querida, como se arrumaria naquela confusão? Estaria sofrendo. Oh! Como estaria!

Xicote procurou uma feiticeira para tirar o feitiço que tinham botado em Sus. Só podia ser de encomenda.

Olhe, sabe me dizer se minha irmã está apaixonada?

Digitalizado com CamScanner

19

Sabe me dizer se minha irmã está apaixonada? - repete mais de uma vez, para que a mulher não minta. - O casamento vai-se dar ou é apenas namorico?

Você é quem pode apaixonar-se, é homem. Em homem nada pega.

Outra vez a Terra dos Condenados estava ficando bastante movimentada. Carente de tudo, de dentista, de padre, de médico, agora, depois do Pereirinha, correu a notícia da chegada de um prático que fazia curas excepcionais. Bastava pôr a mão. Ferida braba, tumores, dor de dente, gripe, dor intestinal e do estômago, doenças de mulheres. Era especialista em males de senhoras. Vejam bem. Dava seus pitacos também nas perturbações do espírito, namoros acabados, reaproximação, consolo para os sentimentais... De nome Crucifon, palavra *escurube-rube*, como diziam os palhaços. Lembrou-se daquele do Gran Circo Italiano: Lube-lube. Mas Dr. Crucifon teve Xicote como primeiro cicerone na cidade. As mulheres alvoroçaram-se por completo. Crucifon passava receita como qualquer médico formado. Uns garranchos quase ilegíveis até para o farmacêutico, Dr. Fonseca. O diferente é que o enfermo melhorava logo, mal saía do seu consultório. Dr. Crucifon adivinhava a doença do paciente, antes mesmo que falasse. Era só olhar no rosto, no olho, e pronto. Já preparado pelos boatos, que andam mais rápido do que foguete, chegou o famoso curandeiro, trazido ninguém sabe por quem, ninguém soube de onde. A corrida do mulherio - solteiras e casadas - foi geral. Médico bem aparecido, falante. Vestia-se de branco, linho da melhor qualidade, um cavalheiro no trato. Sapatos pretos que tiniam na vista. Trazia todos os apetrechos que os doutores usam: estetoscópio, termômetro, aquele aparelho de medir pressão, tudo mais. Uma maleta onde se viam muitos outros objetos: seringas para injeção, de mistura com sabonete, pente, escova,

Digitalizado com CamScanner

gilete, o diabo a quatro. Cobrava consultas caras. Vendia também medicamentos, umas pilulazinhas que não se sabia nem o nome, em vidros sem rótulo. Era um doutor *sui-generis*. Desde o início, causou certas desconfianças aos homens. Especialmente aquela história de Xicote de que mantinha dentro do seu consultório algumas bacias de água e sabão e uma toalhinha. Se fosse uma só, estaria certo, era para lavar as mãos. Porém, mais de uma... Exagero.

Verdade?

Juro por Deus. Mais de uma.

Para não espantar a caça, deixaram que ele se derrotasse a si mesmo, fosse descoberto que era médico de araque. Mais cedo ou mais tarde a verdade apareceria. Não! Demorou.

Um cretino, isto sim.

Enquanto davam tempo ao tempo, os condenadenses iam tentando fazer a cabeça de suas mulheres e filhas.

É curandeiro, nós estamos fazendo papel de bobo.

Quisessem ver, era só ir lá.

Essa dor no joelho... Amanhã vou consultar Dr. Crucifon.

Vou com você.

Ele disse que tem que esperar, não pode entrar. Não vou.

Mande a Fulana ir primeiro. Se der certo...

Por que os homens não querem acompanhar suas esposas? Ficam só ouvindo rádio, torcendo pelo time. Depois que chorem o leite derramado.

Ah, médico é uma chateação. Não, não fica bem.

A falação era tanta que o consultório se esvaziara. Nas monótonas tardinhas da cidade, o sol já quase se escondendo pra lá do arvoredo e dos montes do poente, Crucifon saía num desempeno de fazer inveja aos senhores da vila, com uma maleta de cor marrom na mão. Os meninos já adivinhavam. Era a radiola a corda. Abria, em cima de uma mesinha bem no meio do patamar da igreja e mandava música; mulheres e crianças traziam cadeiras das casas mais próximas, serviam água. Seu instrumento musical transmitia valsas e sambas, marchas e boleros desconhecidos para aquele povo acostumado apenas com sapos, grilos e algum pássaro silvestre de pouco canto. Música eminentemente popular:

Digitalizado com CamScanner

Juazeiro, A Samaritana, Na Casa Branca da Serra, outras valsas antigas, músicas dos últimos carnavais, chorinhos, além das piadas de Ratinho e Jararaca. Uma riqueza de repertório. Uma felicidade. A meninada dizia:

Que doutor bacana!

Fumava, distribuía cigarros para a garotada maior, dos quinze em diante, que ia fumar detrás da igreja. Os boêmios vinham juntar-se a sua platéia juvenil, sem nenhum preconceito. Os demais cavalheiros, embora já com um pé atrás, escutavam de longe, sem abrir as janelas e portas. Alguns saíam da calçada em protesto, iam ouvir o rádio, saber a quantos andava o futebol, as futricas da política, ou simplesmente sentavam no botequim da esquina mais distante, no cabaré. Logo, logo Crucifon arranjou namoradas. Era disputado entre as moças mais bonitas. Com uns dois ou três meses de aboletado na cidade, algumas senhoras começam a se dar mal com suas receitas, adoeceram, mandaram buscar médico em Curralinho às carreiras. Houve até um caso de envenenamento pela mistura de drogas. Felizmente a pessoa não chegou a falecer. Mas sofreu bastante.

Numa madrugada escura, com chuva e trovões, prevenindo-se contra o pior, Crucifon arribou da Terra dos Condenados. D. Xicote não sabia o mistério, nem os rapazes da sua turminha, seus amigos e companheiros. Corria, entretanto, que alguém - um homem casado - com ciúme, prometeu-lhe uma pisa de deixá-lo prostrado. Sua mulher engravidou, depois de ter entrado na menopausa. Isto era contra todas as previsões médicas. Outros diziam que lhe prometeram foi bala mesmo. Xicote sentia um certo sobrosso, pois admitia que pudessem culpá-lo por algum comprometimento. Se fosse chamado à Delegacia, não ia mentir. Também, que mais tinha a acrescentar?

Não vi, não sei. Não sei, não vi. Pronto.

Com a ausência do falso médico, voltaram as doenças ao povo da Terra dos Condenados. As curadas e as aliviadas recaíram com os mesmos achaques; e de outras que nunca se ouvira falar, agora se ouvia: estavam doentes. Do Dr. Crucifon, nada mais se soube, nenhuma notícia. Não se falava mais. Era como se não tivesse existido. Porém, em surdina, algumas pessoas ainda o invocavam:

Digitalizado com CamScanner

Se ele ainda estivesse aqui...

D. Xicote era um lembrar das músicas e, emocionado, tentava cantá-las. De doer a passarinha, arrancar as entranhas. Uma delas lhe trazia a paixão de Mariquinha, não sabia bem por quê. Quando ia cantarolar, a voz se enrolava na garganta, era um nó engasgando, engasgando até os soluços. Vergonha, vergonha. Sentimental e tanto. Como mulher. Passava as mãos nas lágrimas, disfarçando. Achava gostoso e ao mesmo tempo tinha raiva. O mundo não suporta choro de homem. Duro por obrigação. Tem de sustentar a barra.

Digitalizado com CamScanner

Tem obrigação de sustentar a barra... Por quê?

Era como se ouvisse alguém pronunciar as últimas palavras em balbucios, trôpegas, gaguejadas.

Acorda, meu filho, você dormiu e levantou a cabeça como quem estava semi-desperto, depois de novo cai no sono e ronca, estava a fazer tanto barulho que fui obrigada a despertá-lo.

Tá bem, mas você não tem obrigação de sustentar minha barra, não. Faz por amor. Por que você não vai dormir?

Posso passar noites inteiras. Não tenho sono.

Diz para me agradar, está muito cansada de ontem, do trabalho na vazante, da labuta de casa e do cartório. Até das minhas asneiras, todo tempo lhe contando coisas de minha vida... Quando não puder me suportar, diga. Darei um basta.

Amanda obedeceu a seus rogos, o sono já a dominava.

Outros acontecimentos importantes, inesquecíveis, viriam ao seu encontro. Agora é que iria provar ser herói como um novo Ulisses. Outra viagem, mas desta feita sozinho, por terras desconhecidas, arrostando todos os perigos, seria uma Ilíada cabocla, sem esperança de uma nova Penélope e a conseqüente Odisséia.

Melancólico.

Havia lido sobre essas histórias. E ficava pensando tolices.

Penélope estaria no seu futuro próximo, segundo seus sonhos, segundo sua vontade. Sem precisar de muitas lutas. Parece que adivinhava.

Mestre Manu fora chamado à Lagoa Comprida, com a finalidade de dar uns meses de aula aos filhos de seu Pinheiro e demais meninos e meninas da redondeza.

Uma boa notícia, vinda dos políticos de Curralinho, pegara a família de Mestre Manu desprevenida. Xicote tomou um susto. Notícia boa, se fosse homem, macho com todas as letras.

Digitalizado com CamScanner

Entretanto, ele mostrou que já não era mais a criança chorona que todos diziam, desde Zezinho da tia Rosa, que lhe beliscava e queria fazer D. Morena acreditar que a criança abria o berreiro por nada.

Quando soubessem! - pulou de alegria.

Não pestanejou, foi direto falar com seu Armindo. Outra vez pedia-lhe um animal emprestado. De sela, um animal de vergonha. Ia mostrar-se a um fazendeiro conceituado e de longe, precisava ter boa presença. Exigiu os melhores arreios.

Seu Armindo tinha uma burra disponível, das melhores de montaria. Como um dos homens mais bem informados da Terra dos Condenados, já sabia de tudo. Inclusive, por seu intermédio, foi que o Mestre Manu arranjara o emprego. Foi logo dizendo:

Eu sei, você quer dar a notícia ao Mestre, pessoalmente.

É, seu Armindo.

Xicote, ao dizer essas palavras, lembrava de outras e outras mais, de fatos recentes da sua vida, tremia na fala. Por isto tinha frases curtas. E era só vê-lo para voltar à escola de Mestre Manu, à filha de seu Armindo com uma pereba na perna direita, aos olhos pretos dela, que se cruzaram com os seus, azuis de esperança, medo e amor. E então os olhos de Xicote agora marejavam como não tinham podido fazer naquelas ocasiões.

Você vai acertar a estrada da Lagoa Comprida, menino?

Sei não, mas...

Vai arriscar, não é? Quem não arrisca, não petisca.

É, seu Armindo.

Mas quem me avisa, meu amigo é. Vá com cuidado, perguntando. É precisar saber a quem perguntar. Saber ler e escrever é uma coisa, saber viver é outra. Espero que tudo lhe ocorra direitinho.

Qual o animal que eu pego?

Uma burra cardã, a que tem o gancho na orelha esquerda, entende? Está na roça do Taboleiro. Dê milho, antes de começar a viagem. Fale com o José, o morador da fazenda. Os arreios estão na casa dele.

Tá bem.

Disse em voz baixa, quase inaudível, emocionado, tremendo. Levantou a ponta da camisa amarela cor de ovo,

Digitalizado com CamScanner

limpou os olhos e saiu sem saber onde pisava. Mais que depressa. Antes de encobrir, no fim da rua Grande, quando já tomava o caminho da fazenda de seu Armindo, ainda virou-se para trás. E como não visse mais o homem que nunca faltava a um pedido das pessoas, limpou o rosto com as mãos e esfregou-as na calça azul.

Deu vontade de rir da felicidade que fruía naquele momento. Mas para a frente não sabia, era melhor aguardar. As surpresas deste mundo são enormes e muitas vezes ingratas.

Arreou o animal e de lá mesmo do Taboleiro saiu. Havia tomado a bênção à D. Morena, lembrava:

Deus te abençoe, meu filho. Vá e volte em paz.

Foi quando apertou o coração e os olhos para não fazer feio. Senão ela não o deixaria sair. Era cedo ainda da manhã. O primeiro rumo era Bocaina, depois seguir o vale da Varjota, passar pelos Bentos, subir a serra. Daí, mais da metade do caminho, era o que Deus quisesse. Burrona boa, de pisada macia, não maltratava o viajante nem um pouco. A imaginação fervilhava, ora veneno, ora distração. Coisas deste e do outro mundo, de fazer e desfazer. O seu eu crescia.

Na entrada para a Boa Vista, saiu daquele mar brumoso de pensamentos. Uma vontade danada de tomar a estrada da esquerda e descer. Falar com Mariquinha, com seu Fulgêncio, pedir desculpas por si e por Surubim, ainda estava em tempo:

Foi uma desconsideração sem limite não cumprir o trato da volta.

Foi você quem se arrependeu? - perguntaria seu Fulgêncio.

Que lhe diria, então, Xicote?

Não, seu Fulgêncio, sou um menino de vergonha, mas criança não responde por si, o senhor sabe. A culpa coube ao colega Surubim. Mas eu bem que poderia ter lembrado a ele, não é? Não tiro a culpa de ninguém, nem mesmo um pouco de mim.

Saberá o destino para onde te bota?

O destino não sabe de nada. É uma invenção dos homens.

E ali encerra a conversa, dando com as rédeas no animal.

Digitalizado com CamScanner

Está na hora - falou alto consigo mesmo.

Almoçou nos Bentos da Varjota.

Conversa pouca, não podia denunciar sua fraqueza, o homem há de enfrentar todas as adversidades, todos os perigos. Procurava animar-se contra o medo que lhe corroía as entranhas. Quando chegasse a noite, nem queria saber...

Na sua franqueza, o velho Bento Pereira advertiu-o:

É uma temeridade viajar sozinho, de noite, por aqueles ermos.

Tem onça?

Tem, mas não é tanto por isto. Há também pessoas mal-encaradas, desconhecidas, às vezes até criminosos que fogem e se escondem por esses matos. Leva alguma arma?

Não levava nenhuma. Só Deus e a coragem de um filho que deseja ajudar o pai e conhecer o mundo.

Mas, se você apertar o pé, esporar o animal, vai deixar pra trás a pior parte ainda com o claro do dia. Depois da subida da serra os perigos são outros, sua vida e seu destino mudam, fica de acordo com a vontade deles. Sabia que são valentes?

Xicote, se ouviu, nada respondeu. Só fez as perguntas direitinho de como faria todo o percurso, quando dobraria à direita, quando à esquerda. Ia mais para a direita. Não havia muitas estradas se bifurcando ou cruzamentos. Era seguir o vale da Varjota, ladeira acima, com todas as voltas. Os caminhos que mal se vêem não se levam em conta.

Tirou o bocado da boca, botou a sela e o resto dos arreios. Não mexeu nos alforjes. Que iria fazer com aquele frito de galinha?

Tomou o rumo da Lagoa Comprida.

Adeus!

Adeus! Na volta, estamos aqui. A casa é sua.

Já depois da entrada de Boa Vista, tudo lhe era desconhecido. Só de raro em raro encontrava gente que conhecesse o velho Mestre Manu. Os Bentos da Varjota, o velho e os filhos viajavam muito para Curralinho, onde Xicote os conhecera de vista. Antes, Mestre Manu falava muito neles. Eram comerciantes de talento, sabiam ganhar dinheiro, não tinham instrução, pareciam tolos. Mas, só se vendo. Cada um com sua

Digitalizado com CamScanner

loja bem sortida. Já lecionara em sua casa. Também, estava por se ver aonde Mestre Manu não fora, numa redondeza de trinta a quarenta léguas.

Quando Xicote avistava uma bifurcação, ou outra estrada seguindo pra direita ou pra esquerda, o coração como que paralisava no peito, depois batia diferente. Era de arrebentar.

De repente, nova encruzilhada. O menino vacila. Mesmo que tivesse traçado um mapa no papel, não o seguiria sem pôr em dúvida se não trocara a informação, se era para a direita mesmo, se não errara no cálculo da distância, se não ouvira mal o que lhe dissera o último viajante.

O sol ia-se pondo e a tristeza lhe batia à porta. Como nos outros dias. Agora, mais. Com o cansaço se fora a euforia dos primeiros momentos. Apegava-se aos objetos. O que é isto? Que vulto é aquele, saltando pela estrada? Bicho? Mas, que bicho? Tem penas. Tem chifres. Mas nunca viu nenhum animal com pena e chifre.

Alguém já lhe dissera que o bicho que mais faz medo ao homem é o bicho-homem. Ladrão? Malfeitor? Que fazer? Não havia como recuar.

Noite escura. A lua ainda não surgira no horizonte negro, atrás da mata. Cheiros silvestres. Não era o que desejava naquele momento. Tornavam-lhe um incômodo. Queria o aconchego de uma voz humana, ter com quem discutir nem que fosse uma tolice. Não, não tinha. Só estrada e escuridão. E quando se aproximava de alguma moradia, os cachorros faziam aquele aranzel, latiam até se engasgarem.

Sentia vertigem. Doía a alma. A solidão maltrata o ser humano.

Para desespero de Xicote, a burra já demonstrava cansaço.

Não, não era possível.

Numa pequena encruzilhada, viu uma luz tão forte que não titubeou: foi ter à esquerda, chegando justo à casa de onde partia. Os cachorros no au, au, au enjoado, latindo com mais força. A valência é que havia muita gente no terreiro.

Festa? Talvez.

Já estou perto da casa de seu Pinheiro? - balbuciou.

Digitalizado com CamScanner

Uma pessoa respondeu:

Duas léguas.

Vocês o conhecem?

O homem que atendia, respondeu:

Conheço.

Mas parou um pouco e tentou dizer em voz baixa, como se fosse um segredo, para que os demais não escutassem:

Vá com calma, menino, sem correr, sem fazer barulho, viu?

Pois não! Obrigado!

Xicote fez menção de descer, depois refletiu: era melhor não! Deu de rédea ao animal e esporeou-o de leve: que prosseguisse a viagem.

Que Deus te proteja! - disseram algumas vozes vindas do entorno da fogueira. Percebeu mais pelo aceno de mãos.

Menino corajoso! - ouviu.

Que Deus me proteja! - sussurrou e fez o sinal da cruz.

O coração saltava do peito.

Que força o trouxera para aqueles ermos, quase meia-noite, sozinho, sem armas? Era somente o amor filial? Consciência de que devia ajudar o velho? Ou o desejo mais forte de aventuras?

Afirmação. A vontade é a alma que se afirma, que se recria, que se santifica, que merece todos os dons de Deus. Todos os dons de Deus, Xicote. Era o que pensava a seu próprio respeito. Portanto, não vacilar. Já ouvira muitas histórias, que podiam ser verdadeiras ou falsas, sobre os Pinheiros. Havia um deles, o João, que era procurado pela Justiça, acusado de ter tirado a vida de um dos seus desafetos, simplesmente porque duvidou dele:

Você não mata nem uma mosca.

Foi tiro e queda.

Mas onde estavam as provas?

Não tinham condescendência: errou, morreu. E errar, para eles, era praticar qualquer ato de que não gostassem, contrariá-los mesmo por palavras.

Comprovar não se podia. Mas se conhece o homem pelo seu canto normal, sua fala, seu dizer. Fale para que eu te conheça.

Digitalizado com CamScanner

Porque, segundo a Bíblia, a boca fala daquilo que o coração está cheio.

Ai, os desejos do homem mandam no homem!

Xicote teve a oportunidade de ouvir da boca do velho André Pinheiro uma história que serviu de parâmetro para julgar os atos dele e da família.

Numa noite tranqüila, todos conversando amenidades no grande salão da casa senhorial, conta que um certo trabalhador do eito não apareceu na madrugada de um dia de moagem, para meter a cana no engenho. Como a moagem não podia parar - e o caboclo, procurado em toda parte possível, não foi encontrado, e ai dele se o fosse! - convocou, ou melhor, deu ordens a sua mulher, D. Germana, a fazer o serviço do rapaz, até encontrar outro trabalhador.

E se ela dissesse que não ia? - atrevidamente Xicote perguntou-lhe.

Ninguém sabe, nem eu mesmo sei o que poderia acontecer. Quando tenho que fazer um trabalho, faço-o, nem que o mundo se arrebente. Ou eu não me chamo André. Que maldito nome! Mas foi assim que meu pai quis que eu fosse chamado. Sua vontade se cumpra.

Falava e ia ficando cada vez mais vermelho, mais agitado.

Seu André era uma pessoa mansa, com lances muitas vezes de uma lucidez inacreditável, de uma bondade espantosa. Difícil entendê-lo. Não era impossível gostar dele, como de seu irmão que - na cabeça de Xicote, por via das histórias desfiadas de muito longe, por tantas pessoas - era uma lenda viva de valentia. Estava, portanto, acima do bem e do mal. Por isto ele dormia, não só ele, os outros meninos também, na mesma sala, ao lado de sua rede vendo-se várias armas: um facão bem afiado, punhais de vários tamanhos e um trinta-e-oito fervendo de balas, isto sem contar as espingardas e rifles que se espalhavam por toda a sala, penduradas, ou encostadas nos cantos.

Quem poderia pensar em medo, diante de pessoas tão receptivas e alegres, na conversa e nos atos, e que pareciam tão sensatas?

E que aconteceu ao trabalhador, depois?

Digitalizado com CamScanner

E ele era doido de aparecer? Abriu o chão, sepultou-se. D. Germana desempenhou bem as funções. Ela vem de raça e tem a convivência comigo. Não tolero gente frouxa. Lugar das pessoas assim é debaixo do chão.

Embora possa parecer que a primeira conversa com o chefe de Lagoa Comprida criara intimidade entre Xicote e seu André Pinheiro, não foi bem assim. Ficaram umas entrelinhas nebulosas que incomodavam e uma zona neutra de não-entendimento. Talvez a presença do Mestre e de Jaci, moça bonita e viçosa, filha do dono da casa, fizessem o rapaz perder a naturalidade. Foi o primeiro dia, o primeiro contato. Agora, quando o via, Xicote falava reverente e baixava os olhos.

O caminho era estreito. Teve vergonha do que disse cara a cara. Talvez só perguntou tanto por causa da euforia da viagem, da chegada são e salvo. Sentiu-se realmente um herói. E aos heróis tudo se perdoa.

Digitalizado com CamScanner

21

Aos heróis tudo se perdoa! - frase poderosa que não tinha coragem de pronunciar. Fosse outro o contexto. Mas ali!...

Nos primeiros dias o tratamento era de um príncipe. Francisco foi o nome escolhido para o chamarem. Tinha lugar bem destacado na mesa. Cadeira para assentar em qualquer lugar. Atenção. Não deixavam levantar-se para fazer nada, nem apanhar um copo d'água. Havia um lugar na casa que só era apresentado a visitantes ilustres ou de muita confiança: o quarto das armas. Seu André Pinheiro o levou lá. Xicote ficou bestificado. Fuzis, revólveres (inclusive um *colte cavalinho*), pistolas, rifles, garruchas, espingardas (destacando-se uma carabina de estimação), punhais, facas, adagas, espadas, floretes, que ninguém sabe onde teria adquirido. Para Xicote, exposição completa. Algumas destacadas na parede.

Estas só o Exército possui e estas outras são importadas - apontava.

O menino desmanchou-se em elogios, não encontrava adjetivos. Que maravilha! Deve ser muito caro possuir um arsenal destes. Arre! Arsenal é palavra para filho de Mestre: pisava com o pé maneiro. Mesmo com espanto, arrisca uma pergunta, tanta era a curiosidade:

E quanto o senhor gastou em tudo isto?

Não teve resposta. Teria ouvido?

Xicote não arriscou repeti-la nem refazê-la Poderia ter dito (mas não lhe ocorreu) uma bela palavra interjectiva para melhorar a situação. Afinal, como diziam na Terra dos Condenados, cautela e caldo de galinha nunca fizeram mal a ninguém.

Foi uma experiência e tanto, emoção por cima de emoção, pra não dizer medo, quase estupor. Segurava-se nas calças para não fazer feio. Mas, se ele era um amigo do Mestre, por que temer?

Digitalizado com CamScanner

Depois dos primeiros dias veio o ramerrão. A vida se encarrega de transformar o maravilhoso em banal.

No dia seguinte à sua chegada, Mestre Manu voltava para a Terra dos Condenados. De lá iria imediatamente para Curralinho, pois um pedido de um chefe político e parente como era o Cel. Burla transformava-se em ordem a ser cumprida sem pestanejo. Saía alegre, via-se pela cara, cantarolando baixinho uma moda popular, seguindo o ritmo da pisada do animal pela estrada. Só não gritava de contentamento para não perder o porte.

Sem muito preparo pelo Mestre, só uma orientação por alto, Xicote toma conta da turma, meninos e meninas, quase todos da sua própria idade. Semana entra, semana sai, dando aulas. O fato de ficar como mestre, tão novinho ainda, envaidecia, era divertido, entretanto trazia também preocupações enormes como a de não vir a ter o mesmo desempenho do Mestre. Na verdade, seus conhecimentos eram bem limitados, e o pulso... Cadê o pulso do Velho? Por isto pisava de leve, para não cometer enganos, pra evitar dissabores. Socorria-se dos de mais idade, examinava o que vinham fazendo, o que fora pedido na última aula, como estavam os cadernos, quais eram as lições, quanto tempo duravam os turnos da manhã e da tarde, quais os horários da merenda, e se havia também lições à noite.

A noite era pra descanso.

Jaci, filha única de seu André - até se parecia fisicamente com ele - era uma das criaturas mais encantadoras que Xicote já vira. E vi-a poucas vezes, se considerasse o quanto desejava vê-la. Corpo bem-feito, natural, vivo. O riso era de bondade. Se assim não fosse, claro, humilharia os demais viventes em redor. Sempre solícita a dizer o que se perguntasse. Xicote se iludia com o tratamento. Acreditava que fosse especial. E era. Mas...

Durante o dia, é claro, só conversavam sobre assuntos da aula. Havia um espinho: outra moça, Teresinha, não tão bonita quanto ela, mais magra e menos corpulenta que Jaci. Não largava esta. Parente. Cria de casa, era como irmã. Também aluna.

Nas noites, o ímã dos iguais e diferentes juntava o que podia: moças e rapazes. Aí acontecia de Xicote e Jaci ficarem a sós. E não poucas vezes faltou-lhes assunto. Também não tivera

Digitalizado com CamScanner

preparo para os encontros. Não é que faltasse, é que tinha medo de dizer tolices. Tinha medo de desagradar sem querer.

Você tem namorado? Como? Nestas brenhas...

Demorou, demorou...

Brenhas não, quero dizer: nessa distância.

Só de tempos em tempos ele aparece.

Quanto tempo já fazia que não viu?

Ela não tocava mais no assunto. Não queria. Estava em busca de quem? O filho do Mestre não seria uma libertação? Ai, Deus! Que dúvida na moça!

Teresinha, indiscreta, uma vez soltou:

Jaci está namorando com o filho do Mestre!

Psiu!

Há dias namoravam caladinhos, às escondidas, beijos fortuitos apenas no rosto, olhares piedosos, sem coragem de dizer mais do que aquelas palavras comuns: você me ama? eu te amo; eu te amo, você me ama? Trêmulos.

Jaci fazia croché, o rapaz tentava ajudá-la, pegando aqui e acolá no novelo de linha. Outras vezes alisava-lhe os cabelos, passava a mão sobre a mão. Ela puxava, fazendo fita, que tinha cócegas ou dizia: estão nos olhando.

Quem?

E era tudo.

Ele podia entrar, quando menos esperassem. O sinal de uma porta que se abrisse ou fechasse assustava-os para o resto da noite.

As palavras da amiga e colega foram de mau agouro. Afastaram a menina daquelas horas silenciosas. Agora só ficava com Xicote durante as aulas. Continuavam os olhares, mas muito de longe, sem que ninguém pudesse perceber.

Que estaria havendo? Algo de estranho. Fora a mudança de lugar à mesa do almoço e do jantar, quando Jaci deixou de ficar perto ou defronte de Xicote.

Ai Deus! Pela própria vontade? Ordem de alguém? E se esse alguém fosse ele, seu André?... Como iria saber? Como contrariá-lo?

Digitalizado com CamScanner

Conhecera pela primeira vez o que era sofrer. Medo e amor. E precisava continuar tudo.

Xicote já rezava para que Mestre Manu chegasse logo, queria sair daquela enrascada: céu com gosto de inferno.

Digitalizado com CamScanner

Céu com gosto de inferno.

Uma noite, João levantou-se apavorado, como se estivesse brigando com alguém. Pega do facão e risca com ele a janela fronteira. Faz barulho até que consegue abrir uma banda. E sai para o terreiro dizendo mundos e fundos, xingando alguém pelo nome. Depois volta inexplicavelmente para a rede e passa a dormir um sono profundo.

*

Xicote deu um salto da cama, quase cai, um grito pavoroso, pondo os vizinhos em estado de alerta. De lá veio correndo Amanda para ver o que tinha acontecido com seu amado. Nada. Voltou a dormir normalmente.

Compreendeu que era um dos seus pesadelos.

Mas naquela noite não cochilou mais.

... o risco que estava correndo, agradeceu a Deus o que acontecera entre ele e Jaci. Não, não se meteria numa camisa-de-força. Valia a pena? Não era o guerreiro que pensou ser. Deixaria para outro. Sorte dela e dele, que apenas queriam conhecer outras pessoas e outros mundos. Domar os desejos, suas paixões. E nada mais. Não queria ser genro de coronéis nem adquirir riqueza como genro. Esse não era seu orgulho ou sua vaidade.

Valente? Não existe rua de valentões, seu pai, sua mãe e o povo da Terra dos Condenados lhe disseram. Aquele povo, sim, era muito pacato. Lá não havia polícia nem juiz, nem promotor, nem delegado. Desde sua fundação, nenhum registro de homicídio praticado por gente nascida e criada ali.

Logo que Mestre Manu chegasse imploraria para voltar.

E foi o que aconteceu. Partia o filho do Mestre, sem aviso, como chegou. Foi para o desconhecido de onde veio, longe

Digitalizado com CamScanner

daquela gente boa mas causadora de imensos temores... Para o desconhecimento de Jaci, quem sabe, eternamente. Foram quinze dias de sufoco, de sem-jeito. O coração pedindo uma coisa e a cabeça dizendo não: olhe o perigo! Há caminhos menos difíceis de chegar-se a um bom lugar, a uma vida modesta e sem atropelos.

Ia mais alegre que na vinda, embora menos eufórico. Só. Na volta ninguém se perde. Pôde apreciar melhor a paisagem. Ouviu bem os Bentos da Varjota conversarem. Eram engraçados. Simples. Talvez até simplórios. Revigorou o coração. Uma gente feia por fora, mas boa. Bonita por dentro. A beleza nem sempre põe mesa. Podemos cultivá-la em espírito, sem idéias imediatistas, corporais, comprometidas com a matéria e sua aspereza, angústia, infidelidade. Sem aquela altitude e miséria. Muitas vezes - só miséria.

Não pensava mais no que fazer de sua vida.

Muitos planos arquivados.

Diante da Boa Vista, titubeou. Deixou-se ficar parado, durante quase uma hora, no alcantil, debaixo de uma sombra, a pretexto de fazer uma necessidade fisiológica. A sombra convidava.

Como fora covarde! Está ali, basta descer a ladeira pra falar com Mariquinha. Se ainda morasse com o pai, se ainda o reconhecesse, se durante esse tempo não... Era possível.

Simples, modesta.

Levaria consigo.

Loucura! Levar pra onde, se nada de seu existe no mundo? Pedir ao Velho? Jamais.

A miséria dos jovens.

Pouco a pouco uma leve lembrança trouxe paz a seu coração. Logo iam começar os festejos de Santo Antônio. Breve como nada voltou-lhe a lucidez. Ainda faltavam seis meses. Os preparos. Roupas novas. Cantigas velhas que se renovavam na igreja para outros santos. Meninas novas que viravam moças. Tudo correndo às maravilhas. O pai reassumira o emprego, não deixaria a família passar forme. Ele, Xicote, contribuíra para o melhoramento da mãe, das irmãs, dele próprio e do pai, que agora não necessitaria sair derramado pelas fazendas, em busca de alguns níqueis. A recuperação do prestígio que ia perdendo.

Digitalizado com CamScanner

Os anos que a Terra dos Condenados ficara sem aulas do Mestre Manu só serviram para baixar o nível de educação e conhecimento daquela gente.

Xicote era visto com mais consideração. Faziam-lhe agrados, festas. Agora tinha muitas histórias a contar, inclusive a de um namoro. Dois. Poderia mentir como Surubim e Zé Banzê mentiram na viagem. Aprendera com eles.

Seu Armindo falou mais alegre. Alzair soltou dois sorrisos encangados um no outro, deixando sair as palavras por entre os dentes fronteiros, alvos, separados, que eram o encanto, o charme, sua graça. Perguntou como tinha sido a viagem. As irmãs indagaram os detalhes. Disfarçado, enquanto contava a Elzinha alguns episódios desimportantes, voltava os olhos para Alzair. Disseram que ele precisava se cuidar, notando estar muito magro. Sempre fora magricela. O vento o carregava.

Meu Deus! Estou sendo notado. O negócio é viajar, conhecer o mundo.

As meninas. Esperaria a novena. O leilão.

Quando não suportasse mais esperar, tinha que ir à luta. Como deveria começar? Nenhuma frase muito estudada, muito intelectual, pra não desconfiar fosse verdadeiro.

Ensaiava, pernóstico: menina, que devo fazer para merecer-te?

Digitalizado com CamScanner

23

Menina, que devo fazer para te merecer? - repetiu-a mais naturalmente, diante do espelho e penteando-se como gostaria que ficassem seus cabelos, ajudado pela brilhantina. Quem sabe se ele também não tinha sido muito rebelde com os pais, com o mundo, como eram seus cabelos?

A frase poderia ser mais simples: quero falar com você, garota, só nós dois. No meio de uma dança. Mas, se não sabia dançar... Mais difícil. Chamá-la-ia à parte, e de chofre, matava quem o estava matando: menina, eu te amo!

Outra surpresa para Xicote: o pai, Mestre Manu, como que insinuando, disse, entre uma conversa e outra com as vizinhas, que a menina Jaci viria à festa.

Só sendo para Xicote ficar mais tonto.

Jaci vem à festa de Santo Antônio? Vem fazer o quê?

Pensava no casamento com o dito rapaz, que tinha lhe falado por alto, na Lagoa Comprida, mas sequer lhe declinaram o nome. Por quê? E fizeram bem. Por respeito? Ou havia algo a temer ou esperar? Quem sabe o que anda na cabeça dos humanos que nos rodeiam, mesmo aqueles mais conhecidos, parentes e até irmãos?

Quem foi que trouxe essa notícia? perguntava Xicote, indiretamente, a quem pudesse ter ouvido dizer. Não havia jeito nem coragem era de abordar o pai.

O velho André precisa de advogado famoso e manter uns contatos com os políticos de Curralinho, muitos estariam na Terra. Pedir que interferissem no processo sobre seu irmão. Festas são ocasiões de muito ajuntamento. O mundo quer aparecer.

Ah, sim, certamente. E cada um a seu modo.

Do velho André, Xicote não queria saber, gostaria de falar com a filha, dizer que não esquecera dela, daqueles poucos dias na Lagoa Comprida. Infelizmente, tinha um caso e não

Digitalizado com CamScanner

podia interferir, seria deselegante, talvez tomasse como maldade...

Já acabou seu namoro com...

Tivesse oportunidade! Ah, se tivesse coragem! Isto sim.

Pensou muito em namorar a sério com Jaci, noivar com Jaci, casar com Jaci. Mas se lhe afigurava uma coisa impossível. Na casa dela não pôde adiantar-se. Arriscava-se a ser flagrado pelo pai. Quantos anos ela tinha? Mais velha que Xicote, e isto era um óbice.

Xicote, com aquelas viagens, ia-se libertando dos complexos, da figura e do poder do pai. Por essas e outras razões não deveria submeter-se a um sogro daquela estirpe.

E ela não seria tão imperiosa quanto o velho?

A criação de Deus não é perfeita, insurgia-se.

Depois, arrependido, ajoelhava-se aos pés do altar e, contrito, rezava até ficar exausto. Saía da igreja emocionado, quando não com lágrimas banhando o rosto. Porém, com serenidade no peito, com o desejo de conservar-se sempre bom e humilde. Que o mundo se tornava cada vez mais uma perdição.

Esse constante voltar-se a si mesmo castigava-o sem piedade, sem sentir-se como acontecia. A viagem à Lagoa Comprida e a pequena convivência com os Pinheiros, especialmente a afeição consagrada por tão pouco tempo a Jaci, tinham sido um sonho refrescante. Somente um sonho e nada mais.

Passará como tudo passa?

Digitalizado com CamScanner

24

Passará como tudo que passa sobre nós. Mas como pesa!

*

Não foi procurar Jaci no primeiro dia nem no segundo.

O trabalho na loja de seu Isânio era enorme, não lhe dava folga um só instante.

Mas ficou tão impaciente que errava nas contas e no troco. O metro caía-lhe das mãos quando ia medir os tecidos. As moças que o viam naquele estado, desconfiavam. Motivo de afastamento, de zum-zum-zum.

Eram três dias de festas. No último dia, correu à igreja antes do término das orações e ficou para todo o leilão, zanzando no meio do pessoal.

Só quase no fim de tudo, enxerga Jaci.

Que susto! - quase exclama no meio do burburinho.

Um conhecido, vendo-o naquele estado, pergunta:

Que foi, rapaz? Está doente?

Não teve resposta.

Ver sua princesa agarrada com um marmanjo, um cavalão de quase dois metros, no meio de outros casais retardatários do patamar do templo, era de amargar, de adoecer.

Disfarçou, deu meia-volta, entrou na igreja, ajoelhou-se e ficou zonzo sem saber o que dizer, o que pedir aos santos, aos anjos, a Deus. O que lhes ia pedir era impossível. O impossível não se pede. E isto é desesperador.

Xicote saiu.

Não quer mais lembrar o seu sofrer. Era como se não estivesse no mundo. Rondando no meio dos casais retardatários do patamar era sofrer mais. Era o fim.

Desaparece para sempre da Terra dos Condenados.

Digitalizado com CamScanner

25

Desaparece da Terra dos Condenados. Era difícil. Ainda mais, para sempre. O propósito era só voltar como dentista, talvez, para mexer na dentadura das moças e das mulheres. Se não alcançar, ao menos como um Crucifon. Quando acontecer algo de grande em sua vida.

Pensava no amor. Nunca voltar como um Xicote já conhecido, sofrido pelo motejo dos mais sortudos, dos mais felizes. Jamais!

Sozinho e tonto, quase cai ao descer os degraus do patamar.

Xicote não é ninguém. Deixou seu Isânio na mão. Sem empregado e sem notícia. Desespero maior foi em casa.

Pra onde foi meu filho? - chora a mãe, D. Morena.

Se aquiete, mulher. Homem é assim mesmo. Pode ser que apareça amanhã, com uma namorada ou mulher; pode ser que não volte nunca mais.

Mas ele não é...

É sim, você não entende dessas coisas.

Para quem o conhecia, não era difícil adivinhar. Logo veio a notícia de Curralinho. Estava lá, aboletado numa república de estudantes, sem nada, só com a roupa do corpo, um lenço e um pente para pentear os cabelos. O pouco dinheiro foi-se acabando. Iludiu-se com a vivência dos colegas de quarto ou sala, que nem uma república aquilo poderia ser chamado, e começa a estudar. Presta exames, vai aprovado, entra no curso técnico. Lê com mais gosto a revista ou jornal que pega, relê e rabisca papéis. Queria era ser, não fazer. Impossível ser alguém numa republiqueta... Era tarde, advertiu-se.

Emprego numa loja de tecidos, para ocupar o dia e receber uns trocados: as reservas sumiram, não foi fácil. Primeiro salário: põe tudo em livros, entre os quais a Bíblia Sagrada e um volume de poesias românticas. Data daí também a leitura do seu primeiro

Digitalizado com CamScanner

romance, emprestado por um amigo, cujo autor era um tal de Visconde de Taunay. Não apenas leu, fez a releitura imediata: ia bebendo página por página de *Inocência*, eis tudo o que precisava naquele momento. Decorou trechos inteiros, que os declamava na escola e para alguns companheiros de república. Passeando na praça, via Inocência. Enquanto os boêmios recitavam sonetos e poesias, cantavam sambas de Carnaval, valsas e boleros recém-chegados à cidade, Xicote decorava textos. Ia lendo-os em voz alta, com entonação diferente para cada personagem. Depois repetia em silêncio, consigo mesmo. No começo achavam até divertido. Mas, caindo na repetição diária, como tudo, passou a aborrecê-los. Zombarias não foram suficientes para afastá-lo de tal mister. Houve, então, um movimento para o expulsarem. Estava perturbando o sossego público e privado. Mas a leitura era só durante o dia, mal começava o café, no almoço e no jantar. O movimento foi à frente. Uma desmoralização para eles, quando os professores tomassem conhecimento.

Outros e outros romances vieram juntar-se ao primeiro. José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Raul Pompéia, Machado de Assis. Porém, entronizado estava Taunay e seu livro *Inocência*.

Mudou de vida radicalmente. Buscava a essência, as origens. Mas, que coisa é a essência humana, senão sua própria existência construída, palmo a palmo, com o suor do rosto e as chicotadas que o mundo prepara para cada um? Muitas vezes se perguntou, insatisfeito com as respostas que lhe davam com desdém.

Depois da grande depressão que sobreveio, chega o alívio de saber que podia transformar-se, ser um verdadeiro homem, enterrar as fraquezas em que vinha caindo amiúde.

Tudo o que era preciso encontra nos versos dos poetas, especialmente nestes: *Perdido está quem na treva / não traz luz dentro de si.*

Digitalizado com CamScanner

Perdido está quem na treva / não traz luz dentro de si - repete dez vezes ao dia. Como se o conceito e as imagens fossem de sua propriedade. Esquecera até o nome do autor.

Os colegas perguntavam:

Onde está sua luz, se só procura nos outros, rapaz? Tome tento! Quantas vezes já foi ao cabaré, depois que aqui chegou? Nenhuma. Assim vai ficar igual ao doido do Zé Ferreira, esse rapaz aí que amanhece soltando palavrões para se aliviar do peso da vida não vivida.

A literatura. É minha luz.

Sempre gostou de ler. Mas escrever era só para si, nunca mostrou a ninguém. Em criança recitava versos para uma namorada, ou quase. A menina ficava pensando ser maluquice. Não era. E se afastou. Nunca mais se falaram. Nem na escola. Desconfiança dela.

Todo poeta - e ele não seria também um poeta, se cultivasse as belas letras como os outros? - todo poeta vai a suas origens. Das origens nascem algumas respostas. Ou se adivinha. Por que nascera tão tímido? Por que os dentes cresceram tanto para enfear a boca? Por que se incomodava com qualquer besteira que diziam dele, da mãe, do pai?

Um dos desejos ardentes de Xicote foi conhecer a casa onde nascera. As coisas, os objetos, os quais, em sua convicção, tinham influência sobre o ser de cada um. Teria tido alguma influência na sua vida, no seu ser de hoje, a casa? Perto havia uma criança que gritava o dia inteiro, sem ninguém saber da sua dor. Teve paralisia infantil, nem sentar não sentava. A impressão de Xicote é que o garoto sofria muito e a mãe, então!..

Impossível satisfazer aquele desejo. O casebre que o recebera no nascimento havia desabado há muitos anos. Não era de seus pais, mas simplesmente cedido grátis para moradia do

Digitalizado com CamScanner

casal enquanto o menino recebia os primeiros cuidados. Lembrava-se de outra casa, foi onde passara grande parte da meninice. Lá sofrera. A pobreza era a causa mais evidente. A comida era pouca desde sua tenra idade. Não sabia de leite. Como tê-lo sem possuir vaca nem cabra, nem dinheiro? Não soube de carne, o pai não tinha salário para comprá-la. Nunca ouviu falar de fartura de cereais e outros bens comestíveis. Sabe das dores de barriga. Do cheirar barro molhado na parede, e depois comê-lo. Havia as ameaças de que era pecado, de que o demônio ia aparecer. Mesmo assim, o apelo da carne era mais forte. E não é que o diabo apareceu ao menino, um dia, na figura de seu primo, filho de tia Rosa, gritando um grito feio e a falar palavras terríveis atrás de uma moita? Pegou-o em flagrante, de longe. O medo foi grande mas continuou comendo barro. Foi preciso apanhar. Daí ficou magrinho de fazer dó. Então resolveram levá-lo à meizinheira. Não deu certo. A botica foi o último recurso. Tomou remédio e sairam lombrigas do tamanho de uma braça.

*

No novo emprego, D. Xicote tinha faltas como jamais tivera com seu Isânio. Trabalhava por comissão, chamando o freguês para as compras, por isto foi ameaçado mas não posto fora: se não vendia, não ganhava. Depois desta, outra missão: desarrumar os grandes volumes de tecidos que chegavam de Recife e São Paulo. Agora, emprego fixo, mas pesado. Escarafunchando aqui e ali, encontra pedaços de jornais antigos daqueles centros e aproveita para lê-los e meditar. Começa a imitar os articulistas e cronistas. Sem possibilidades de tornar-se um deles. Guardava os sonhos.

Seu colega C. Costa, o Costão, conhecia os ginasianos mais antigos, da primeira turma da fundação do colégio, que faziam um jornalzinho. Xicote lhes foi apresentado. Convidaram-no a colaborar. Poesias, contos, crônicas, artigos, o que quisesse. No início D.Xicote se esbaldava para construir um artiguinho e entregar na redação dentro do prazo. Teve sorte. Alguns dos seus trabalhos foram tão apreciados pelos redatores que serviam

Digitalizado com CamScanner

para a primeira página como matéria de fundo, o equivalente ao editorial, com manchete retirada de dentro.

Ele lia e sentia-se homem. Daí para o escritor seria um passo. Seus poemas eram românticos como os autores que lia. Choroso sobre seus amores, por ser um bruto sentimental. O que se sente acaba alimentando a própria expressão do sentimento, fazendo-o crescer. Mas a saúde requer equilíbrio, o romântico é um doente pelo excesso. D. Xicote tanto estimulou as emoções que se desequilibrou. Vivia excitadíssimo, discutindo por tudo e por nada. Isolava-se e, talvez por essa razão, passara a desconfiar dos outros.

O pouco equilíbrio desencadeou-se. O móvel foi uma crítica, num soneto assinado por Leo Lira. No final, mandava o poeta ir *plantar batatas no lajedo quente*.

Com a angustiante surpresa, Xicote ainda conseguiu escrever um artigo, arrazoando por que fazia tais versos e não outros. Eram da idade, sim. Pior quem no seu tempo não teve a coragem de expressar-se verdadeiramente. Daí, em tempo nenhum. E tudo o que resta é a sátira. Não, artistas querem alcançar a beleza. Há quem não considere a sátira um gênero poético. Leo Lira, se tinha sido, não era mais um verdadeiro poeta, intérprete dos sentimentos mais profundos de sua gente. Era um crá...

Calou antes de terminar.

Foi a queda no sorvedouro.

Digitalizado com CamScanner

27

Queda no sorvedouro do vazio...

Era noite. O dia só pensando em seus fracassos, nas suas angústias.

Eis que lhe bate a porta o Ananias, irmão da jovem misse Amanda, mulher de fibra, que trabalha num Cartório da cidade, todos de Curralinho a conhecem. Xicote também. E de tanto vê-la passar, quando vinha do trabalho, começou o namoro. Ananias, quase sempre bêbedo, era contumaz freqüentador de cabarés e jogador de má fama. Acabara tudo o que o pai lhe deixara nessas brincadeiras do mundo da perdição. E quando ficava na pior, acudia-se com Amanda.

Meu Deus! - pôs as mãos para os céus - dai-me paciência.

Xicote ainda vivia numa casinha, só: quarto, sala, banheiro, cozinha, nenhuma área, salvo a calçada de fora. Os fundos davam para outra casa à qual se ligava em paredes.

Por causa do seu namoro com a irmã, Ananias queria dinheiro. Levou o que tinha no bolso, não lembra bem, talvez dez cruzeiros. Emprestados. Para nunca mais.

*

Depois de Xicote conhecer Amanda, no cartório, quando foi tirar um documento de que necessitava, é que se deu o encontro no circo. Entraram. Sentaram-se juntos e separados. Aquelas primeiras aproximações foram-se amiudando, amiudando, até que se juntaram na mesma casa.

Talvez o conhecimento de Ananias tenha servido para aproximá-los, quem sabe a piedade por aquele ser tão inteligente, cheio de graça e alegria, quando estava bom, e tão chato quando bebia.

Digitalizado com CamScanner

Agora, já morando com ela, sabendo de tudo, não iria acordá-la por nada deste mundo. Se preciso, faria o café. Ela trabalhava demais.

Na tarde anterior haviam ido à quinta, apanharam batata, cebola e umas folhas de coentro. A comida ficara mais gostosa. Ambos aliviaram-se um pouco com a descompressão que o contato com a natureza produz, principalmente se temperado com o amor.

Abriu a porta, lembrando-se da chicotada que foram os versos: "plantar batatas no lajedo quente", do poeta Leo Lira. Na verdade, estava plantando o amor. O amor nasce na pedra, basta regá-lo. E Amanda não parecia ser um terreno muito fértil, no início.

Por onde andou, meu amigo? - abriu e perguntou D.Xicote. Era outra vez o futuro cunhado.

Boêmio anda por todos os bares, onde houver alguém que o queira ouvir.

Passou a contar suas peripécias e bazófias.

Veja só...

Quando já estavam ficando abusivas, tentou interrompê-las mas o homem continuava incansável. De um caso passava pra outro. Com quantas mulheres havia andado. Quantas brigas topara. Vencedor em todas.

Depois fez uma pergunta inconseqüente:

Quando vai ser o casamento com minha irmã? Não posso aceitar essa indefinição. Já estão falando mal, na cidade.

Dei um prazo - nem sabia de nada - e pedi-lhe que se acalmasse, fosse dormir, amanhã seria melhor para conversar sobre estes e outros assuntos. Aliás, estava doido pra falar umas coisas com ele.

Ananias não dormiu logo.

D. Xicote resolveu que devia contar-lhe algumas enfucas da vida recente, em Curralinho, para compensar a penca de maldades e sacanagens que ele lhe passara. Nem que fossem as encrencas da república.

Por que você saiu de seu esconderijo e veio logo para minha casa?

Ananias falou com a voz bem arrastada de bêbedo, demorando três tantos de tempo quanto o necessário.

Digitalizado com CamScanner

Que pergunta tola, meu rapaz. Você já sabe.

Foi por causa da Amanda.

Sim. Penso que você não me quer estragar a noite. Vamos ficar numa boa, ou não?

Lembrou de seu Durval, dos sorvetes, da sorveteria onde se juntava a moçada da cidade, nos fins-de-tarde e primeiras horas da noite. Tomar sorvete era motivo para longos papos. Quem não tinha dinheiro, ficava conversando fiado, fumando, ouvindo...

Tomava-se, ali, também, café ou cerveja, que seu Durval era sabido: se esta faltava no estoque, conseguia por empréstimo no vizinho. O freguês é que não podia ficar prejudicado.

Ananias não gosta de sorvete, toma café, fuma, dá duas palavras com Maria Angélica, sai para a praça. E de lá para os cabarés.

Xicote desliga o radiozinho para que não os atrapalhe.

A garçonete de seu Durval, o dono do bar, era novinha, cheirando a leite. Um sorriso cheio e firme. Cabelo grande. Ombros à mostra. Boa feição. Conversa agradável. Xicote e ela trocaram algumas palavras num dia em que o estabelecimento ficara vazio.

Por que seu nome é Angélica?

Sei lá, coisa dos velhos - respondia soltando um sorriso de encanto.

Foram semanas e semanas. Nem sabe se meses. Via aquela criatura todas as noite a servir, com olhar calmo e terno, sorvete aos colegas da república e demais pessoas da sociedade curralinhense. Uns rapazes eram mais entrados. Piadinha aqui e ali. Nomes mais fortes, impróprios. Um deles - contava - pegou na coxa da menina. D. Xicote viu, deu vontade de fazer o mesmo, tinha vergonha, ciúmes. C. Costa, o Costão, pega nas mãos de Maria Angélica, segura-as bem, não quer mais soltar. Ela dá gritinhos que D. Xicote não pode distinguir se eram de prazer ou de dor, ou se o estava repelindo.

Da primeira vez, D. Xicote reclamou, não obstante a altura e os músculos rijos de C. Costa, razão do seu apelido:

Solte as mãos da menina, animal. Não está vendo que ela tem o que fazer e as pessoas vão reclamar de sua sem-vergonhice?

Digitalizado com CamScanner

Por despeito, pediu:

Maria, traz um sorvete pra mim.

Ela desvencilhou-se do rapaz e foi buscá-lo.

Ficaram os três calados por um bom tempo. Terminada a guloseima, D. Xicote sai. Os dois ficam. Na ponta da sala, outros colegas, em animada conversa, sequer tomam conhecimento da discussão entre D. Xicote e Carlos Costa.

Só por poucas noites, gripado e sem ânimo, não vai à sorveteria de Durval. Fica privado das novidades, também do riso de Angélica, um refrigério naqueles momentos de dor ou desengano. Torna-se, por assim dizer, o maior freqüentador daquele local. Passa a vir também pela manhã, quando os outros estão no trabalho ou no estudo.

Naqueles dias, sua falta foi notada por alguns.

Quando D. Xicote voltou à patota, lá não estavam o Carlos Costa nem aqueles mais assíduos: Joaquim Cruz, Antônio Vieira, Mané Antônio, Waldemar. Maria Angélica faltara e outra a substituíra.

Cadê ela?

Com vergonha, D. Xicote deixou a pergunta trancada no peito.

A outra garçonete era mais velha, menos atraente, atendia mais ou menos. Não tinha a graça de Angélica. Nem o fogo dos olhos dela. Nem sua presença. Nem suas pernas. Nem seus braços. Nem seu vestido de ombros nus. Nem sua alegria. Nem seu rosto delicado. Não se sabe donde vem aquilo, aquela força, aquela luz, aquele brilho, aquela simpatia. O que se sabe é que depois que casa ou se perde, o fogo esfria, a vivacidade morre, a luz fica meio opaca.

Onde estaria ela? Casou?

O rapaz que se sentara à mesa com D. Xicote não era um dos *habitués*, apenas lembrava da moça, mas levantou a suspeita:

Deve estar no cabaré.

D. Xicote fez uma cara de nojo e resmungou: essas coisas me repugnam. Que maldade!

Foi a própria garçonete, D. Ana, quem respondeu:

Angélica caiu no mundo, meu rapaz.

Digitalizado com CamScanner

Foi embora pra onde?

Não, ela sentou praça no cabaré - disse com um risinho irônico nos lábios.

D. Xicote foi obrigado a entender, por conta do gesto de despeito da outra.

Onde, então?

Aqui mesmo, no Cabaré da Marlene. Lá está assim (e fez o gesto com as duas mãos) de gente... Vai quebrar os outros. Puta nova, hem? Não está vendo o cemitério que virou isto aqui? Você não vai entrar na fila?

Não! - quase gritou.

E fechou-lhe a cara. Estava possesso de raiva, de decepção. Com o acontecido. Com o mundo. Com as pessoas do mundo de perdição em que se transformara a cidade. Com medo dessa vida cheia de surpresas e sustos.

D.Xicote levanta-se arrastando a cadeira com força, fazendo estardalhaço para que os que estavam por perto ouvissem. Sai cego de vergonha e raiva.

Como é que uma mulher debocha de outra assim?

Tropeçou numa pedra da calçada, achou baixo o calçamento da rua, apressou-se como se viesse algum jipe, suas oiças estavam num estralar de vozes, num zumbido infernal. Atravessou a praça. Subiu para a república, derramou a água dos potes e da geladeira.

Você é um anjo, rapaz.

Amanda já sabe?

De quê?

De sua defesa da mocinha que caiu na vida?

Não. Não lhe contei os fatos mais recentes de minha vida. Só o passado. Foi um choque. Mas só o passado é que machuca.

Pois não deve contar-lhe. Ela gosta muito de você. E, quem sabe, poderá levantar suspeitas. Pelo jeito, você não entende muito de mulher.

Ananias não era tão tolo quanto imaginou. Doravante teria cuidado com ele.

Conversa pra lá, conversa pra cá, o sono pegou os dois ao mesmo tempo. Queda livre no inconsciente.

Digitalizado com CamScanner

28

Queda livre, inconsciente.

De si mesmo o que se fora é o que persistia. A república ia e voltava, lenta como um carrossel, na dança do sono.

Porque para lá se dirigiu, como se arranjara durante um tempo que parecia sem fim, não houve a menor condição de pensar. Um completo deboche de vida e de estudo. Sentir - sente-se em qualquer lugar, que o homem parece ser primordialmente sentimento e paixão, como escreveu Espinosa. Mas, pensar, pensar, vivendo naquela espelunca, naquela casa do diabo!... Não. Tempo de emburrecimento precoce, sem jeito.

Xicote deita-se em sua rede, dá com os pés na parede e balança, as cordas rangindo nos armadores, tenta conciliar as idéias (ou o sono), partir para sua grande viagem: escrever um livro. Já escolhera até o título - *O Inocente*. Sabe de onde tirara tal palavra? Da vida. Desenhara-o, para não esquecer, na capa de um caderno velho de anotações de aulas.

Como se pode raciocinar com um rangido desses? Pare o balanço, ou então vai ter pau, muito pau - reclamava um hóspede.

Mas eu estou pensando meu livro. Tenho que escrevê-lo.

Não agora!

Agora, sim!

Nunca vi se pensar um livro. Livros, lêem-se, escrevem-se. Que linguagem mais besta. Pois vá pensá-lo nas profundas...

Quando menos esperava, panelas rolavam do fogão, brasas eram pássaros e caíam no piso de ladrilho, já esburacado. Era outro que se irritava. Depois, pingos de água quente nas canelas, cacos de vidro pela cabeça... Roupas rasgadas ou simplesmente peças sumiam da corda ou do guarda-roupas. Antes de iniciar o que era chamado de almoço, pratos de arroz já se tinham espalhado na sala onde uns passavam por outros aos encontrões e

Digitalizado com CamScanner

tapas e, muito mal-educadamente, sentados no chão, alguns de cueca ou nus, apenas enrolados em toalhas de bano. Embora houvesse no apartamento tamboretes e uma mesa velha de madeira, comiam feito cachorros, rosnando.

Não, não é possível suportar isto! - reclamou muitas vezes Xicote.

Os incomodados que se retirem!

E faziam coro:

Os incomodados se retirem!

Os incomodados se retirem!

Os incomodados se retirem!...

O Costão, mais atilado, o convida para se desligarem daqueles baderneiros, daqueles - havia até veados - monstros com cara de gente. E saem pra rua, vão comer no mercado, em qualquer outro lugar.

No dia seguinte, novas badernas. Xicote estava lendo o livro *Muralhas*, em capítulos na revista *O Cruzeiro*, e veio um dos desgraçados com um copo d'água e inutilizou a página.

Xicote esperava uma oportunidade. Em Curralinho o primeiro emprego foi como caixeiro, numa loja de tecidos.

Mudara de patrão agora, embora fosse trabalhar mais e ganhar quase o mesmo salário. Diferente do Mestre, não pensava em dinheiro. Só era necessário para comprar o de-comer e de-vestir. Mas, depois disto, pra que acumular bens materiais? Precisa de amor, compreensão, viver uma vida tranqüila.

Era tempo de eleições e os serviços eleitorais tinham que ser feitos dentro de um prazo determinado, exíguo, por isto os tabeliães contratavam escrevinhadores temporários para o trabalho duro de fazer registros de nascimento, copiar nos livros, tirar certidões. Amanda foi uma das contratadas para o serviço, à noite. As mãos doíam de tanto escrever.

Educada e inteligente, bonita de cara e de corpo, especialmente quando vestia roupas mais curtas, era assim você, quando conheci pela primeira vez, dizia D. Xicote, nos momentos de conversa íntima.

Era? Que tristeza! Os homens...

Digitalizado com CamScanner

Não querida, era e é mais ainda. Mas foi muito engraçado o nosso terceiro encontro, quase um desencontro. Eu, muito cansado do trabalho do dia, pois caía a tarde. O sol ainda derramava raios sobre o monte mais próximo. Não corria nenhuma brisa. Só você e eu. E você precisava urgente do corte para o vestido novo. Ocasião muito especial. Me pareceu cansada também, sem deixar de ser gentil, alegre... e misteriosa.

Misteriosa? Não entendi. Mas como foi mesmo?

Sim, sim, depois você vai entender. De sua compra, fiz-lhe o pacote bem-feitinho e, enquanto o fazia, demorei-me nos seus olhos. Você os baixava como que não querendo encontrar os meus diretamente e ao mesmo tempo com demonstrações outras. Entreguei-o junto com a nota. Você saiu sem dizer nada, caminhando naquele belo passinho que tem, de dança, simples, sem afetação. Quando ia pisando a calçada, apreensivo, saí do balcão e consegui acompanhá-la. E chamei, desajeitado: ei, senhorita, veja se não esqueceu alguma coisa. Você voltou-se, Amanda, e pensou um pouco, com o rosto sério de quem faz um esforço de memória:

Não, não esqueci de nada.

A senhorita é muito bonita, desculpe-me o galanteio, ainda não nos conhecemos tão bem que possa fazê-lo. Desculpe-me, então. Não precisa preocupar-se, mas...tente lembrar-se.

Você não conseguia lembrar, e repetia:

Não, não me esqueci, normalmente não me esqueço de nada.

Estou morrendo de vergonha mas, enfim, se você não consegue lembrar, tenho que dizer eu mesmo.

Ora, não faça cerimônia, diga logo.

É que a senhorita não pagou ainda sua compra. E eu, eu, eu...

Meu Deus! Como posso ter feito isto? Que vergonha!

Não, não se aflija, isto acontece às mais importantes pessoas da cidade, um esquecimentozinho de nada. Me desculpe, por favor!

Mil perdões peço eu, seu Francisco! - disse, mostrando distância.

Digitalizado com CamScanner

Xicote, enquanto se encaravam, como que achando outras coisas mais interessantes do que a própria relação de comércio, apressou-se:

Se a senhorita preferir, a loja mandará o pacote por um portador, em sua casa, basta dar seu endereço. Qual é seu nome, por favor?

Aqui, não mais resistindo aos rogos do rapaz, ela encosta-se a um móvel que havia perto da saída e escreve-os num pedaço de papel de embrulho, dizendo, entretanto:

Não, não precisa, é tão pouco.

*

Tudo teria acabado ali, se porém...

De noite, rompendo todo o acanhamento, bati a sua porta, tremia enfrentando minha maior empresa em Curralinho, lembra?.

E eu fiz um gesto com as mãos: entre, por favor! Foi difícil falar, a voz não saía.

Mas, se os dois já estavam apaixonados e queriam se amar... O melhor não é a paixão pela paixão, mas a paixão pelo amor.

Lá vem você com seus trocadilhos, D.Xicote.

Não, não são trocadilhos, é verdade.

Ainda hoje eu penso que você esqueceu de propósito, pois pelo que sei você não é nenhuma esquecida. Sua memória é muito boa. Não quer contar-me nada da sua infância, porque não quer. Bem que poderia fazer como eu. Depois, mesmo depois de ter efetuado o pagamento de suas compras, se não me engano três vestidos e mais algumas roupas de baixo, esqueceu propositalmente o pacote no balcão.

E você me chamou: ei, D. Amanda! Engraçado: seu Francisco pra lá, D. Amanda pra cá... E me foi levar, com toda satisfação.

Claro. Poderia ser de outra forma?

Foi divertido no dia. Mas não me chame daquele jeito, viu? Diga sempre assim: minha querida Amanda!

Venho dizendo todos esses dias, menos quando o Ananias está presente. Para evitar complicação. Ele já sabe muito de nós. Não precisa saber tudo.

Digitalizado com CamScanner

Não deve saber tanto que o assuste.

*

Amizade e amor se pegaram de uma vez. Ela se oferecia para pregar os botões da sua roupa, lavar também os lenços, as camisas. Depois toda a roupa ficou a cargo de sua própria lavadeira, o que o deixava muito encabulado. Mas... Outros presentinhos miúdos foram sendo feitos. Bilhetes. Encontros. Não se apartaram mais. Até que as circunstâncias fizeram o que fazem das criaturas.

Durante as primeiras semanas, aos poucos foi conhecendo a casa, virando e revirando suas coisas. De preferência quando saía para a igreja ou ficava batendo um papinho com Remédios, vizinha do lado direito. Viu fotos e mais fotos. Era do que mais gostava. Havia uma delas que lhe lembrava alguém. Alguém que tinha a ver com o passado. De dez, quinze anos, papel já amarelecido. Quem? De quem? De onde? Viu os livros. A Bíblia e suas marcações. O manual de orações velhinho, com folhas rasgadas. Pelo visto tinha sido de herança.

Não quis logo indagar, seria uma chateação. Estava tudo em começo. Qualquer passo em falso estragaria todo o ganho.

De vez em quando lembra o que estava escrito no verso de um postal: *Mari... nos seus 15 anos*. O resto do nome se havia rasgado. Um cantinho de nada da fotografia. Era Amanda ou foto de gente de sua relação de amizade ou parentesco?

Bem, por enquanto, a D. Xicote o importante era Amanda, nenhuma outra pessoa o alcançava em seu coração. Ninguém chamava maior atenção que sua pessoa. Mas não quis ser impertinente. Ficou na dúvida.

Digitalizado com CamScanner

Ficou na dúvida: Mariquinha ou Amanda?

Mas, com todas as dúvidas, com a insegurança que lhe era própria, nenhuma outra pessoa acalmava melhor seu coração sofrido e magoado tantas vezes.

E se ela o alcançasse naquele serviço de espionagem a suas coisas?

Não, não! - tremia.

Amanda o salvou do *debacle*.

Ainda não se recuperara de todo. Saíra de uma tragédia amorosa que não soube contornar, muito menos como contá-la a alguém. E ela e o seu mistério. Tinha pena de si. Quem garantiria mais fortaleza? Soube como esconder-se de todos até ali. Mas, para frente, tudo poderia acontecer, até mesmo a loucura de um suicídio. Seu estado era deplorável.

Foi ao médico.

Doença que não tem remédio. Nesse estágio, ou a pessoa se conscientiza ou adoecerá fisicamente, podendo chegar à morte. Todos têm de gostar da vida e das pessoas, primeiro de si.

Não deixou que ele terminasse, foi à farmácia e comprou todos os medicamentos receitados, embora sabendo que eram paliativos. Apelou para os caseiros e para a religião, quando caíra no estado de depressão: não dormia, não se alimentava, não tinha vontade de sair à rua e se tentava era dominado pelo medo. De tudo. Até o vento o assustava. Finalmente umas garrafadas de Siá Donana começaram a injetar-lhe coragem e sangue. Leu livros imorais como *O Amante de Lady Chaterley* e os de Pitigrilli. Pornografias. Jogar fora o podre da situação. O doido de Zé Ferreira era mais limpo, mais contido. Quem o ouviu de manhãzinha, descendo o paredão, os cabelos se eriçaram, teve febre, calafrios. O demônio era um inocente. D. Xicote imaginava agora: se Amanda me tivesse visto assim, do jeito que é puritana...

Digitalizado com CamScanner

Vezes muitas saía vagando pelas ruas, becos e caminhos, e ouvia - lá vai o filósofo trabalhando nos seus artigos, amanhã leremos as loucuras que pensou e escreveu. Mas o rumo final era a Barragem de Bocaina, pescar, pescar, mania. Antes da amizade com seu Chagas, antes do amor de Amanda. Pegava um cavalo de quem tivesse por aquelas fazendas, o que era fácil, e assim cumpria seu intento. Horas e horas, o dia todo naquele desânimo debaixo de uma moita ou mesmo em uma das barracas que destestava por serem construídas pelos burgueses para seus fins de semana de cachaça e putaria. Ou então, subia o vale, beirando o açude, procurando pela Fazenda Boa Vista.

Foi afogada pela água, uma malvadeza.

Tanta fartura que existia!

Bois e vacas se perderam e foram mortos, junto com os bichos menores.

Pra que fizeram isto, o Doutor sabe?

Não, eu queria saber. Ouviram falar no seu Fulgêncio?

Ficou pobre, pobre, com uma tal de indenização que ninguém nem sabe se recebeu. A mulher, de desgosto ou de doença, falecera antes, quando começaram a falar no serviço, na desgraça. A filha foi com o pai, ninguém sabe para onde. O filho já era um perdido nestes cafundós, imagine lá para onde foram. Devem ter desembocado na cidade. Para sempre.

Será que eles ainda tinham juízo na cabeça?

Menino, eles tinham razão. O mundo não vale dez réis de mel coado, com diziam os antigos, meu filho.

Hoje, reconsidera todo o dito:

O mundo só vale por Amanda. Da amizade ao amor, tudo de pouco tempo. Foi tão rápido, meu Deus! Não acreditava em milagre. Agora acredita.

Até onde chegaria?

Tinha melhorado. Da última vez chamaram-no de doutor. O sol e o vento, as leituras, as conversas... Volta à cidade, no calhambeque emprestado por seu Chagas, marido de dona Remédios, vizinhos do lado direito. Com a da esquerda pouco falava. Boa pessoa era seu Chagas. De volta de suas viagens D.

Digitalizado com CamScanner

Xicote não esquecia de encher o tanque e comprar mais uns litros de óleo no Posto *Shell*.

O combustível está baixo.

Não se preocupe, seu Chagas, eu sei cuidar do bichinho.

E assim iam tangendo aquela amizade distante e próxima. Distante pela idade e pelos afazeres, próxima porque vizinho e amigo de Amanda, desde quando esta lhe alugara a casa.

Os demais amigos - distantes. Mas para que amigos próximos, se chegara a fase do amor, se Amanda lhe bastava? Para as pirraças, as piadas, os *causos* escandalosos, tinha o Ananias. Não gostava mais de sair, tornara-se um solitário. Melhor: um solidário com ela.

As confissões purgam. E sua grande confissão só existiu por causa de Amanda. Sem ela, seu problema continuaria a bater-se nos labirintos da alma, sem encontrá-la. Não! la deixar tudo em farelos. Ele contou a Amanda, na forma de sonhos (e alguns pesadelos), não tinha coragem de fazê-lo diretamente. Esses sonhos se tornaram um escrito volumoso, que com vagar ia tecendo. Mandara-o a uma entidade do Rio de Janeiro, que estava promovendo concursos literários nacionais, inclusive um de romance. Sempre com a concordância dela.

Estas suas invencionices vão impressionar os julgadores.

Quem sabe? O valor da imaginação pode ser medido até por esse lado, pelo detalhe do nome.

D. Xicote, você melhorou - dizia-lhe.

D. Xicote você melhorou, agora é um homem - falava ele a si mesmo.

Sim, o amor cura todos os males, principalmente os males do próprio amor.

*

Antes, começara o começo pelo fim:

Sobe a escada do sótão. Com jeito, cobrindo o nome, deu apenas uma dobra no papel.

Em seguida, corre alvoroçado no rumo de casa.

Digitalizado com CamScanner

Nem ao menos se perguntou se era a última aula.
Seu coração queria chegar primeiro.
Contentamento ou dúvida? Medo ou tumulto de idéias e sentimentos negativos que acorrem num segundo?

*

Tentou usar esse conto que havia escrito ainda na Terra dos Condenados como subterfúgio, como epílogo do romance.

Escreve-o, reescreve. Nada. Não! Apaga tudo, deixa só o primeiro parágrafo. Vão pensar que é verdade, por causa de minha última frustração amorosa. Era a primeira. E como se parecem!

Mas ficção é ficção. Tem que ser inventada.

Não consegue terminar a obra.

Um dia quando D. Xicote tiver morrido...

Digitalizado com CamScanner

30

Um dia, quando D. Xicote estiver morto, alguém terá pena dele e o terminará como melhor entender. Ninguém morre para sempre. Fica no que fez e até naquilo que deixou de fazer: na memória dos vivos.

Deu-se conta de que estava de caderno aberto, escrevendo uma frase como no tempo de criança.

Castigo:
O passado é tudo que existe.
O passado é tudo que existe.
O passado é tudo que existe.

Loucura!

Riscou em profundidade para nenhum curioso decifrá-lo. Quem? Amanda? Ananias? Naquela casa não existia mais ninguém. A faxineira, coitada, não toma conhecimento da vida. É só no trabalho. E daí pra casa. Pouco é vista. E pouco lembrada. Mas, por via das dúvidas...

Sabe que as horas mais tranqüilas de sua vida são passadas com Amanda. E como passam rápidos esses minutos! Ela só sai de casa para o trabalho no cartório; e, quando volta, traz o mesmo semblante sereno, firme, tranqüilo - ou o que lhe parece. Em sua pessoa não falta segurança, bondade, amor. Sem ciúmes. Companheira. Ela não lhe deixa pingar água quente das panelas na sua cara, nem osso de galinha dentro de sua rede como na república. Na sua casa não há o burburinho que havia no hotel, com gente chegando pela madrugada, das festas, dos bares, dos cabarés.

Não obstante, de vez em quando, para vestir-se com o cheiro de rua, numa espécie de compulsão, D. Xicote subia, para falar com os meninos. Era uma cegueira como outra. Alguns

Digitalizado com CamScanner

foram colegas do curso noturno, outros apenas amigos e companheiros de conversa e brincadeira nos bares, na sorveteria, no cinema. Da praça, passavam ao cabaré, parte proibida aos casados que cumpriam sua juras, mas principalmente às moças e mulheres de família. Nem olhar. Até algumas ruas em torno do local de perdição eram evitadas.

Nessa caminhada, passa pela frente da casinha onde morara só, e do tempo tinha vaga saudade. Uma sensação diferente. Talvez porque foi a partir dali que Amanda entrou em sua vida.

A primeira vez que D. Xicote veio a Curralinho, para permanecer por duas noites e um dia, muito tempo depois da malograda feira da rapadura, teve o gosto de uma viagem de férias. Já estava mais taludo. Eram três companheiros, e todos desceram para a zona do meretrício. E lá, o Mundinho, o Xicote, o Zé de Chico Lima e o João Brechado farrearam até quatro da manhã. D. Xicote conheceu a primeira mulher da sua vida, uma velha experiente na dança e na cama, na bebida e na conversa.

Anos depois, já namorando Amanda, D. Xicote voltaria àquele mesmo antro e a conversar com aquela mesma criatura de Deus, velha, acabada, doente. Mas não foi em busca da mulher, sexo, dança, bebida. Procurava observar os que viviam a noite, se embriagavam com uísque e cerveja, as brigas por mulheres, ou por nada, uma palavra talvez mal ouvida. Encontrou o futuro "cunhado" bêbedo, numa casa alegre, já próxima da rua Santo Antônio, mas com ele não falara, Deus que o livrasse, foi para casa. Amanda o esperava como sempre. Ananias depois lhe contaria tudo.

A certa altura daquela fatídica noite, conta o Ananias, já sem poder enxergar o chão direito, tratou de olhar pelo buraco da fechadura de um quarto que não se abria há muitas horas. O que faziam homens e mulheres ali? Uma espécie de reunião secreta? Duendes? Fêmeas com quatro pernas? Macacos? Eram vários grupos de pé, em redor de uma cama. Deitados outros, em outra cama. Uns nus se esgüelavam em redor. Outros só de calção riam bem alto. Bocas se abriam como se estivessem sonolentas. Mãos gesticulavam. Atitudes obscenas. Gritos. Dores. Ai!

Existem ainda no mundo pessoas daquele jeito, todas bêbadas ou drogadas, fumando e bebendo? - pergunta Ananias a D. Xicote.

Digitalizado com CamScanner

Não responde para não interrompê-lo, de tão vivas as cenas, enquanto avançavam o cunhado e a noite.

Via de dez a doze criaturas de ambos os sexos, que se olhavam de olhos estufados, desafiando o bom senso das pessoas que permaneciam fora.

No mais só escuro.

Minha mãe está virando bicho, olhe - futucou-lhe uma putinha que estava do lado de fora, rodeada de outras que se largaram do salão de danças em busca de buracos para olharem.

Aquela de corpete cor de rosa é minha mãe.

Que é que a velha quer aí dentro? - pergunta Ananias.

E eu lá sei? Trepar!

E onde fica o individual dela?

Ali! - mostrou com a boca, estirando um beiço de meia légua.

E o seu?

Fez o mesmo gesto, agora mais escangalhado. Só que a dona do cabaré lhe havia expulsado por falta de produção, completaria com outras palavras. E agora estava procurando lugar.

A danada tinha um charme especial, derretia-se toda no rebolado, ria muito, era competente na sedução, vestido curto, peitos furando a blusa de seda já sem cor. Mulher nova. Por que não faturava?

Acabou a noite no seu esconderijo, mais distante. Não sentiu catinga de suor. Dormiu com a filha, depois de apreciar a mãe virando bicho. Uma outra mulher se esgüelando praguejava nomes feios numa altura que era possível ouvir e entender, e uma criança xingava alguém no cômodo vizinho.

Um inferno!

Sim, era duro, caprichoso. E ficava até o fim, para verificar o prejuízo. Homem mole não pode viver.

Mais além, outra criança chorava de causar dó, e outra mais e mais outra. Estariam sendo espancadas? Não pôde ver. Estava muito alto para compreender o que via e refletir sobre situações vexatórias.

Quis ver o circo pegar fogo - disse Ananias. - Nem se ligava.

Digitalizado com CamScanner

Terminou não vendo tudo, sua cabeça ao mesmo tempo que dizia não dizia sim, às batidas.

Amanda sabia dos passeios esporádicos de D. Xicote à zona, o irmão contava algum lance em feitio de fuxico. Ela amuava-se um instante, diminuindo o bom humor, tudo enquanto reconsidera humanamente as safadezas humanas. Nada se lhe notava. Só paciência e carinho. Pregar seus botões, cuidar da lavagem da roupa de D. Xicote - pagava parte a uma lavadeira e engomadeira, pois o trabalho no cartório lhe rendia razoavelmente - era prazeroso. Bem passadas, guardava-as em seu guarda-roupa, num canto reservado a ele, cheirosas, a troco de ervas adquiridas na feira, e armava a rede para que ele descansasse ao meio-dia. Espremia-lhe as espinhas e cravos, aparava as unhas das mãos e dos pés, os cabelos da venta e dos ouvidos.

Olhe o remédio, meu amor, não esqueça.

D. Xicote era fraco de estômago e intestino. E quando caía com gripe, um deus-nos-acuda de tanto tossir e sofrer. Cuidados necessários. E continuaram como quando tinha abandonado o emprego, naqueles meses de transe e provação por que passou.

Seus amigos surpreenderam os dois sentados juntinhos, na praça da Igreja de Santo Antônio, não muito distante da casa dela, discretamente se namorando. Por vezes D. Xicote com a cabeça enterrada no colo de Amanda, como se fosse um filho, se era noite e a lua não vinha.

Ninguém sabia de casamento entre eles, nem o próprio Ananias, que agora mais espaçava suas vindas a casa, às voltas com mulheres, gastando o resto do seguro de vida que o pai lhe havia deixado. Amanda guardava sua parte a sete chaves, nunca D. Xicote soube onde. E tinha pouca coragem de perguntar-lhe.

Era tudo o que sabia da família, contado por Ananias. De onde tinham vindo? Não lembrava, era pequeno. Da roça. Quanto aos nomes? Fazia uma confusão danada. O pai quando chegara a Curralinho, por desgosto, trocara o nome dos filhos. O seu não era Ananias, mas Joaquim, o de Amanda era novo também. Mas não lembrava o antigo. Ou não quis dizer.

Algumas vezes D. Xicote o ouviu gritar:

Maria, onde está minha roupa azul?

Digitalizado com CamScanner

Maria, estou com fome. Nesta casa não tem comida não?

D.Xicote levava em conta que ele era beberrão e além disto não falava seriamente. Tudo na brincadeira, pelo seu jeito de encarar as pessoas e as coisas deste mundo. Anedotas picantes e mentiras, sabia-as inventar como ninguém. Leriados e trocadilhos.

Depois de alguns meses, talvez ano, na frente do irmão, Amanda se deixava abraçar e beijar por D. Xicote e, nos serões, ele repetia o costume da praça: deitava a cabeça em seu colo, como se fosse um filho querido, carente.

Digitalizado com CamScanner

Um filho querido e carente!

Era só o que faltava! - Ananias resmunga entre dentes.

O namoro até seria justificável se tivessem a mesma idade - era a voz dos rapazes na república - mas uma misse! Que é que ela viu em D. Xicote?

Na verdade, era visível: Amanda tinha mais idade do que D. Xicote. Ou seja, aproximadamente seus trinta, uma solteirona e tanto. Bem conservada e sabia se tratar. Era bonita. Foi misse do colégio, e na cidade ficou em primeiro lugar, mesmo que dissessem que o concurso fora viciado por pessoas de famílias tradicionais. Poderiam anulá-lo, se quisessem. Que ligação tinha Amanda com os poderosos de Curralinho? Nenhuma. Por pouco não representara o Estado. Decidiu desistir do título, em favor da moça colocada em segundo lugar, quando se apresentou na Capital entre candidatas de mais de vinte municípios.

Algumas rugas já apareciam. Descuidava-se, até bem pouco, dos cabelos, das pernas, das sobrancelhas. Entregara-se ao trabalho. A mãe, de quem tinha uma lembrança bem vaga, falecera, deixando-a na orfandade. Não chegou nem a imaginar a construção da Barragem. O pai, já há quanto tempo se tinha ido! Tudo o que lhes deixou foi um seguro de vida que, para mantê-lo em dia, gastara até o último tostão.

O irmão dava trabalho, desaparecia por semanas, muitas vezes tinha que pagar-lhe as contas. Vivia só e sem namoro. Tinha as colegas e os colegas de trabalho e de estudo. Era católica. Ia à igreja ali pertinho. Mas a vida...

Quando, por acaso, conheceu D. Xicote, ganhou novo alento. Passou a sorrir. Vestia-se melhor. Ia a algumas partes. Sentava-se observando, ouvindo e vendo a retreta, na praça, a graça das menininhas com suas saias rodadas, a imaginar coisas, na lembrança seu pouco tempo de colégio.

Digitalizado com CamScanner

De mãos dadas com D. Xicote. Nos dias mais quentes, desciam a praça, atravessavam a rua, iam tomar sorvete, sempre no mesmo cantinho.

Foram ao Clube algumas vezes e arriscaram passos de dança. Mas nenhum dos dois tinha vocação nem jeito para o movimento. Preferiam ficar olhando os casais rodopiarem pela sala. Ele era discreto na bebida. Ela, muito mais. Na conversa também.

Uns santos.

Hum! Eu sei. Ninguém adivinha o que vai dentro deles. Quem já os viu na santa missa, nas novenas, dando esmolas? Ninguém.

Deixem de ser maldosas.

Em casa, aprofundavam-se nas discussões sérias sobre a vida, a alma, o mundo de hoje e de ontem. Depois iam aos exercícios escolares. Amanda continuava, passara a freqüentar uma aula noturna da Escola de Comércio, a única da cidade, onde D. Xicote matriculou-se também. Os comentários da rua não lhes interessavam.

Quem tem boca diz o que quer.

A consciência de ambos prevalecia. Nunca falaram em compromisso sério, salvo quando Amanda fez aquela tentativa (mais para dar satisfação ao povo falador de Curralinho) e deixou o padre em polvorosa, amaldiçoando a ambos.

Falam sério?

Sim, reverendo.

Sim, padre.

E em que pensam para o futuro?

Um filho, talvez. Não pode?

Claro, um filho é maravilhoso. É obra de Deus. Mas é preciso que seja abençoado por ele; assim como animal, sem batismo, sem casamento, não. Não, meus filhos.

Não houve sermão que os abalasse.

A felicidade se diria momentânea, mas se prolongasse seria eterna como o céu.

Digitalizado com CamScanner

A felicidade (deles) se diria momentânea, mas se prolongasse... Seria um céu despencado na terra, suavemente.

Inútil tentar segurá-la. Ela foge sempre.

Foi durante essa euforia da vida com Amanda, em Curralinho, dos estudos noturnos em conjunto, que D. Xicote recebeu uma das maiores chibatadas de sua vida.

O amor é forte. Ele segura o homem nas maiores tempestades. Amor não morre, migra de um lugar para outro, transfere formas e funções, e só frutifica no sofrimento e na dor.

Veio através de uma carta que não teve a coragem de abrir. Já pressentia. E como era tarjada de preto, não precisava ler: vinha de casa, o mesmo endereço, o selo do correio. Mensagem atrasada de uma semana. Era uma notícia ruim.

Ficara da cor de uma flor de algodão, como Dona Morena dizia no seu tempo de menino, expressando o amarelo.

O que foi, meu filho? - Amanda acudiu.

Ele não falou.

Xico, você não cuidou dela. Filho ingrato! - ouve o próprio pensamento tresvariando, ou fala sozinho? Quem sabe?

Dita por maldade, pelo pessoal da Terra dos Condenados, ficou nos seus ouvidos por muitos meses - frase que ouvira na feira de uma pessoa cujo rosto lhe era familiar mas não lembrava do nome. Disse e passou ao largo, como se fosse um escárnio.. E era.

Não impediu nem mudou a forma do sentimento de que ficou possuído. Era como se tudo acontecesse ali e agora, se visse com os próprios dois olhos, engolindo em seco, dispensando, impedindo o direito de falar. O corpo de D. Morena imóvel, deitado, olhando para cima, em posição de quem reza. A mãe. Em todo lugar a sua imagem viva, de pessoa amorosa, trabalhadora, que se preocupava tanto com os filhos, especialmente com ele. Era o contraste. Para que abrir? Para sofrer mais?

Digitalizado com CamScanner

Desistiu de faltar ao trabalho. Que gosto tinha ficar em casa, mesmo que tivesse direito? Não comunicou ao gerente, não botou luto. O fato consumado foi o que menos doeu. Doer, dói. Mas uma dor que acaba é menos dor. Estava órfão! Que pena, um rapaz de 25 anos, ainda querendo agir como criança. A dor, alimento diário - mais que isto, de todas as horas, de todos os minutos, de todos os segundos - que D. Xicote carregava ao longo dos anos, pela vida de D. Morena, moía-lhe as entranhas, o extremo de si. Em Curralinho era a lembrança de sua mãe doente: os nervos, o coração, o que restava de pensamento e luz nela, cega.

Diga, mãe, o que sente? - pergunta penalizado.

Aquela morrinha, meu filho. Assim como se a gente estivesse se acabando, as carnes a se despregarem do corpo...

Oh mãe, não fale assim!

Primeiro veio o medo de tudo, de todos, da própria vida, da morte, das coisas de Deus. Medo dos homens. Medo da doença. O corpo emagrecia, olheiras fundas, olhar espantadiço, fumando seu cachimbo sarrento. Surpreendeu-a com baganas nas mãos a levar para a boca, acendendo o fósforo.

Faltou dinheiro para a compra de tabaco.

E aqueles terríveis pensamentos: uma pessoa estranha querendo estrangulá-la e não podia dar uma só palavra, pedir socorro, era noite, tentava conciliar o sono e não conseguia. Nem um grito podendo soltar. E com tantos filhos por perto... Nem falar no marido, fora abandonada, apenas viviam na mesma casa. Por teimosia, por capricho. Já nem comia o suficiente para sustentar-se em pé, os sonhos eram os mais tenebrosos, como as trevas que lhe eram a plena luz do dia. Visões. De portas abertas, não contava. Como ficar até de manhã - "o sol já saiu, Elzinha?" - com aquelas coisas no nó da garganta? E depois, se se libertasse... Como podiam não ser verdade? Algumas lhe eram mostradas, contadas por Nossa Senhora, mãe de Jesus, ali, ao pé do altar, enquanto rezava. Ela, a santa, também desmanchando-se em tristeza. Lembrava-lhe as feições, o que ficou do tempo em que enxergava. Por que estar assim entristecida? Os filhos não tinham sido educados como manda a Santa Igreja? Um era

Digitalizado com CamScanner

descrente, não tinha culpa, ensinou-lhe tudo; a outra, crente demais, Madre Susana, no dinheiro, nos bens terrenos adquiridos e a adquirir para a irmandade, desde o tempo em que foi ofendida pelo noivo, o cantor Pereirinha. O filho fora embora, tadinho! Os outros morreram. Elzinha ficou, graças a Deus, para cuidar dela. Coitada! Depois, quem tinha um marido daquele jeito, Mestre Manu Sõin... O pecado não era seu, a cunhada dissera: ele é quem devia procurá-la. Então, por que era perseguida, todas as noites, por fantasmas, hem, meu filho? Não tinha direito a descanso aqui na terra, como as outras mulheres e as outras mães?

Alguma pessoa está jogando pedra em nossa porta, vá olhar, meu filho - coisas do tempo de Aroeiras, quando Mestre Manu se enrabichara por Madalena.

Ninguém.

Esta noite o ladrão subiu na telha. A santa veio me avisar.

Primeiro, a magrém, a tristeza, o mal-estar, o medo. Segundo, as dores de cabeça, dor nos olhos, a vista turva até perder completamente a visão, que já não era boa de muitos anos. Chamada de ceguinha. Mas trabalhando. Sem entregar-se. Em seguida, piorava muito a sensação de que a perseguiam. Parada. O dia inteiro dentro de casa. Que vida miserável! Vontade de excomungar os filhos.

Não excomungou.

Excomungou! - eram as vozes lá fora.

Tudo coisas do passado. Vozes? palavras? Mãe é sempre mãe. Queria-lhe tanto! E não a viu nos últimos dias. É que o aperreio da vida o levava a extremos. Doente talvez da mesma doença. Pensa nela como uma senhora da sociedade, limpa, bem falante, saudável, não naquele espezinhamento. E sente-se melhor.

Bem que ela merecia as graças de Deus. Para isto rezava.

E você não merecia ter mãe tão deplorável.

O' Amanda, não fale assim! Diga sofredora.

Não falei por mal, entenda. Estou penalizada também. Perdão!

Sofria pelo mundo, por ser o mais velho, o único varão da família, o responsável; culpado do que não lhe cabia: a doença, o

Digitalizado com CamScanner

sofrimento, as lamentações das irmãs, dos vizinhos, dos conhecidos. Pelo pai, agora vítima.

Quem lhes sabia os passos?

Rezava também, aprendera com ela, reaprendera com Amanda o que D. Morena lhe ensinara.

Diriam: ela morreu assim porque o filho não cuidou. Como disseram dele, Mestre Manu: ele, que tinha juízo, vista e saúde, não olhava para D. Morena direito, durante os anos de sua desventura.

Por que você não vai pra cama, descansar, menino?

Descansar como? Me sinto culpado, um peso enorme. Não consigo levantar.

Não, nada disto. Agora ambos estavam aliviados, ele e ela. Se outro mundo existir, não irá ter vida pior, nem igual. Lá é melhor do que por aqui, D. Xicote.

Você merece e eu também, mãe! - E foi tapando o rosto com as mãos, os soluços abafados...

Entra para o quarto de Amanda.

E dorme.

.....

A carta tarjada permanece da mesma forma que chegou: intacta.

Não botou luto, nem uma lista, nem um ponto.

Tristeza tão grande falava por tudo. Luto pusera nos olhos, nos ouvidos, no rosto, durante aqueles meses do sofrimento. Agora, conformidade com o mandato de Deus.

Morte, aleluia! Onde está a tua tristeza?

Digitalizado com CamScanner

Onde está a tua tristeza maior? Em você mesmo ou nas coisas do mundo? O jeito que tem é viver solidário com as pessoas, com o existente entre o céu e a terra. Ele é. Tudo é passagem. A vida também.

Evitava falar.

No trigésimo dia, depois da missa, Amanda resolveu por conta própria abrir a carta, na presença de D. Xicote, e ambos se certificam do que já sabiam. Para continuar o desânimo, a depressão, o vazio.

D. Xicote dizia que era triste antes. As irmãs mandaram dizer-lhe da sua ingratidão, do seu desprezo, do seu pecado de não ter botado luto nem que fosse por uns dias, que se havia enrabichado pela mulher. Quando era o casamento? Que coisa mais esquisita!

Hoje, sofro muito menos - embora D. Xicote dissesse da boca pra fora.

Como você sabe?

Um dia amanheceu a rachar lenha e cortou o pé. Amanda corre a botar-lhe curativo, iodo, álcool, *bandeide*. Pentear os cabelos, fazer-lhe as unhas, tomar o café, passear com ela - eram as atividades prazerosas de D. Xicote, que lhe diminuíam o pessimismo e o mau humor. Esquecera da república. Mas, se deixasse de aparecer lá, iam pensar que estava se escondendo. Com vaidade besta. Com vergonha da culpa, do pecado. A maldade das criaturas...

D. Xicote, vivendo com Amanda, desprezou a mãe, não é?

Não, muito pior: estão amasiados.

Mulher de trinta anos, mais velha do que D. Xicote... - já o tratavam assim, eles e a cidade quase toda, pois o hábito de Amanda pegou.

Digitalizado com CamScanner

Mas uma perfeita mulher, enquanto se sabe. Não se sabe é o que aconteceu naquela sua estada na Capital, quando foi misse, representar Curralinho. Dizem que é costume dos empresários...

Mulher é a imperfeição da natureza - dizia um atrevido. - Deus praticou seu erro também.

Mas sem elas... - e apontavam os da república para o boboca do Bitonho, meio-homem/meio-mulher, nem lá e nem cá, motivo de suas brincadeiras mais escandalosas.

Por aí ficava o converseiro dos *republicanos*.

D. Xicote, antes de tudo, pensava. E acertara: conserva os costumes dos pais e avós, daquela comunidade onde o respeito a todos e de todos é sagrado. Daí a D. Xicote ficar morando com ela foi um salto. Bastou um convite.

Enquanto andasse pela república saberiam que era um rapaz solteiro.

Sabido, diziam agora.

Porém, veio aquela noite, depois outra noite... Outras... Ananias numa das suas prolongadas ausências...

Foi-se o tempo em que a tolice era sua marca. Simplesmente encontrara alguém que lhe tinha afeição de verdade. E ele, na medida do possível e das forças de seu coração, correspondia.

O amadurecer era necessário. Tinha lá suas caídas e recaídas. Pensar em outras, pensava muito. Mas sem deixar de tê-la no panteão, no primeiro lugar. Às escondidas, foi uma vez à igreja confessar os pecados, sem participar da mesa da comunhão: fugia das evidências. Tornara-se um crente à sua própria maneira.

Outra vez foi ao rio, desceu as barrancas, avistou a vazante, meteu os pés pela água, que estava pouca. Em três anos, o rio parecia só barrancos. Era por causa da Barragem e também pelos esgotos e lixos. A decadência. Já poucos plantavam. Não teve aquela sensação de quando desceu com Amanda pela primeira vez. Outras aconteceram mas...

Agora, de novo, colhendo algumas batatas. A cebola e o alho estavam maduros, bom de colheita. Seria um servição.

Onde a sua tristeza, D. Xicote? Amanhã fará um ano da morte de sua mãe. Todos morrem. Não nos subjuguemos a eles,

Digitalizado com CamScanner

embora convivam em nossa lembrança e amor. E isto basta. Assim ajo com relação aos meus.

Eu sei.

Digitalizado com CamScanner

Eu sei que isto não basta, você também - murmura D.Xicote. - É que a aceitação da vida não vem completa. Nem de graça. Precisa de oração, desprendimento, luz.

A perda, porém, torna os homem pensadores. Assim, D. Xicote.

Lendo os filósofos, logo concordava com eles, especialmente com Kierkgaard. E congratula-se com sua formidável inteligência. Mais: com o seu sentimento. O destino o enviou para o encontro com a necessidade que sentia.

Os grandes homens hão de sobreviver na memória dos vindouros, mas cada um deles foi grande pela importância do que combateu.

O que combati até hoje? Nada. Tive uma vida muito pequena. Agora, o amor lhe mostra o mundo, lhe diz que é preciso realizar algo que o justifique.. E sei que só o amor justifica a vida. O amor e a arte. Lia os poetas e os imitava. Humildemente pediu conselhos a seu Chagas.

Estou me afogado nesta tempestade de sentimentos...

Não pense nisto, rapaz. Você é tão novo, estava forte quando aqui chegou, é sortudo por ter uma - como direi? - mulher como Amanda. Amigos lá fora, na rua, adquiridos por seus relacionamentos de emprego e de... (não quis referir-se a coisas desagradáveis a Amanda e suspendeu). Volte a pescar, ande pelos matos como gosta. O nosso jipe está à sua disposição. Vamos, rapaz! O que é isto? Homem branco, de olhos azuis, filho de Mestre, não tem como fracassar.

Amanda aprovava. E escrevera depois, sem cerimônia, analisando a situação perante Deus e pedindo consolo para seu amado. Uma espécie de oração. Mas em forma de poema, como já lera em alguns livros. Ou versículos. Não era assim, na Bíblia?

Digitalizado com CamScanner

As mulheres possuem melhor intuição - diz D. Xicote, depois de ler o escrito e aprová-lo, pondo de lado a vaidade de ser homem, de tudo saber e poder mais.

Seu crescimento intelectual deu um pulo. Cavalheiros que eram dado às letras, os mais velhos da cidade, conquanto já sentissem orgulho da presença de um curralinhense de peso, outros esboçavam algum desdém, se não ciúme. Há tempos mourejava nos jornais, mas agora seus artigos e matérias eram lidos avidamente e comentados pela população da cidade e arredores, e passava a ser pago como os colunistas do sul. À sua poesia, davam-lhe um destaque que os antigos colaboradores e poetas não recebiam.

Poeta moderno e inovador, desde que resolveu pôr o romantismo de lado - o próprio Leo Lira afirmara, numa nota sobre as atividades literárias da terra e seus cultores.

Fruía seus desejos, não era um coração completamente perdido, embora sem ter a antevisão do que ia acontecer, para gozar mais. Os otimistas gozam duas vezes. O sofrimento é menor.

Ganhara todos os concursos do colégio. Já concorria aos certames estaduais e nacionais, e recebera algumas boas classificações. Tinha pouco a quem mostrar, a cidade era acanhada. Desconfiado, porém, não acredita nos elogios recebidos. Algumas vezes contentava-se com a participação a Amanda e a um ou outro amigo. Leo Lira ainda lhe estava muito distante.

Entrementes, tais ganhos não eram suficientes para deixar o emprego. Tinha ficado um tempão por conta de sua Amanda, no início. A crise passara. Agora era enfrentar o mundo, a concorrência, a má vontade, os leitores recalcitrantes e, se tivesse sorte, ser chamado para trabalhar em algum jornal na Capital. De lá para o Rio era um pulo, e para a celebridade.

Vaidade das vaidades, tudo é vaidade - está na Bíblia.

E, ao mesmo tempo preocupava-se como ficaria sua Amanda. No seu lugar? E encontraria meios de escrever todas as semanas, ou telegrafar? E quando Curralinho possuísse uma telefônica, quem sabe breve, o telefone não ia parar nunca. No fundo, um piegas. O meio era evitar longas ausências. D. Xicote não pode ver gente pedindo esmolas, abre a bolsa, fica liso, ou

Digitalizado com CamScanner

chorando. Quando surgia o assunto *ir-embora*, deixar sua gente, a cidade que já amava, vinha-lhe um frio a correr-lhe pela espinha. Medo? Não, pavor.

Você já venceu muitas batalhas.

Quais?

Outra está começando agora, sabia?

Digitalizado com CamScanner

Outra está começando agora? Sei.

É nova história, novo personagem. Precisa transformar-se em homem - refletia Amanda, em cima da repetição de D. Xicote.

Quando o pai morreu, já não sentiu choque igual ao da mãe. Pai é apenas pai e mãe é muito mais. Sentiu o sofrimento. Sentiu a dor de vê-lo partir ainda novo, daquele jeito. Fora encontrado no mato, já sem olhos, a primeira coisa que os urubus bicaram. Fedia. As tripas de fora. A caçada ao Mestre Manu durou cerca de 8 horas. Foi horrível.

Dizem que a dor caleja. O inferno continuado se entranha no corpo e na alma e passa a fazer parte dela. O espírito do homem é o resumo das dúvidas e dores e de pequenas vitórias. Para sobreviver. O que seria a paciência se não isto? Ou pedra.

Mas ele tinha outra forma para acrescentar o comum da vida à consciência. Era o que adquirira nos livros dos filósofos, nos versos dos poetas, na meditação dos santos. Talvez fosse uma filosofia cínica, talvez não. Todos os homens são cínicos uma vez na vida. Assim, sem saber por que, D. Xicote sentia alívio quando via uma pessoa expirar. O sofrimento acabara. A conclusão é que era materialista e idealista a um só tempo. Que contrafação! Mas Deus não faria isto com ninguém: dar a vida, um gozo, para depois tirá-la sem quê nem pra quê.

Logo, Deus é fantasia.

Ainda bem que ele existe, mesmo como fantasia - era uma das elucubrações de Amanda. A fantasia de D. Xicote - a forma do verbo, do verso, da palavra. A poesia, a arte de imaginar e criar.

Naquelas condições, muita gente no enterro do pai, por pena ou por curiosidade malsã. Xicote não conhecia mais um quarto de tantas pessoas. Foram dizer o último adeus ao Mestre. Se isto consola, foi assim. Mestre Manu, querido e respeitado.

Digitalizado com CamScanner

Ninguém foi tolo para pronunciar o seu apelido: Sõin. Seria linchado na hora. Depois do enterro, sim, porque *toda ausência é atrevida*, como diria Dona Morena.

Estive no enterro de Mestre Sõin.

Eu, não. Não pude. Como estava? Mais feio do que era? No fundo do fundo, quando o Mestre faleceu, já não existia para muitos e para Xico também. Retirado naquele cafundó, tendo por companheiros apenas os bichos do mato e um cachorro velho pulguento, faleceu no meio desses seus novos amigos. O primeiro ataque da doença deixá-lo-ia em estado de desgraça. Estava na Sussuapara, em casa de uma prima, aonde fora procurar serviço, e ficara de repente entre a vida e a morte: febre alta, os olhos fechados à luz, não comia, não bebia, nem tomava o café de que tanto gostava.

O café da prima Ana, que delícia! - exclamava tomando gosto com a língua e dizia-o em todo lugar. - Ainda vou lá, antes de morrer.

E foi. E quase morre.

Com o medicamento de seu Juscelino, receitado de ouvido, houve progresso, quase um milagre. Ele reviveu. Mas não houve ressurreição. O homem que dali restou era outro. Compreensivo, simpático com os filhos, inclusive com D. Xicote. Passou até a dizer piadas - Onde as tinha aprendido? - e a conversar sobre assuntos dos quais sempre fugira, como política e sexo. Com os intrigados e inimigos, que eram poucos, desfez todas as rixas. Com a mulher, D. Morena, não pôde mais ser o que deveria ter sido durante a vida inteira: ela já se fora para o reino do desconhecido. Mas talvez rezara para ela. Por que as coisas acontecem assim, fora do tempo? D. Xicote soube do último ataque da doença de Mestre Manu através dum mensageiro que veio numa camioneta. Chegou buzinando na porta, sem nenhum aviso pessoal, sem delongas. Disse e pronto. Chorasse quem quisesse. Se morrer, morreu. Não é tudo morte? Xicote tomou o mesmo carro. Não teve o que pensar.

No primeiro ataque, aquele que seu deu na casa de sua prima, foi diferente: D. Xicote saiu correndo pela estrada, à pé, quatro léguas, foi contar a seu Juscelino, trouxe tudo fiado,

Digitalizado com CamScanner

pediu ao amigo Guima que fosse dar as injeções. Tudo muito distante, muito difícil. Até imaginou alugar a *forbica* do Divino e levá-lo para Curralinho. Não era possível. Não conhecia Amanda, sua namorada, com quem passou a morar depois. Ninguém lhe podia valer, no aperto. A quem ocupar? Um estranho?

Felizmente deu certo o medicamento aplicado na hora. O velho levantou-se. Viveu alguns anos ainda. Mas, para o filho, já estava morto.

Por que é que é preciso o filho matar o pai para crescer, para afirmar-se, segundo o pensamento freudiano? Lera Freud também. Se queria ser escritor...

Somos todos assassinos, parricidas, matricidas. O homem tem uma natureza cheia de maldades. Por aí é que entram as religiões. E fazem o seu papel enquanto se limitam a isto: colocar o homem no caminho direto do bem.

Perdão! Acho que exagera, D. Xicote. O que diz não passa de palavras. Ou o mundo da família e do amor seria uma grande ilusão.

Depois de um longo silêncio, cabisbaixo, D. Xicote levanta-se.

Perdão, Amanda. Não quis contar-lhe essas coisas tristes, trágicas, nem minhas mágoas interiores acumuladas por anos. Mas se eu não dissesse a alguém, morreria, o coração dorido em tempo de partir-se. Sei lá o que elas me podiam fazer por dentro!

Mas agora está aliviado?

Sim.

Pois eu, pelo contrário, curto minhas angústias, mas não as contando, sublimando-as. Sabe o que é isto? Rezo. Trabalho. Amo. Tudo ofereço a Deus. E me conformo com ser pequena e humilde.

Ainda te lembras de Mariquinha? Ou tu és ela própria?

Digitalizado com CamScanner

Ou tu és a própria em pessoa, minha amada, Mariquinha, Amanda? - eis que de repente D. Xicote treme a fala, levanta-se e vai para outro cômodo.

Num sopro de piedade, ela quase conta um fato de sua vida, que poderia levar a outros. Contém-se, não se abre. Cumpre seu propósito de vida e de amor. Uma forma diferente de ser e fazer. Enfim, todas as formas estranhas são artísticas, são verdadeiras quando se confundem com a alma de quem as emite.

Não sei do que fala, meu amor. Deve ter sido um anjo que se fincou em seu passado longínquo e sobrevoa, invisível, ainda hoje. Não já seria tempo de esquecê-lo? Não compreende que outro anjo, de mensagem bem diferente, cuida de você?

Está com ciúme?

Amanda não respondeu. E sequer se abalou com a pergunta.

Depois, recobrando a consciência de suas implicações, D. Xicote assusta-se: - Era mesmo a voz de Amanda. O coração latejava no peito, querendo sair.

Acostumara-se a, quando abria os olhos, ver a cama vazia, Amanda já a fazer os ruídos comuns da cozinha: a água fervendo para o café, o tinir de xícaras, o passar a vassoura na casa, o mexer com os pratos, panelas e colheres.

Apurou a vista e o ouvido: e nada. Nada! Olhou em torno, ela deitada, imóvel. Anteontem tivera uns pensamentos maus, quando estava na Barragem. Depois, à noite sonhara, e novos pesadelos...

Amanda, querida? - chamou-a, colocando a mão em seu braço.

Frio.

Não é da madrugada. Estamos num mês quente. Que aconteceu?

Digitalizado com CamScanner

Continua o estranho silêncio sem resposta. Não quis acreditar. Quisera ser uma criança. Não quis crer logo no que estava por vir, pelo que começa a sentir e ver.

Meus Deus!

Nem um sussurro, a casa em silêncio de morte, o quarto era um escuro de breu. Acende a luz. Mas era fraca para ver o que pressentia. Escutara sua voz pela última vez, dormindo. Semi-acordado. Amanda tinha a face pálida. Estavam no lusco-fusco da manhãzinha antes do sol, mas entrevira seu rosto tão diferente, embora parecesse tranqüilo. Doente, com certeza. Morta, não é possível! Tocou-a várias vezes, beijou-a como fazia todas as manhãs, tentou remexê-la, abrir-lhe e fechar-lhe os olhos, meter a mão pela blusa para sentir as batidas do coração. Nada! Tudo imóvel!. Era ela. Chorar não conseguia. Tinha que enfrentar a situação. Deus não existe. Não pode existir. Quando tudo se encaminha para uma vida afortunada, ao lado de sua Amanda, eis que a megera, a traiçoeira se apodera de sua felicidade.

Da nossa - parecia ter ouvido sua fala.

Olhava mais uma vez para certificar-se. Não! Caía por cima do seu corpo frio. Gritava.

Ananias, Ananias!

Seu Chagas, D. Remédios, acudam-me por favor.

D. Conceição, acorda! Amanda está morta. Podem-me dizer por que isto aconteceu?

Não! Não é verdade que a vida existe. Isto que nos acontece é a contrafação da vida, da nossa felicidade há tanto tempo perseguida. Eu estou morto, eu estou morto, eu estou morto! - saiu feito um louco gritando, na porta da rua, desceu no rumo da Igreja, passou pelo açougue onde havia um ajuntamento de gente e levou a má notícia:

Amanda está morta!

Mas como? Não pode! Ainda ontem estava na missa.

Amanda está morta!

Conte homem, como foi... Como foi? Ninguém morre assim sem mais nem menos. Ela, uma moça sadia, inteligente e bonita. Nossa misse...

Digitalizado com CamScanner

D. Xicote gagueja, soluçando. Limpa os olhos prendendo o choro.

Vamos lá!

Vamos! acorreram dois conhecidos.

O médico foi chamado urgente. E atestou que ela morreu enquanto dormia, teve um colapso. Insuficiência cardíaca. Já sofria de asma e bronquite.

Não teria sido suicídio e o médico quis encobrir? Há médicos safados.

Ou teria sido morta. Por quem? Quais os indícios?

Mas, doutor, ninguém morre de insuficiência cardíaca, duma hora pra outra — disse D. Xicote sem nem pensar que estava caindo no que o povo queria: torná-lo culpado.

Morre, garoto. Qualquer insuficiência grave mata. Aliás, para morrer basta estar vivo.

Mas ela era tão feliz! Nós estávamos tão felizes! As pessoas felizes não adoecem - teima com o médico.

Hum! Console-se, rapaz. Todos nós temos que pagar esse débito à natureza.

D. Xicote concluiu, pessimista:

Tudo acabou. Quem vai me consolar na vida? Eu não era um doente, agora sim. Não se vive sem amar. O objeto de meu amor vai embora. Oh, meu Deus!

Os que estavam velando o corpo, entre os quais Dona Conceição, a vizinha da esquerda, seu Chagas e Dona Remédios, vizinhos da direita, a turma rezadeira e devota de Santo Antônio, pessoas todas de mais de quarenta anos, ficaram com pena de D. Xicote, apelido que Amanda tinha dado a seu Francisco Fernandes Feitosa, desde que botara os pés naquela casa. Uma tristeza. Ainda tão bonita e nova! Um casal perfeito. Enfim, tinha vivido sua vida da forma que queria. Verdade que era pra casar.

Mas não já estava casada com o moço? - outros papaguearam.

Não, não era!

Murmúrios.

Que línguas! Não respeitam a vida, por que iriam respeitar a morte? A vontade que tinham era de dizer que estava amasiada

Digitalizado com CamScanner

desde o começo. Deus tivesse pena da alma dela. Deus, na sua santa misericórdia...

Mas, que mal havia? O rapaz também não é desimpedido?

Quem sabe?

Sim, mas o sacramento completaria união tão bonita.

Não falemos nisto, mulher, não é bom. O corpo está presente. Deus é quem sabe.

Para elas, as crentes e beatas, Deus sabe tudo.

Para ele, D. Xicote, Deus não sabe de nada. Não sabe que a felicidade é a única coisa que se busca. Que quando ela chega o mundo devia parar. Pronto. A vida ser eterna.

Deus é uma pilhéria!

Não fale tolice, irmão. *Pai nosso, que estais no céu...*

Digitalizado com CamScanner

37

Pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome... Não fale tolice. Hoje ela, amanhã, nós!

Outros concordavam em silêncio.

A sala estremeceu com a premonição. Ouviram-se alguns estalidos na madeira dos assentos. Dedos se moviam.

A noite desceu sobre D. Xicote.

Não havia posto luto para a mãe, para o pai. Por ninguém dos seus mortos até então. Não acreditava em formalidades. Era um peso ter que esperar até a hora de sair o caixão. Para o cemitério. Não... Seus colegas da república já haviam prevenido o que o médico dissera: pode não suportar.

Retiraram D. Xicote. Deram-lhe sedativos e calmantes.

Dormiu pouco. Acorda sobressaltado. De novo, dorme mal. O outro dia foi um inferno. A vida era um inferno. Enfim, resolveu algo que lhe pesava: comprou um terno preto, gravata preta. Luto fechado na missa do sétimo dia, na igrejinha de Santo Antônio, que tanto freqüentaram, ali perto de casa, na praça triangular, com seus bancos de madeira e as flores dos canteiros por testemunha. Rosas, dálias e bogaris, um jasmineiro que derramava pétalas pelo passeio. Ela o ajudara a florir, aguando sempre que podia, solicitando às vizinhas que fizessem o mesmo, e brigava com as crianças que queriam arrancá-las nas brincadeiras dos dias de festa.

De óculos escuros. Não respondeu aos cumprimentos. Falava por gestos. Sabe-se que o médico o acompanhara por alguns dias, até que o estado geral levantou, ganhando melhor perspectiva.

Esquecesse.

Esquecer Amanda? Absurdo, doutor!

Os pais morrem, os filhos ficam. Continua a vida. É a lei.

Da vida ou da morte?

Digitalizado com CamScanner

Da natureza, de Deus, se assim quiser. Você tem muito tempo pela frente. Vai consolar-se em breve, com outra.

Não me magoe, doutor.

*

Os médicos são sábios. Esse errou na previsão. Mesmo após tanta perda (mãe, pai, namorada), D. Xicote não deixou de ser ele próprio, com seu sentimentalismo incorrigível. Agora se tornara mais esquisito, talvez por causa do distúrbio nervoso, era natural pelas circunstâncias. Descera fundo ao fio de suas origens. Perdera o medo de ouvir os outros a seu respeito. As qualidades se destacavam. Os defeitos eram apenas defeitos e marcas da sua personalidade. *Se os meus defeitos se sumirem, deixarei de ser eu, passarei a ser outro.* De quem é a frase? Com a mania recente de decorar pensamentos soltos dos autores que lê, mistura tudo, não sabe, não tem a menor idéia de onde o apanhou. Mas calha bem, o que é importante no momento, o é para toda a vida. Quando terminar de escrever o romance das vidas que passaram por sua vida, de como sua vida passou por essas vidas, assim se expressará. Mas como lembrar frases e versos? Poemas inteiros? Nomes dos autores? Livros onde colhera? Para citá-los com coerência?

Volta a escrever compulsivamente. Não há papel que chegue.

Boa parte do seu trabalho permanece em manuscrito, cheio de borrões, recentemente provocados pelos pingos de choro que caem, antes pela mania de lavar as mãos, e de emendas e rasuras, estas em vista das indecisões que o seu íntimo o obriga. No fundo da gaveta.

De momento a momento quer vê-lo, mas não tem coragem de apanhar. Está num estado de imobilidade que lhe parece que é a morte que chega. Chegará certamente. Mas não se sabe quando, nem deve saber. Para uns hoje, para outros amanhã. Assim, o rio da vida seca e o mar da morte, revolto, enche. Até nunca.

A morte deveria ter chegado para ambos, menor sofrimento; separado é tríplice: ela, ele e o destino. Morrendo de

Digitalizado com CamScanner

noite, sem que ninguém visse, quem sofreria? Morrer sem ouvir as ânsias e sem sentir a agonia dos últimos suspiros é uma graça que Deus não concede a todos. Só para os bons, os justos iguais a ela, Amanda. Tudo o que fez foi tão grande!

Tudo o que fiz foi tão pequeno! Por isto choro.

Lágrimas que o lenço não enxuga.

Ananias não apareceu, mandou-se para distante. Estava curtindo a distância da casa da irmã, que se tornara pequena para ele. Procurando mulher, mulheres e bebida. Se vier, será para vergonha dos presentes. Bêbedo de não se segurar em pé. Depois, de suportá-lo. Com o tempo, D. Xicote consegue limpá-las. Olha primeiro se não há ninguém por perto. Quem? Não está no hotel. Quem? As sombras o acompanham, assusta-se. Mas tudo muda sem a gente perceber. O tempo é o melhor remédio para o que não tem remédio. Xicote imperceptivelmente vai tomando um pouco de alento.

Não há fatos maiores. Os mais pequenos, conforme a perspectiva, podem transformar-se em maiores, ou sumirem. E consolam.

Sem se fixar, anota e coloca com cuidado no bolso da camisa. Era um título que utilizaria como capítulo de seu romance: *As coisas pequeninas...* Ou *As pequeninas coisas...*

Digitalizado com CamScanner

As pequeninas coisas que não soube aproveitar... Já não fala nas grandes. Para não morrer. Não torná-las maiores.

- Amanda, levanta-te, e eu te mostrarei como sou bom, amigo, não te magoarei mais em nada deste mundo.

E então lhe voltam os devaneios do tempo de criança, os sustos e as formas de agir não agindo, como quem tudo quer reconhecer, principalmente as simples, miúdas, inocentes: o perfume das florzinhas do campo, estranho para quem se acostumou de há muito aos maus odores da cidade, nos seus óleos, nas suas graças e desgraças; como é que ele se desprende; antes, como se desdobra a flor que ontem era um botão. Todos foram botões.

É a volta do interesse dos nomes de todas as plantas e ervas, pássaros, aves e insetos que fervilharam em seus caminhos, infernizando as pernas, os pés e as mãos, e por isto foram infernizados ao extremo: decepando as patas, as asas, as pétalas, as folhas, os galhos, esquadrinhando seus mistérios.

- Ah, Amanda, como me lembram as caçadas de passarinhos. Aprendi a fazer gaiolas e alçapões, mas peguei apenas um canário. No outro dia tinha desaparecido da gaiola. Suspeitei que fosse o Zé Bila, vendedor de passarinhos no mercado. De baladeira, por meio mundo das matas da Terra dos Condenados, da beira do rio às serras de um lado e outro, e só consegui acertar um periquito no meio de um bando que parecia uma guerra, pois que haviam tomado conta de uma árvore. Atirei para cima e vi a queda. Difícil não acertar. Saí pulando de alegria. Fui contar a todo o mundo.

- Quantos? - perguntou a molecada.

- Um, só um.

- Um?!... Então foi sorte. Falta de pontaria. Isto é coisa que se conte, Xicote! Eu tinha vergonha de dizer. Melhor ficar

Digitalizado com CamScanner

calado. Um dia matei dez, trouxe pra casa, minha irmã fez um frito gostoso. Deu pra todos de casa comer. Foi uma festa. E você?

- O meu? Deu só pra mim. Minha mãe pelou e tratou bem tratadinho. Nós dois comemos, mas quase não senti o gosto. D. Morena, não sei se pra me consolar, disse:

- Fez bem, meu filho. Não é coisa boa matar os bichinhos que vivem livres. Eles só fazem mal à gente quando dão pra comer o arroz e o milho da roça.

- Mãe, não fale assim. Já estou sentindo remorso. Nunca mais matarei passarinho nenhum. Só tenho raiva de Zé Bila porque roubou meu canário. Eu nem ia vender. Estava resolvido a soltá-lo, queria, sim, vê-lo tirando um vôo grande de liberdade.

Bom coração. Às vezes tinha raiva. Muita, de quebrar tudo o que aparecesse na frente. Depois, arrependia-se, triste, amargamente. Arrependimento tarde nunca valeu a ninguém - mãe repetia seu saber passado de geração a geração.

Recorrer ao passado, assim, assim? Não, pelo menos de forma absoluta, essa volta pode pesar e trazer transtornos irreparáveis. Prefere as cismas às conversas com os meninos. Uns bestas. Eles não lhe trazem satisfação. Não obstante saber, impossível fugir. E os mais jovens que ele, aquelas crianças, querem-no para quê? Bem que os quer, mas eles têm mil e uma solicitações fragorosas: pular, correr, brincar... Como ele teve até bem pouco.

Nem o futuro que ninguém sabe. Se o homem soubesse do futuro, não haveria futuro. Por que ficar pensando nele? Nada mais lhe resta a construir senão alguns pensamentos, algumas ironias ou o sarcasmo que ninguém ouve. Alguma frase engrolada, algum verso provocante. O riso de quem lhe ouve é chocho. Como fazê-los rir?

Só o presente é o que lhe deve interessar. Se possível, com a ausência do tempo-existência. Todo o tempo que deseja agora é o tempo físico, agradável, de lua ou de sol, de chuva ou de vento, do mar ou de selva. De pescarias nos rios, enquanto não secam. E esse tempo não vem. Porque qualquer tempo vem de dentro.

Digitalizado com CamScanner

Viver o presente, olhar com o olho inquisitivo de filósofo, de poeta, nunca com aquele do homem prático que quer tudo conquistar. O tempo de conquistas do mundo já se foi e nele se perdeu. Nelas, a grande conquista.

O santo de Nazaré, em quem milhares acreditaram e acreditam como Deus, ou como filho do Criador, proclamou há dois milênios:

- De que vale ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder sua alma?

- Se vier a perder o seu amor, Amanda?

Viver o saldo, o lucro, o fruto do que fizemos, do que herdamos, ou das meras circunstâncias ganhas através do que se convencionou chamar aleatoriamente de destino. Não cabe recusá-los, nem a beleza nem a bondade gratuita do ar e da luz do sol, numa manhã de junho, mesmo que seja no mês em que se aproxima a data funérea do natalício.

D. Xicote recusa como poeta:

- È funesto a chi nasce il di natale.

Não cabe pensar nos atos próximos nem acreditar que vão a cada dia ficando mais perto do peito, nem fazê-los enormes pela imaginação, quando devemos apequená-los, ou esquecê-los.

- Aquietai-vos, homens de pouca ou de muita fé, o fim dos tempos...- proclamam os pessimistas.

As tensões sexuais gastas em noites de ronda pelos lugares mais perdidos, com as pessoas que perdem a humanidade na venda do próprio corpo; as perseguições incestuosas, impossíveis, que o perseguiram quando criança; as preocupações juvenis com a própria imagem, fosse um fio de cabelo ou o nariz torto, amassado ou acutilínio; tudo o abandonou a seu tempo; se fora do tempo, foi sofrimento a mais, para amealhar rugas e doenças.

E é sabido, de acordo com a natureza, que ainda são fogo aceso de dentro para fora. As comichões da carne que a sociedade proíbe, para fruir o amor com calma, silêncio, paciência, proveito, sabedoria.

D. Xicote pode agora, livremente, olhar as mulheres que passam em rodeios domingueiros pelas ruas, com moderação

Digitalizado com CamScanner

- mesmo novilhas em folha, sua idade permite - sem aqueles impulsos agressivos que não conseguia debelar, olhá-las como a um modelo ou um quadro, nada mais.

- Reprimir o quê? Tudo? Nada?

Goza a beleza, a luxúria e a força do olhar de quem passa, seu sorriso fresco e gentil, suas palavras ternas, mesmo que sejam só como um "bom dia" ou uma "boa noite" mornos e frios. Se não lhe abrirem a voz, o silêncio será interpretado não como mutismo propositado ou de nascença, mas como estado de espírito. E acertará.

No momento envolve-se com outras situações: amor, paixão, vitória, lá nos céus... - pensemos.

É bom pensar. E ter palavras de louvor para ela e para as coisas que a rodeiam, seja o vestido, os brincos, o anel, seja para seus cabelos atrepados em catitos penteios, quando se prepara para a festa... Comungue com elas, de longe. Xicote. Seja generoso. Comungue com as demais na multidão, com as vozes inaudíveis, com a música das palavras, com os fatos que não lhes digam respeito. Não lhe bastem o olhar ou a palavra, outros gestos traduzam bem seus sentimentos.

Não tens mais condição de ser hipócrita, Xicote. Chegou ao fim.

- Não temos mais condição de ser hipócritas! - Amanda diria, revelando os seus segredos.- Também, seremos quase coisas quando nos esquecemos a humanidade do outro, a vida verdadeira, a vida eterna.

Se o homem se transforma em coisas (não mercadoria), elas serão suas irmãs. Essa consciência de fazer parte da humanidade e do universo, esse sentimento de haver, em algum lugar e momento deste ou de outro mundo, alguém feliz - faz parte da felicidade criadora - essas pequeninas coisas lembradas pelos poetas.

Um gesto no branco do horizonte não precisa ser de adeus, pode ser um poema que se escreve... Um poema pode chegar ao ouvido ou à vista de algum leitor/ouvinte. Um crítico pode resgatá-lo do esquecimento. Palavras podem cair num livro de escola, de academia, ou num clássico, voarem pelo espaço. Há

Digitalizado com CamScanner

coisa menor que um poema curto? Às vezes em dois versos contêm a largueza dos horizontes, a profundidade do mar, a riqueza dos oceanos.

Como já disseram, e é verdade, nos pequenos frascos se guardam os grandes perfumes.

- Amanda, você foi meu pequenino grande frasco. Levaste todo o meu perfume.

Pequenina qual um perfume lembrado da infância. Ou uma flor. Ou uma pétala guardada entre as páginas de um velho livro de poesias, ou de cartas de amor. Lembranças escapadas da poeira do tempo, do cupim, da traça, do velho mofo, tão grandes, tão grandes...

- Mas vocês não fizeram o romance, somente a poesia da vida - dirão as línguas ferinas.

Dirão mal. Sim, também, esses elementos estão no romance e são o romance, na sua forma romântica e, agora, na vertente da tragédia, pois a vida em si é a tragédia do homem.

- Não pense mais nisto. Pense numa graça. Será eterna.

*

Depois desse diálogo com seus pensadores e poetas, com Deus e com sua amada no Além, D. Xicote foi tomar um chá, sozinho, no mesmo lugar em que partilhava com Amanda, firmemente agüentando-se, como se olhasse as estrelas. Dentro, as gotinhas que o médico receitou.

Ela está lá, no céu.

Ela está lá, no céu! - Foi como se ouvisse um eco distante, subindo...

Tudo isto são coisinhas pequenas, deste mundo, que tornam as criaturas fortes e grandes dentro do coração do universo - e enternecem um coração mofino, desgraçado.

Digitalizado com CamScanner

39

Um coração mofino. Desgraçado...

Há muitas lembranças a recuperar para sua vida e para seu trabalho - consolavam-no.

Afago, afego, afigo, afogo, afugo...

Onde ouvira, lera ou havia posto os olhos? Poemas são feitos de palavras. E belas palavras, inventadas ou não. Em cadeias de pensamentos santos e místicos fazem a música. Aliviam a alma. Às vezes atordoam. Mas, no fundo, são alimentos.

Outrora - e dizia assim como se fosse velho, e velho ainda não era - chicoteavam-no porque era feio, magricela, desengonçado. A questão posta: - o que é ser feio? Que podia fazer para não sê-lo? Ter confiança em si, ter dignidade, afirmar-se. Olhar o mundo de frente.

Desde os primeiros anos de sua vida ia tomando tento. Toda criança é igual. A partir do crescimento, cada uma pega seu rumo, sua característica. Ninguém gosta de ser parecido com outro, por mais ilustre ou importante que o outro seja. Ninguém deseja ser sósia. Por quê? Ser feio fisicamente era uma coisa que não dependia dele, mas de Deus.

Deus? Também ele era diferente. Não foi feito à semelhança do homem. Que fosse: semelhança não é igualdade, continua sendo diferença. Deus já estava quando o homem chegou. As coisas acontecem ao contrário. Logo, Deus é único, é feio.

Eu sou feio... Você é feio. Mas eu sou infeliz.

Não diga isto. As palavras são mágicas. *Dizei, e te tornarás...*

Eu sou eu! Ah, sim, filho de um Deus de bondade! - lembrava das palavras de Amanda.

Criticavam-no também pelo que dependia de sua ação, do seu fazer. Por pronunciar palavras feias, frases incorretas e inconseqüentes, ou palavrões, imoralidades. Consertou-se. Críticas

Digitalizado com CamScanner

porque, em pequeno, mijava na rede, porque corria, porque chorava, por calar-se quando devia gritar. Por não fazer silêncio, outras vezes. Enfim, por tudo.

Por que fica pelos cantos da casa, triste?

Ninguém quis ouvi-lo a falar de suas misérias. Quando diminuiu os lamentos o astral começou a melhorar. Eram idas e vindas, caídas e levantadas. Uma luz acendia em sua mente. Raios de sabedoria. Não dependentes da instrução. Se assim fora, Jesus não seria tão sapiente.

Jesus - Amanda!

Quem tanto soubera fazer elogios às pessoas, seria remédio passar à crítica? Pegar o cabo do chicote? O outro lado da moeda? Voltaria a ser Xico, chicote. Era ser diferente.

Vestido de preto da cabeça aos pés, caminha na noite de breu quando as luzes se apagavam. Nas luas, recolhia-se. Evitava falar com quem passasse em seu caminho. Só por gestos, sério, sisudo, de chapéu. Também preto. Não era possível ficar na mesma casa, sem ela. Fugiu da república, do hotel, não disse para onde se mudara. Certamente estava em algum lugar da cidade, que os seus conhecidos não adivinhavam.

Para esquecer sua morte, sua ausência, Amanda.

Mas nos jornais saíam, de vez em quando, poemas para ela. Mandava pelo correio, para a redação. Com pseudônimo. Certamente comunicava-se com alguém. O homem é condenado a viver com outros. É condenado a condenar sua solidão. Mas, quem? Quando? Quem goza (ou sofre) por sua intimidade? Pelas aparências, quando não fosse amargo, seria chato, triste, sem graça. D. Xicote chicoteava a sociedade e ao mesmo tempo batia em si com a chibata mais dura: o relho de couro cru do tempo de menino. Homem estranho, esquisito.

Aqui encerra seus pensamentos, suas elucubrações. Fecha o caderno.

Seria um doente? Vivia de quê?

Estava aposentado pela Previdência Social?

Tão novo?

Mas escreveu tudo o que acontecera em Curralinho e na Terra dos Condenados. Estava aqui ou lá?

Digitalizado com CamScanner

Era castigo! A morte de Amanda não fora explicada direito. Uma moça como ela não sofreria do coração. Impossível. Expiação de pecados é o que podia ser.

Agora, horríveis suspeitas, sem fundamento, eram levantadas.

A maioria dos curralinhenses enxerga traços de loucura no rapaz:

Um louco. Que estranho! Como confiou!

Amanda não queria lembranças nem amizades. Diferente do tempo de colégio. Não sentia o vento da rua, a presença dos outros. Era só D. Xicote. Peso de chumbo.

O vento e as lembranças não mais carregavam D. Xicote como quando chegara a Curralinho. Uma vareta. A lista de um pijama. Na balança: 40 quilos. Por que o olhavam com pena? Era feio, sim, mas não tão horroroso, tão desigual que não contivesse um atrativo. Louro. Olhos azuis. Rosto oval.Vinha de gente de bem. E bem pobre. Cabelos penteados. Nariz reto. Boca... Bem, a boca nem tanto. Aqui começavam as diferenças. Corpo bem feito. Bundudo. De ombros leves. Mãos finas. Palavras doces. A voz, um encanto. Já o haviam dito algumas vezes, antes mesmo de ser convidado para o programa na rádio, tão logo começou a trabalhar como jornalista. Cantava um pouco, tinha voz. De letra, era bom recitador. Outras diferenças. Mas doce de conversa, doce de gestos.

A brisa e o tempo se foram para onde não queriam, desabara o temporal. Estava diante dos seus olhos, o retrato de Amanda, o mais bonito que tirou, num dia de sol, lá, à porta da igreja. Já o vira tantas vezes e só agora o enxergava, admirado. Por quê? Em seguida, por acaso, dentro de um baú, encontra um calhamaço de papel com sua letra medida, cheirosa, bonita...

Falando sobre ela, sobre os dois, sobre o mundo?

Abre-o nervosamente. Depois da capa ou o que seria a sugestão, com título, nome de autora, data, e aquele rio, cachoeira impetuosa de palavras em profundidade sobre si mesma e suas contrariedades, contradições, desejos, segredos, aquele... Estaria tudo ali?

Digitalizado com CamScanner

40

19.4 - "Estaria tudo ali? Meus segredos, aquele... Não contarei jamais.

20.5.- Estas linhas ninguém vai ler, eu sei, porque não valho nada, apesar de ter me esforçado desde criança. Desde o dia que te conheci com aquela camisa listada, pequena para você, faltando alguns botões, os pés na alpercata de rabicho, de couro cru. O cabelo grande por falta de barbeiro. Você estava viajando. Como era mesmo o nome de seu companheiro? Olhei nos seus olhos pequeninos e fiquei encabulada. En-ca-bu-la-da mas só sabia olhar para você. A cabeça na porta, outras vezes pela brecha da parede. Fiquei aperreada, aperreadinha, quase dou um grito, uma vez que você tinha saído. O terreiro estava uma lama só. Chovia ainda mais fino. Você chegou molhado e eu corri para levar uma toalha para que se enxugasse

- Seu nome? Não digo.

- Quer trocar de roupa? - pensei em perguntar quando o vi todo enlameado. Pensei e não falei. Que é que eu podia falar a alguém que passava uma vez na vida em minha casa?

Aquilo me ficou.

21.5 - Hoje é domingo, pé de cachimbo... Besteira! Eu me sinto desolada. Ele saiu, foi conversar com os colegas na praça. Bem que eu devia ir à missa. Passaria na praça, um pouco de longe, pela rua de lá, de perto do morro, depois era descer noutra e subir para a igreja grande. A esta igrejinha daqui de perto está com anos que o padre não vem. Só nos festejos de 19...

Arre! Depois destas linhas, terminando de dizer alguma coisa, confessar algum desejo, me sinto melhor.

Vou à missa. Sigo o meu destino. Todos têm um. Cumprirei o meu até o último dia. Sinto que já se aproxima.

Digitalizado com CamScanner

22.5 - Minha mãe morreu dez anos antes de a gente viajar. Que pena é não ter mãe! Meu pai ficou pai e mãe. Mas logo que você e seus companheiros passaram meu pai adoeceu. Ficamos sem terra, viemos pra cá. Teve que procurar a casa de meus tios. Aqui morreu, na casa de tio Crispim. Até agora estaria lá, não tivesse arranjado o emprego... Não me arrependo. Mas naqueles tempos da fazenda esperei muito... Suspirava como toda menina. Pois o rapaz tinha me feito eu ficar pensando nele.

24.6 - Festa na Matriz. Foi naquele dia que nos conhecemos. Ele não me reconheceu mas eu tinha certeza de quem era. Depois que ele me contou sua história, pronto, é ele. Mas ele não me reconheceu ainda, nem vou revelar-lhe, pois isto me faz bem. Mulher gosta desses segredos. De calça azul e camisa branca de mangas compridas. Sempre era o seu traje quando chegou aqui. Vi que lhe faltava um botão. Prometi pregá-lo se fosse à minha casa. Foi. Preguei. Pregamos um no outro.

25.6 - Mas "ele" não é ele. Como vou saber? Fico confusa.

29.6 - Tomara que acabem essas fogueiras, foi bom naquele dia, nem sentia o cheiro da fumaça. Agora é horrível. Tenho problema de asma. Não quero que ele saiba. Tenho bronquite. Não quero que saiba... Nem que meu nome mudou. Me sinto bem com este.

30. 7 - Qual é meu nome? Não sei. Quero que ninguém saiba. Meu passado está encerrado. Me basta o presente com D. Xicote. Às vezes penso que não mereço tanto.

O resto estava rasgado, com riscos por cima, para dificultar ou impedir a leitura. Perdido... Não era possível mais uma palavra. Muito menos frases.

Que pena!

Digitalizado com CamScanner

41

Que pena! Sussuapara, caminho do açude, caminho do Além.

Ah! gora, gora! O tufão! Com a boca aberta e o vômito d'água, sangue, baba. Vida que quis e não vivi... Tenho que relembrar sempre, recompor, refazer, reescrever, ré... ré... E não sei se o leitor viveria comigo essa tortura. Leitor não feche a página antes do final, antes do último som, da última palavra, da última agonia. Se escapou algum sentido, volte-a e faça como eu... Ou como o caminhão da limpeza pública que vem pegar o lixo, limpar as calçadas do sujo dos outros. Eles, os sujos.

Sem Amanda, sem ela, nada feito, nada se fará. Volte. Ré... Ré... Ré... Ré... Ré... Ré... Assim, a funerária. Ré, ré, ré, ré, me deixem só, podre, fedendo para o mundo, para a vida, para que o mundo me ojerize e faça marcha a ré, rapidamente como quem corre com medo do diabo, do demônio.

Deus, eu não mereço ser enterrado junto com as pessoas da sociedade, com os vivos.

Passa a marcha no jipe, não aquela comum de ir para a frente, mas uma só, uma que vai para o desconhecido, por mais que haja espelhos.

Sussuapara, Sus! Sus! Surge. Não tenho susto. Ninguém me viu. Ninguém me verá.

Rérrrrr... Rérrrrr... Rérrrrr... Rérrrrr...

Rérrrrr...

Rérrrrr...

Rérrrrr...

Digitalizado com CamScanner

42

Rérrrrr... Rérrrrr... Rérrrrr... Rérrrrr...

Alguns dias depois, quando Ananias bateu à porta - tinha perdido a chave, foi a desculpa - ninguém veio abrir. As folhas das árvores cobriam a calçada. Deu uns murros e chamou alguns nomes feios.

Dona Remédios, a vizinha da direita, veio de lá e contou-lhe toda a tragédia. Ensaiou um choro, mas logo calou.

Depois você vai me mostrar a cova dela.

Sim, com certeza. Está bem bonita. Coberta de flores que muitas pessoas vão levar. Outras ficam durante muitas horas orando... Moça boa, sua irmã. É uma pena. Mas Deus sabe o que faz.

E ele?

Desapareceu.

Depois desse diálogo, entregou-lhe uma carta endereçada a Francisco Fernandes Feitosa.

É ele.

Com a cara de quem está com raiva, decepcionado, quis jogá-la fora. A curiosidade foi maior que a vontade de destruí-la: rasgou o envelope. No papel estava escrito:

Sr. Francisco Feitosa,

"Parabéns! Seu romance, ***O Inocente,*** *foi aprovado pela comissão de leitura e será em breve publicado. Entre em contato com o Diretor Executivo desta Editora, para assinar o contrato e acertar os últimos detalhes.*

p/ Edições ***Vento em Popa****, Rio".*

Diretor

Digitalizado com CamScanner

Ananias picou o envelope bem miudinho, depois a carta, e, sem saber o que fizesse, entregou a D. Remédios, como que dizendo que jogasse no lixo. E, num movimento rápido, salta a portinhola da entrada lateral, apesar dos pedidos da vizinha que viesse buscar a chave. Nos fundos, força a porta com os pés, arromba-a, entra e pega os papéis que encontrou dele e dela, e fez uma fogueira.

Pra que você fez isto, rapaz? Eu tinha a chave.

Sem responder às ponderações da vizinha. Saiu, deixando a casa aberta.

Roupas, sapatos, pentes, escovas, lençóis, redes - limpou tudo e conduziu para a casa de sua amásia, que vivia lá para a rua da Malva.

*

Agora, sim, o vento e as lembranças carregam D. Xicote para regiões insondáveis.

Digitalizado com CamScanner